

**UNESP- UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “Júlio de
Mesquita Filho”**

**FAAC - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação
Curso de Jornalismo**

ANNELIZE PIRES AUGUSTO

**A imagem de travestis e transexuais na televisão: Uma análise dos
programas *A Liga, Conexão Repórter e Profissão Repórter***

Bauru

2015

ANNELIZE PIRES AUGUSTO

A imagem de travestis e transexuais na televisão: Uma análise dos programas *A Liga, Conexão Repórter e Profissão Repórter*

Projeto Experimental apresentado em cumprimento parcial às exigências do Curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, do Departamento de Comunicação Social da UNESP- Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social- Jornalismo.

Orientador do Projeto Experimental:
Prof.º Dr. Arlindo Rebechi Junior

Bauru

2015

ANNELIZE PIRES AUGUSTO

A imagem de travestis e transexuais na televisão: Uma análise dos programas *A Liga, Conexão Repórter e Profissão Repórter*

Projeto Experimental apresentado em cumprimento parcial às exigências do Curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, do Departamento de Comunicação Social da UNESP- Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social- Jornalismo.

Bauru, 5 de maio de 2015.

Profª Dra. Larissa Maués Pelúcio Silva

Membro da Banca Examinadora

Profº Dr. Claudio Bertolli Filho

Membro da Banca Examinadora

Profº Dr. Arlindo Rebechi Junior

Orientador e presidente da Banca Examinadora

Agradecimentos

Não haveria outra forma de iniciar estas breves palavras se não fosse agradecendo à minha mãe, Sueli de Fátima Pires, pessoa mais importante de minha vida, mulher que me mostrou o que é ter garra e nunca desistir, que sempre esteve ao nosso, meu e de meu irmão, lado e que sempre me deixou livre para seguir os meus sonhos. É ela que, diariamente, me ensina o que é ser forte e determinada. Obrigada, mãe, por todo apoio e segurança, por estar sempre por perto e nunca me deixar baixar a cabeça. Te amo infinitamente!

Agradeço, também, ao meu irmão, João Gabriel Pires Augusto, que mesmo indiretamente me ajudou e continua, constantemente, me ajudando a ver as situações a partir de outros pontos de vista. Obrigada, Jô, por ser tão diferente e tão igual a mim, por me apoiar, proteger e me dar força para continuar meu caminho e nunca me abalar. Te amo.

A minha madrinha, Edna Pompeu, que desde que nasci acompanha meus passos, está ao meu lado, me ajudando e me apoiando para que eu siga minha própria cabeça e meu coração, mesmo que fazê-lo pareça loucura. E que nos momentos difíceis esteve sempre disposta a me ajudar, me dando todo o suporte necessário. Obrigada por me ajudar, por aplaudir meu sucesso, por puxar minha orelha, pelas leituras de i ching e dos signos e por acompanhar o caminho que venho trilhando. Agradeço de coração.

Ao Prof^o. Dr. Arlindo Rebechi Junior, que tão prontamente aceitou o desafio de orientar este trabalho de conclusão de curso, mesmo com o pouco tempo. Que me ajudou, sempre esteve disponível para discutir os temas e me deixou livre para escrever o trabalho da maneira que eu me sentisse melhor. Agradeço pela generosidade, pelas orientações, os ensinamentos, a ajuda e o apoio.

A Mayra Fernanda Ferreira, mais que uma professora, se tornou uma amiga ao longo destes anos de graduação. Obrigada por toda a ajuda, por acreditar em mim, por me acalmar nos momentos em que me desesperei na vida acadêmica e pessoal, pelas dicas, conversas e pelos ensinamentos. Espero que a amizade continue!

Ao Lucas Loconte, que me ajudou a diagramar a cartilha que compõe o apêndice deste trabalho. Obrigada pela paciência, pela ajuda e pela criatividade na diagramação.

Aos amigos, poderia nomeá-los, mas não teria espaço suficiente para agradecer a todos e fazê-lo parcialmente, seria injusto. Agradeço a todos que acompanharam meus passos, me apoiaram, não me deixaram enlouquecer, me distraíram e me ajudaram,

mesmo que indiretamente. Obrigada pelas saídas, conversas, pela torcida, por vibrarem comigo quando entrei na graduação e, mais recentemente, quando passei no mestrado e por estarem sempre dispostos a conversar.

Dedicatória

Dedico este trabalho a minha mãe, que sempre me encorajou, e a todos que, assim como eu, não se conformam com as injustiças e desigualdades, tanto reais quanto discursivas. Que possamos, mesmo que pouco, fazer a diferença nesse mundo.

Epígrafe

“Todos nós temos nossas máquinas de tempo. Algumas nos levam de volta, elas são chamadas recordações. Algumas nos levam adiante, elas são chamadas sonhos” Jeremy Irons

AUGUSTO, Annelize Pires. **A imagem de travestis e transexuais na televisão:** Uma análise dos programas *A Liga*, *Conexão Repórter* e *Profissão Repórter*. Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Unesp, Bauru, 2015

RESUMO

Percebendo que os veículos de comunicação de massa tem grande influência sob seu público, auxiliando-o e mostrando conceitos e produtos culturais e, por que não, influenciando em sua forma de pensar e entender o mundo, este projeto tem por objetivo analisar como os programas jornalísticos semanais *Profissão Repórter*, *A Liga* e *Conexão Repórter*, por meio da construção do discurso, com a utilização de elementos socialmente difundidos, e da edição de imagens, articula e apresenta a imagem de travestis e transexuais enquanto pessoas que estão inseridas na sociedade e que são relacionadas com a cultura que está sendo formada. O corpúsculo da pesquisa compreende o episódio de cada um dos três programas veiculado na televisão que aborda temáticas relacionadas a transexualidade, travestis e cirurgia de readequação genital. A fundamentação teórica utilizada para realizar as análises será a teoria dos Estudos Culturais de Johnson e Williams, teorias sobre transgeneralidade, travestis e transexuais e sobre o jornalismo. Por meio da análise dos programas pudemos constatar que, mesmo buscando uma forma diferente de abordar os assuntos, tais programas acabaram por mostrar discursos com elementos culturais socialmente difundidos. Tal reprodução destes conceitos acaba por transmitir e reafirmar conceitos e ideias de forma estereotipada e preconceituosa, ocasionando em uma contínua disseminação.

Palavras-chave: Transexual; Travesti; Estudos Culturais; Profissão Repórter, A Liga; Conexão Repórter

SUMÁRIO

Resumo.....	1
1.Introdução.....	4
1.1 Contextualização e Justificativa.....	4
1.2 Hipótese.....	5
1.3 Objeto de pesquisa.....	6
1.4 Problema de pesquisa.....	6
2.Objetivos.....	7
Gerais.....	7
Específicos.....	7
3. Metodologia.....	8
4.Fundamentação teórica.....	9
4.1 Breve histórico da sexualidade.....	9
4.2. Gênero.....	16
4.2.1) Travestis e Transexuais.....	25
4.3 Jornalismo e cultura.....	36
4.3.1 Mídia como formadora e (re)afirmadora de opiniões, modelos e padrões.....	36
4.3.2 Mídia, conceitos e preconceitos.....	46
4.4. As teorias dos Estudos Culturais: contribuições teórico-metodológicas para a análise midiática.....	49
4.4.1 Cultura.....	51
5.A transgeneralidade nos programas televisivos.....	59
5.1 Profissão Repórter.....	59
5.2 A Liga.....	83
5.3 Conexão Repórter.....	106

6. Considerações Finais.....	124
7. Referências bibliográficas.....	128

1. Introdução

1.1 Contextualização e Justificativa

Desde o início da faculdade de jornalismo, ou até mesmo, antes de fazer o curso, sempre tive um interesse muito grande pelo discurso que eu transmitiria aos demais. Entrei na faculdade e conforme o curso foi passando, me interessei pela área da pesquisa, o que não diminuiu meu receio sobre o tipo de discurso que eu faria. Sempre me preocupei em ser imparcial, até que descobri que no jornalismo, a imparcialidade é um pouco mais complicada do que a maneira como eu acreditava que seria. No entanto, continuei amando a prática jornalística, seja na área de seus estudos ou de sua prática.

Quando iniciei meus estudos na área da pesquisa, pude perceber mais profundamente, que a área discursiva, realmente, envolve questões que vão além do que está sendo mostrado explicitamente. Analisar textos culturais, sejam eles impressos, televisivos ou qualquer outra forma de comunicação, me mostrou que podemos, sim, transmitir a mensagem desejada, mesmo que nas entrelinhas. Com isso, talvez, seja possível transmitir conceitos, normas, regras e ideias para a sociedade que contribuem para a compor a cultura que vivemos. Assim, me interessei em saber se, efetivamente, os discursos transmitem mensagens de maneira implícita, que mostram sua linha editorial, suas opiniões, suas discordâncias e de que forma isso é transmitido. Durante minha pesquisa de iniciação científica¹ tive a oportunidade de analisar textos de um jornal impresso, *O Estado de S. Paulo*, e, por meio da semiótica francesa e do percurso gerativo, entender que o sentido dos textos está, sim, transmitindo mensagens que em uma análise não aprofundada não deixa transparecer.

Transexuais e travestis são entendidos como indivíduos que, não se identificando com o gênero que lhes é designado no nascimento de acordo com seus genitais, optam

¹ A pesquisa de iniciação científica foi realizada entre 2013 e 2014 com financiamento da agência FAPESP. Durante este período, sob a orientação do Prof.º Dr. Jean Cristtus Portela, foram analisadas matérias publicadas entre 2011 e 2013, no jornal *O Estado de S. Paulo*. Tais matérias possuíam os sujeitos transgêneros, sendo utilizado apenas este termo nas buscas, como atores principais. Foi possível perceber como os percursos desses sujeitos são escassos nos jornais, foram encontradas apenas 8 matérias que abordavam especificamente os transgêneros. A partir das análises utilizando a semiótica discursiva de A. J. Greimas e seus colaboradores, pudemos concluir que todas as matérias discorriam sobre sujeitos de outros países, que não o Brasil, e continham desfechos positivos. Esta pesquisa se mostrou importante para percebermos o quanto a transgeneridade não é, ainda, abordada de forma igualitária aos demais assuntos pela sociedade.

por buscar uma redefinição de acordo com a maneira pela qual se sentem confortáveis e com a qual se identificam, podendo ou não passar por cirurgias de adequação genital.

Mesmo com a atual abertura da sociedade ocidental para assuntos que, em outras épocas, eram considerados socialmente inaceitáveis, pode-se notar que o preconceito ainda está presente em determinados grupos sociais, muitas vezes grupos com influência popular, representados em grandes meios de comunicação. Tais preconceitos vão se enraizando na sociedade fazendo com que os discursos culturais propaguem determinados conceitos e ideias, e os aumentando, ainda mais, a partir da concordância daqueles que os seguem. Assim, travestis e transexuais, mesmo com a abertura da sociedade, continuam sofrendo com estereótipos.

Os veículos de comunicação de massa, com seu poder de influenciar o público, poderiam, a partir da produção de matérias, proporcionar pontos de vista e novas formas de entendimento de todas as categorias que compõem a sociedade, auxiliando seu público a ver com naturalidade os assuntos que os cerca e entender que todos os indivíduos possuem suas particularidades e características pessoais e que todos são participantes de uma mesma sociedade, não havendo, em última instância, motivos para preconceitos e violência.

1.2 Hipótese

Acreditamos que um texto, seja ele escrito, verbal ou imagético, transpassa os limites os limites do que suas palavras nos mostram, de um texto podemos tirar diversas interpretações, o uso de determinados termos, expressões e adjetivações que nos fazem compreender o que não está sendo dito. Ao analisar programas televisivos também é possível perceber uma construção de imagem de algum sujeito. Imagens podem, muitas vezes, falar mais que as palavras, ao unir um texto de fácil compreensão com imagens bem escolhidas, um programa pode transmitir uma sensação de proximidade com a realidade muitas vezes com mais intensidade do que um texto. A dinâmica televisiva pode transmitir uma forma de “realidade” para seu público que toma para si o que está sendo mostrado.

1.3 Objeto de pesquisa

Os programas “Profissão Repórter”, transmitido pela Rede Globo de Televisão, “A Liga”, transmitido pela Rede Bandeirantes e “Conexão Repórter”, transmitido pelo SBT, possuem um formato muito semelhante, todos são programas jornalísticos que “vão atrás” da notícia, cada programa possui um tema que será discutido ao longo de seu episódio. Possuindo algumas diferenças entre si, eles acabam por conquistar o público com sua maneira diferenciada de fazer notícia e abordar os assuntos, sendo assim, eles têm o “poder” de construir e desconstruir conceitos e preconceitos e de influenciar seu público e a formação da cultura pela sociedade. Todavia, não estão livres de tratarem as questões sobre gênero e sexualidade de uma forma estereotipada e generalizante, transmitindo tais ideias para seu público. Pretendemos analisar e comparar as construções culturais feitas por estes três programas, como eles fazem o uso de termos e expressões que estereotipam tais indivíduos e verificar se há a transmissão de mensagens preconceituosas e conceitos equivocados ao público.

1.4 Problema de pesquisa

Travestis e transexuais já são constantemente alvo de interpretações e preconceitos. Inúmeras vezes a mídia acaba por reafirmar tais imagens, ou ainda, construir novos conceitos equivocados, o que acaba por aumentar o preconceito e estereotipação quando poderia ajudar a acabar com estes. Talvez por desinformação ou falta de pesquisa sobre o assunto, a abordagem de travestis e transexuais pela mídia quase sempre acaba no senso comum e, mais ainda, cheia de pré-julgamentos, aumentando ainda mais o preconceito sofrido por estas frações sociais.

Pretendemos analisar os três programas televisivos de canais diferentes porém com uma proposta e formato semelhantes: os repórteres de cada programa irem ao encontro das matérias e acompanhar seus personagens, vivenciando sua realidade e mostrando ao público. Mostrar ao público uma maneira mais espontânea de fazer jornalismo e abordar os assuntos a partir de diferentes ângulos, de forma mais pessoal e, talvez, menos influenciadora. No entanto, mesmo buscando por essa maneira de fazer um jornalismo mais “livre”, se aproximando das situações retratadas e mostrando de forma dinâmica ao público, tais programas podem acabar construindo e transmitindo imagens que influenciam seus telespectadores. Assim, se mostradas formas culturalmente

utilizadas durante os programas, talvez o público possa compreender tais formas como usuais, o que pode resultar na ampla utilização de formas que classificam e excluem os indivíduos por sua forma de se perceberem e viverem. A união de imagens com um texto despretensioso e espontâneo acabam por emitir opiniões e valorações e por persuadir seu público a pensarem da mesma maneira e por concordarem com a forma com que as questões são tratadas, mesmo que de maneira equivocada. Nossa proposta é analisar como tais programas constroem e transmitem a imagem de travestis e transexuais em seus episódios e se a forma de tratá-los está ou não carregada de preconceitos e equívocos.

Com tal análise, objetiva-se perceber a construção feita por tais programas de travestis e transexuais e como tais imagens são transmitidas para o público por meio da conjunção de textos e imagens.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVOS GERAIS

Este estudo tem como objetivo compreender como três programas televisivos constroem a imagem de travestis e transexuais e como os coloca no contexto social utilizando um discurso em que estes indivíduos são mostrados e questionados sobre sua vida e suas escolhas.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Analisar como os elementos culturais presentes nos episódios colocam os indivíduos travestis e transexuais enquanto indivíduos inseridos na sociedade;
2. Examinar como os elementos culturais presentes nos discursos que acabam por auxiliar na perpetuação de estereótipos;
3. Examinar a utilização de conceitos culturais normatizados pela sociedade e que podem ocasionar na transmissão de mensagens equivocadas ao público;
4. Verificar como se dá a construção da imagem dos indivíduos a partir dos conceitos apresentados.

3. METODOLOGIA

As referências metodológicas utilizadas neste projeto são aquelas dos Estudos Culturais, com foco nas teorias propostas por Richard Johnson e Raymond Williams. O estudo tem como base a identificação de elementos socialmente utilizados são reproduzidos nos programas podendo transmitir mensagens e conceitos equivocados ao público. Pretendemos com isso verificar como os programas jornalísticos constroem e transmitem para seu público a imagem de indivíduos travestis e transexuais. As principais referências bibliográficas utilizadas para as reflexões serão Johnson (2010) e Williams (1992).

Apesar dos estudos que compreendem as questões identitárias de travestis e transexuais ainda serem escassos, nos utilizamos de autores como Guacira Lopes Louro (2012), Jaqueline Gomes de Jesus (2012) e Anna Paula Vencato (2002), que buscam compreender os indivíduos transexuais e travestis. Utilizamos, além dos livros e artigos indicados no projeto, outros textos citados ou não diretamente nesta pesquisa, mas que nos ajudaram na reflexão sobre a temática abordada, estes serão citados nas referências bibliográficas.

A partir deste material teórico, analisamos os discursos, sua construção, a forma como transexuais e travestis são expostos e os demais elementos presentes nos textos de cada programa para verificar se há ou não a construção de estereótipos, preconceitos, conceitos equivocados e outras formas de caracterizar travestis e transexuais de acordo com normas e padrões que vivenciamos em nossa sociedade. Para a análise, optamos por analisar os programas a partir de sua divisão de blocos ou por similaridade entre temáticas de cada bloco.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 Breve histórico da sexualidade

A discussão acerca das questões que envolvem sexualidade e outros tópicos derivados da temática não se iniciou em um passado recente, pelo contrário, tais discussões sempre tiveram um lugar nas demandas sociais. No entanto, estar presente constantemente no corpo social não fez com que este objeto sempre estivesse em lugar privilegiado. Pode-se até compreender que houve sempre uma tentativa de problematizar e mistificar, como se houvesse algo de perigoso em citá-lo. Um assunto que faz parte da história da humanidade, que está presente em todas as sociedades, sem distinções, foi reduzido ao nível dos temas encobertos pelo grupo social. O sexo tornou-se, ou tentou-se torná-lo, um conteúdo específico apenas para seletos grupos e que necessitaria de um filtro para que pudesse ser divulgado. Apesar disso, toda a tentativa de evitar o assunto só fez com que nascesse uma curiosidade em se saber sobre ele.

Poder-se-iam citar outros focos que, a partir do século XVIII ou do século XIX, entraram em atividade para suscitar os discursos sobre o sexo. Inicialmente, a medicina, por intermédio das “doenças dos nervos”; em seguida, a psiquiatria, quando começa a procurar – do lado da “extravagância”, depois do onanismo, mais tarde da insatisfação e das “fraudes contra a procriação”, a etiologia das doenças mentais e, sobretudo, quando anexa ao seu domínio exclusivo o conjunto das perversões sexuais; também a justiça penal, que por muito tempo ocupou-se da sexualidade, sobretudo sob a forma de crimes “crapulosos” e antinaturais, mas que aproximadamente na metade do século XIX se abriu à jurisdição miúda dos pequenos atentados, dos ultrajes de pouca monta, das perversões sem importância, enfim, todos esses controles sociais que se desenvolveram no final do século passado e filtram a sexualidade dos casais, dos pais e dos filhos, dos adolescentes perigosos e em perigo – tratando de proteger, separar e prevenir, assinalando perigos em toda parte, despertando as atenções, solicitando diagnósticos, acumulando relatórios, organizando terapêuticas; em torno do sexo eles irradiaram os discursos, intensificando a consciência do perigo incessante que constitui, por sua vez, incitação a se falar dele. (FOUCAULT, 2014, p. 34).

A sexualidade tornou-se, a partir do século XVII, quando “seria o início de uma época de repressão própria para as sociedades burguesas” (FOUCAULT, 2014, p.19), um objeto participante, concomitantemente, de dois grupos: dos tabus, onde se pensava sobre, mas não se permitia que se falasse abertamente, caso houvesse necessidade de se falar deveria acontecer por meio de metáforas, simbolismos e códigos; e o grupo dos estudos, onde se era permitido seu estudo e sua discussão, mas apenas com base em dados

concretos e na ciência, dando uma impressão de sexualidade enquanto assunto estritamente racional. Tal maneira dúbia de lidar com a temática fez com que, conforme ocorresse seu aprofundamento, ela se tornasse um tipo de tabu para a sociedade, quanto mais se falasse e estudasse, mais ela deveria ser proibida. As sociedades foram se transformando, mudando, incluindo e excluindo temas de seus grupos sociais e evitando que determinados temas fossem discutidos em sua completude por todas as camadas sociais; logo, tal fato, apenas contribuiu para a codificação da sexualidade, o aumento de conceitos equivocados e a criação de uma aura de repressão em torno desse objeto. A curiosidade em torno da sexualidade não diminuiu, o que diminuíram foram, talvez, os espaços para que se pudesse discutir sobre o tema, e tamanha proibição, tornou-o ainda mais propício de se buscar saber. Buscando um entendimento de tal “aura” de mistério produzida pelo corpo social, Foucault captou e transmitiu tais ideias em seus livros sobre a história da sexualidade; apesar de extenso, o trecho a seguir discute de forma simples o discurso sobre o sexo e de sua limitação ao longo do tempo.

Objetar-se-á, sem dúvida, que se para falar do sexo foi necessário tanto estímulo e tanto mecanismo coercitivo é porque reinava, globalmente, uma certa interdição fundamental: somente necessidades precisas – urgências de natureza econômica, utilidades políticas – poderiam suprimir essa interdição e possibilitar alguns acessos ao discurso sobre o sexo, mas sempre limitados e cuidadosamente codificados: falar tanto de sexo, organizar tantos dispositivos insistentes para fazer falar dele, mas sob estritas condições, não é prova de que ele permanece secreto e que se procura, sobretudo mantê-lo assim? Não obstante, seria preciso interrogar justamente esse tema tão frequente de que o sexo está fora do discurso e que somente a suspensão de um obstáculo, a quebra de um segredo pode abrir o caminho que conduz até ele. Esse tema não seria parte da injunção que suscita o discurso? Não seria para incitar a falar, para sempre levar a recomençar a falar nesse tema que, nas fronteiras de todo discurso atual, ele é exibido como o segredo que é indispensável desencavar – uma coisa abusivamente reduzida ao mutismo, ao mesmo tempo difícil e necessária e perigosa de ser dita? É preciso não esquecer que a pastoral cristã, fazendo do sexo aquilo que, por excelência, devia ser confessado, apresentou-o sempre como enigma inquietante: não o que se mostra obstinadamente, mas o que se esconde em toda parte, presença insidiosa que se corre o risco de ouvir porque fala em voz tão baixa e muitas vezes disfarçada. O segredo do sexo não é, sem dúvida, a realidade fundamental em relação à qual se dispõem todas as incitações a falar de sexo – quer tentem quebrá-lo, quer o reproduzam de forma obscura, pela própria maneira de falar. Trata-se, ao contrário, de um tema que faz parte da própria mecânica dessas incitações: maneira de dar forma à exigência de falar, fábula indispensável à economia infinitamente proliferante do discurso sobre o sexo. O que é próprio das sociedades modernas não é terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como o segredo. (FOUCAULT, 2014, p. 38-39).

Por se tratar de um assunto universal que engloba a todos, sem que se tenha restrição de raça, gênero ou idade, mesmo que muitos não racionalizem tal fato, a sexualidade pertence aos rumos que os seres humanos tomam em sua história, pertence ao ser humano, não sendo uma escolha, se formando de acordo com a história. No entanto, a sexualidade foi se afastando de sua devida naturalidade ao longo do tempo. Inicialmente, foi tratada de acordo com a naturalidade que lhe é pertencente, uma vez que não foi algo inventado pela ciência ou apenas teorizado por algum estudioso interessado no assunto. Em um segundo momento, ela tornou-se restrita quanto à sua abordagem, abandonando o momento em que era apenas mais um assunto que se podia discutir abertamente tornando-se parte de uma forma de censura social.

O que é que pedimos ao sexo, além de seus prazeres possíveis, para nos obstinarmos tanto? Que paciência ou que avidez é essa em constituí-lo com o segredo, a causa onipotente, o sentido oculto, o medo sem trégua? E por que a tarefa de descobrir essa difícil verdade se tornou finalmente convite a suspender as interdições e a desatar os entraves? Seria o trabalho tão árduo a ponto de ser preciso encantá-lo com tal promessa, ou esse saber terá ganho um preço tal – político, econômico, ético – que foi preciso, para sujeitar cada qual ao trabalho, assegurar-lhe – não sem paradoxo – de encontrar nele sua liberação? (FOUCAULT, 2014, p.88).

Na sociedade contemporânea, a abordagem da sexualidade e de assuntos provenientes dela, foi sendo, cada vez mais, rotulada como um tabu, um ato ousado e que deveria manter-se fechado em si mesmo. A única forma encontrada, inicialmente, para lidar com a sexualidade era individualmente, sem demonstrações públicas de desejos, inclinações ou preferências; cada um possuía sua maneira de vê-la e vivê-la, e deveria ser mantida dessa forma. Não havia motivações ou espaço para se compartilhar tais informações pessoais. Assim, um tema que possuía inúmeros desdobramentos e possibilidades de discussões e aprofundamentos que ajudariam a sociedade a entendê-lo como sendo verdadeiramente natural do ser humano, tomou o caminho contrário e passou a ser codificado, tornando-se algo inerte. A sexualidade passou, então, a ser vista como algo fixado por grupos e instituições, que acreditavam que todos deveriam aceitá-la da forma como eles acreditavam que ela deveria ser vivida, sem contestações.

Destarte, a sociedade passou a ser regulada, inclusive em seus direitos individuais e privados, as instituições declararam um “poder” sobre o corpo de seus cidadãos. Havia uma conduta sexual que deveria ser seguida para que se fosse considerado um cidadão digno e íntegro, o sexo não fazia mais parte do empirismo natural de cada um, chegou o

momento em que se sentiu a necessidade de delimitá-lo e, de preferência, de maneira bem clara e objetiva, para que não restassem dúvidas do que se era permitido. Surgiu, assim, uma sexualidade baseada na heteronormatividade, na biologia e em uma conduta sexual confidencial como formas de disciplinar e controlar a sociedade. Tais formas de controle da sexualidade das pessoas, buscavam mostrar para o corpo social, quem eram os cidadãos honrados e quem eram os cidadãos “do mundo”. Aqueles com práticas dentro do que as instituições, como a Igreja e o Estado, condicionavam, como o casamento entre homem e mulher, se encaixavam no primeiro grupo. Aqueles que experimentavam práticas fora do normatizado, como sexo fora da instituição conjugal e não sendo para a procriação, se encaixavam no segundo grupo, este mostrando quem deveria ser excluído dos círculos sociais “mais importantes” restando apenas as margens sociais para que vivessem.

Até o final do século XVIII, três grandes códigos explícitos – além das regularidades devidas aos costumes e das pressões de opinião – regiam as práticas sexuais: o direito canônico, a pastoral cristã e a lei civil. Eles fixavam, cada qual à sua maneira, a linha divisória entre o lícito e o ilícito. Todos estavam centrados nas relações matrimoniais: o dever conjugal, a capacidade de desempenhá-lo, a forma pela qual era cumprido, as exigências e as violências que o acompanhavam, as carícias inúteis ou indevidas às quais servia de pretexto, sua fecundidade ou a maneira empregada para torna-lo estéril, os momentos em que era solicitado (períodos perigosos da gravidez e da amamentação, tempos proibidos da Quaresma ou das abstinências), sua frequência ou raridade: era sobretudo isso que estava saturado de prescrições. O sexo dos cônjuges era sobrecarregado de regras e recomendações. A relação matrimonial era o foco mais intenso das constrictões; era sobretudo dela que se falava; mais do que qualquer outra, tinha que ser confessada em detalhes. Estava sob estreita vigilância: se estivesse em falta, isso tinha que ser mostrado e demonstrado dia de testemunha. O “resto” permanecia muito mais confuso: atentemos para a incerteza do *status* da “sodomia” ou a indiferença diante da sexualidade das crianças. (FOUCAULT, 2014, p. 41).

A sexualidade passou, então, a ser relacionada apenas com orientação sexual, identidade de gênero e com a procriação. No entanto, tanto a orientação sexual quanto a identidade de gênero foram, também, reguladas por camadas mais conservadoras da sociedade que, de alguma forma, conseguiram conquistar o direito de determinar qual era o padrão da sexualidade que deveria ser seguido, de modo geral, dentro dessa mesma sociedade, firmando, normativamente, o que era certo e o que era errado, o que poderia ser aceito e o que deveria ser negado; não era mais possível se atrair ou identificar pelo

que quisesse. Assim, a sociedade passou a se basear em dicotomias como heterossexual/homossexual, homem/mulher e macho/fêmea, estes eram os limites os quais as pessoas poderiam chegar para se encaixarem na “normalidade” pretendida. Além disso, só existiria caos e exclusão.

Não se deve descrever a sexualidade como um ímpeto rebelde, estranha por natureza e indócil por necessidade, a um poder que, por sua vez, esgota-se na tentativa de sujeita-la e muitas vezes fracassa em dominá-la inteiramente. (...) Não existe uma estratégia única, global, válida para toda a sociedade e uniformemente referente a todas as manifestações do sexo: a ideia, por exemplo, de muitas vezes se haver tentado, por diferentes meios, reduzir todo o sexo à sua função reprodutiva, à sua forma heterossexual e adulta e à sua legitimidade matrimonial não explica, sem a menor dúvida, os múltiplos objetivos visados, os inúmeros meios postos em ação nas políticas sexuais concernentes aos dois sexos, às diferentes idades e às classes sociais. (FOUCAULT, 2014, p. 112-113).

Os indivíduos já não tinham ampla liberdade para ter suas próprias maneiras e viver do modo como julgavam ser adequado para si mesmos. A liberdade de escolha não era, exatamente, respeitada pela nova formação social que foi se desenvolvendo ao longo do tempo. Era necessário seguir os padrões e normas que os grupos influentes, como a Igreja e pessoas em posição de liderança, e agir de maneira semelhante aos demais indivíduos, a massificação era algo importante, não havia muito espaço para autonomia e “ousadias”. A racionalidade pegou o lugar da experimentação, você deveria pensar no que era ‘normal’ e agir a partir disso.

Explicam-nos que, se a repressão foi, desde a época clássica, o modo fundamental de ligação entre poder, saber e sexualidade, só se pode liberar a um preço considerável: seria necessário nada menos que uma transgressão das leis, uma suspensão das interdições, uma irrupção da palavra, uma restituição do prazer ao real, e toda uma nova economia dos mecanismos do poder; pois a menor eclosão de verdade é condicionada politicamente. Portanto, não se pode esperar tais efeitos de uma simples prática médica nem de um discurso teórico, por mais rigoroso que seja. (idem, p. 9).

Assim, ao passo que a sociedade foi passando por grandes desenvolvimentos políticos e econômicos, seus princípios e normas sobre determinados assuntos pareciam caminhar em direção ao conservadorismo, sendo cada vez mais rígidos e radicais. Passando a impressão de que se pretendia cercear e condenar as escolhas de seus cidadãos, principalmente as escolhas relacionadas com a sexualidade, tentando manter a sociedade dentro de um padrão que estava sendo criado. Na verdade, pretendia-se que tais

indivíduos acreditassem que as instituições que os estava restando queriam, na verdade, apenas o bem geral. No entanto, estas estavam apenas trabalhando em benefício próprio, buscando o controle e a influência sociais, enquanto pregavam a moral e os bons costumes, apoiando o casamento e o sexo com fins reprodutivos. Para que fosse possível ter-se acesso ao desenvolvimento, também, na área de estudos sobre a sexualidade, a partir do surgimento de estudos sobre as humanidades, como a psicanálise, no século XIX, seria necessário reverter o que havia sendo dito e repetido por anos. As instituições precisariam tomar o comando e negar o que estava sendo dito, mas, por anos, ninguém quis fazer tal papel de contestador das regras até então estabelecidas.

O sexo, ao longo de todo o século XIX, parece inscrever-se em dois registros de saber bem distintos: uma biologia da reprodução desenvolvida continuamente segundo uma normatividade científica geral e uma medicina do sexo obediente a regras de origens inteiramente diversas. Entre uma e outra, nenhum intercâmbio real, nenhuma estruturação; a primeira desempenhou apenas, em relação à outra, o papel de uma garantia longínqua e, ainda assim, bem fictícia: de uma caução global sob cujo disfarce os obstáculos morais, as opções econômicas ou políticas, os medos tradicionais podiam-se reescrever num vocabulário de consonância científica. Tudo se passaria como se uma resistência fundamental se opusesse à enunciação de um discurso racional sobre o sexo humano, suas correlações e efeitos. Um tal desnivelamento seria o sinal de que se buscava, nesse gênero de discurso, não mais dizer a verdade, mas impedir que ela se produzisse nele. Por trás da diferença entre a fisiologia da reprodução e a medicina da sexualidade seria necessário ver algo diferente e a mais do que um progresso desigual ou um desnivelamento nas formas da racionalidade: uma diria respeito a essa imensa vontade de saber que sustentou a instituição do discurso científico no Ocidente, ao passo que a outra corresponderia a uma vontade obstinada de não saber. (FOUCAULT, 2014, p. 61).

A sociedade foi passando por muitas transformações, entre o século XIX e o século XX, “que foram, antes de mais nada, a idade da multiplicação” (FOUCAULT, 2014, p.41). Principalmente mudanças que foram ocorrendo cada vez mais rapidamente, dentre todas as transformações, houve uma reabertura na temática da sexualidade, que retornou as discussões sem que fosse necessário ser estudioso do assunto. Os indivíduos passaram a abrir suas experiências, opiniões e dúvidas sobre a sexualidade, mesmo que de maneira simbólica, se confundindo aos novos meios de se falar sobre o assunto. Após muito tempo de tentativas de repressão, as instituições tradicionais começaram a ruir e seu poder foi se dissolvendo entre outros novos grupos que foram surgindo, como estudiosos da medicina, das ciências humanas e psiquiatria. O que antes era falado de maneira aberta, depois passou por um momento de censura, nesse novo momento passa

a ser falado de maneira lapidada, sempre utilizando-se de códigos e mensagens presentes nas entrelinhas dos discursos.

Em todo caso, a hipótese de um poder de repressão que nossa sociedade exerceria sobre o sexo e por motivos econômicos revela-se insuficiente se for preciso considerar toda uma série de reforços e de intensificações que uma primeira abordagem manifesta: proliferação de discursos, e discursos cuidadosamente inscritos em exigências de poder; solidificação do despropósito sexual e constituição de dispositivos suscetíveis não somente de isolá-lo, mas de solicitá-lo, suscitá-lo, constituí-lo em foco de atenção, de discurso e de prazeres; produção forçosa de confissão e, a partir dela, instauração de um sistema de saber legítimo e de uma economia de prazeres múltiplos. Muito mais do que um mecanismo negativo de exclusão ou de rejeição, trata-se da colocação em funcionamento de uma rede sutil de discursos, saberes, prazeres e poderes; não se trata de um movimento obstinado em afastar o sexo selvagem para alguma região obscura e inacessível, mas, pelo contrário, de processos que o disseminam na superfície das coisas e dos corpos, que o excitam, manifestam-no, fazem-no falar, implantam-no no real e lhe ordenam dizer a verdade: todo um cintilar visível do sexual refletido na multiplicidade dos discursos, na obstinação dos poderes e na conjugação do saber com o prazer? (FOUCAULT, 2014, p. 81-82).

Logo, a naturalidade no tratamento do sexo transformou-se em manipulação e em forma de controle e pura subjetividade. Ao tentar-se voltar para uma forma original de abordagem, encontrou-se um muro que dividia a naturalidade de uma, já instaurada, parcimônia. Mesmo com as transformações que aconteceram no decorrer do tempo, tantas mudanças na área da sexualidade resultaram em uma confusão em sua abordagem resultando em um problema no momento de lidar com a temática, suas explicações e compreensões nem sempre conseguem transmitir tudo o que se quer e se pode dizer sobre ela. A sexualidade sempre esteve presente na sociedade, inicialmente em sua forma mas de maneira “dissolvida”, quando deu-se sua abertura, veio também uma dificuldade de unir todos os discursos em apenas um.

Entre seus emblemas, nossa sociedade carrega o do sexo que fala. Do sexo que pode ser surpreendido e interrogado e que, contraído e volúvel ao mesmo tempo, responde ininterruptamente. Foi, um dia, capturado por um certo mecanismo, bastante feérico a ponto de se tornar invisível. E o que o faz dizer a verdade de si e dos outros num jogo em que o prazer se mistura ao involuntário e o consentimento à inquisição. Vivemos todos, há muitos anos, no reino do príncipe Mangoggul: presa de uma imensa curiosidade pelo sexo, obstinados em questioná-lo, insaciáveis a ouvi-lo e ouvir falar nele, prontos a inventar todos os anéis mágicos que possam forçar a sua discricção. Como se fosse essencial podermos tirar desse pequeno fragmento de nós mesmos não somente prazer, mas saber e todo um jogo sutil que passa de um para o outro: saber do prazer, prazer de saber o prazer, prazer-saber; é como se esse

animal extravagante a que damos guarida tivesse uma orelha bastante curiosa, olhos bastante atentos, uma língua e um espírito suficientemente benfeitos, para saber demais e ser perfeitamente capaz de dizê-lo, desde que solicitado com um pouco de jeito (FOUCAULT, 2014, p.85).

4.2. Gênero

As questões referentes a gênero são, ainda hoje, um tópico muito discutido e, ao mesmo tempo, muito questionado pela sociedade contemporânea. Mesmo com um crescente número de estudos sobre temáticas que envolvam gênero, sexualidade e seus derivados, ainda há muito a ser descoberto e, ainda mais, muito a ser contextualizado.

Vivemos em uma sociedade em que tudo estaria limitado às margens de alguma forma de regulação. Há uma tentativa constante de impor padrões, normas, leis, ideologias e regulamentações em uma busca incessante por estabelecer limites que “homogeneizem” os cidadãos, torne-os uma massa unificada e que ajam de maneira análoga uns aos outros, limitando a vida dos indivíduos, tornando tudo o que não está dentro dos padrões como sendo uma forma que merece ser julgada e considerada ilegítima. Ao falar de padrões, duas perguntas vêm à mente:

1) Por que é necessário padronizar uma sociedade? Seus membros são diferentes, e por tal característica é que a sociedade funciona e se desenvolve por sua diversidade. Se todos fossem iguais e precisassem seguir padrões determinados, viveríamos em um mundo preto e branco, as pessoas seriam ou uma coisa ou outra, não haveriam opções ou escolhas. Porque não poderíamos aceitar que tal diversidade faz com que o mundo seja repleto de coisas novas, de diferenças produtivas que nos mostram que não temos que ser todos iguais, mas que conhecer e aceitar o diferente faz com que a sociedade mude sempre para melhor, evolua de maneira positiva e vá de cara ao progresso.

2) Quem pode afirmar quem uma pessoa deve ser? Vemos um grande problema na padronização, alguns grupos acreditam que possuem poder o suficiente para ditar ao resto das pessoas o que deve ou não ser seguido por eles. Quem pode definir os limites da normalidade? Cada um possui sua forma de viver e de ser, não cabe a ninguém julgar se o outro está certo ou errado, não é certo que se delimite a maneira de ser das pessoas, cada um possui um olhar e é na diversidade que se encontram as mais bonitas formas de fazer o mundo um lugar melhor. Não só para nós, mas também para as próximas gerações.

Estou convencida de que é relevante refletir sobre tudo isso. É relevante refletir sobre as possibilidades e as impossibilidades que essa cultura coloca para a sexualidade. É relevante refletir sobre os modos como se regulam, se normatizam, e se vigiam os sujeitos de diferentes gêneros, raças, e classes nas suas formas de experimentar prazeres e desejos; refletir sobre as práticas que tais sujeitos põem em ação para responder a esses desejos, as práticas que acionam para se constituírem como homens e mulheres.

Sei que a sociedade trata desigualmente esses sujeitos e valoriza diferentemente essas práticas. Sei que tudo isso é atravessada e constituído por processos de classificação, hierarquização, de atribuição de valores de legitimidade e ilegitimidade, que sujeitos são acolhidos ou desprezados conforme as posições que ocupem ou ousem experimentar. Sei que tudo isso está, seguramente embaralhado com questões de poder. (LOURO, 2007, p. 204).

Mesmo com tamanha diversidade e com a abertura aos mais diversos temas que, anteriormente eram considerados como “tabus”, a sociedade continua aprisionada em uma ininterrupta busca pela limitação de quem uma pessoa deve tornar-se. Tal procura faz com que, muitas vezes, os cidadãos se deparem com a obrigação de ter que afirmar uma identidade única perante aos demais, mesmo que esta não corresponda a quem realmente se é. Por essa luta constante, vimo-nos diante de uma sistematização social, aceitando o uso de dicotomias, como feminino/masculino, macho/fêmea e heterossexual/homossexual, para fundamentar estudos e discussões e explicar uma ampla aceitação de algumas formas de consideração de gêneros constantes na sociedade.

Ao analisar tais processos e formas de tentar consolidar e formalizar os gêneros presentes no corpo social, deparamo-nos, sem dúvida, com uma forma de machismo que nos domina há tempos sem que nem percebêssemos de maneira clara. Trata-se de uma demonstração do quão habituados estamos com algo tão repressivo e limitador. O machismo é tão vigente entre nós que faz com que os indivíduos acabem por nem perceber como a sociedade se deixou limitar e familiarizar por ele e o quanto, inúmeras vezes, reafirmamos, ainda que inconscientemente, tal machismo. As formas de tratamento gerais, são sujeitadas, há muito tempo, pelo gênero masculino, uma maneira que vem sendo utilizada ao longo do tempo e que, até recentemente, não era questionada, apenas aceita e considerada como sendo ‘normal’, como Furlani (2012, p. 70) explica ao falar sobre a forma como os educadores lidam com a escolha das palavras referenciais “Referir-se a meninos e meninas ou a homens e mulheres, sempre na forma masculina, independente da proporção numérica, longe de parecer um ato inofensivo – aprisionado na comodidade da norma instituída – favorece a manutenção de uma tácita “superioridade” de um gênero sobre o outro (...)”.

As referências ao masculino como sendo a forma correta e padrão de se falar e viver se fez e continua se fazendo costumeira, mesmo atualmente quando uma grande parcela de nossa sociedade está em um momento de repúdio ao machismo e buscando formas justas e igualitárias de tratamento e oportunidades de mostrar que a diferenciação entre gêneros deve ser retirada da sociedade.

A linguagem no masculino não é um “reflexo do real”, é uma criação linguística intencionalmente política. A escolha de “homem” – no latim *homo* – serviu para denominar a única espécie do planeta (*Homo sapiens*), que tem sapiência, que raciocina, que possui inteligência e, por conseguinte, definiu também, seu substantivo (humanidade). Foi em 1152 (séc. XII) que uma obra lexicográfica incluiu em sua nominata, pela primeira vez, a palavra “homem”; enquanto “humanidade” data do século XIV. Penso que nessa época, se o mundo já tivesse sido sacudido pelas críticas sexistas feitas pelo movimento feminista, ou se já tivesse considerado as problematizações advindas dos estudos sobre a mulher e dos estudos de gênero sobre a construção dos sistemas de subordinação social e de classificação hierárquica desigual impostas pelo patriarcado, pelo machismo, pelo capitalismo, pelos sistemas de segregação racial, etc., se já tivessem sido feitos estudos literários, linguísticos e semânticos sobre as representações e significados contidos nas palavras em vez de usar como referência a palavra “homem” para designar a espécie, talvez a referência fosse a palavra “pessoa”, que em latim é *persona*. (FURLANI, 2012, p.71).

As áreas de sexo e gênero, por diversos motivos, apesar de se cruzarem e estarem intimamente relacionadas, acabaram por serem unificadas por diversos grupos da sociedade tornando-se quase que um mesmo corpo teórico para alguns, no entanto, não constituem um mesmo objeto e devem ser pensadas de formas diferentes. Apesar de suas ligações, é necessário que se tenha consciência de que sexualidade e gênero não definem um ao outro, pode-se, de forma simplificada, considerar que, o primeiro teria uma ligação com fatores biológicos e anatômicos dos indivíduos e o segundo seria permeado por elementos sociais e psicológicos.

Apesar de um progressivo aumento nos estudos sobre gênero, alguns grupos sociais, ainda buscam construí-lo como sendo um produto binário fabricado pela imposição de regras e normatizações que delimitam os gêneros como sendo algo imutável e podem também anular seu sentido de construção social, o que acaba sendo transmitido para um grande número de pessoas e culminando em sua ampla disseminação, abrindo precedentes para o preconceito. A ideia de que só existem dois gêneros, o feminino e o masculino, definidos de acordo com a sua forma biológica constatada no nascimento, ajudou a categorizar sexualidade e gênero como sendo de uma mesma ordem e que,

juntos, determinariam a maneira como os indivíduos devem se comportar e viver.

As considerações sobre gênero começaram a se destacar nos centros de discussões após a década de 1980, quando Judith Butler e outras teóricas, em seus estudos feministas o “resgataram” de uma opressão social, política, teórica e histórica, trazendo para seus estudos feministas a oportunidade de se discutir e desenvolver novos tópicos em torno da temática. Antes de Butler, Simone de Beauvoir já havia sido precursora das correntes feministas, buscando afastar do seio da sociedade determinadas ideias sobre o papel da mulher e a concentração do poder apenas nas mãos masculinas. Seu livro *O segundo sexo* (1949) criou polêmica ao despertar discussões sobre o papel das mulheres, o feminino na sociedade, identidades sexuais, entre outros.

O feminismo contribuiu para que determinados termos ganhassem uma ressignificação de acordo com as novas lutas que estavam surgindo na sociedade. A famosa frase de Simone de Beauvoir “não se nasce mulher, torna-se mulher” carrega uma visão determinante para aqueles que se utilizam da biologia para justificar a definição do gênero de cada um; a citação não delinea quem pode ou não ser mulher, ela apenas sintetiza que é possível ser mulher por meio de si mesmo e de bagagem pessoal de vivências, experiências e buscas.

Por meio de tais estudos, as mulheres foram destacadas na sociedade por sua importância e sua construção como sendo um sujeito ativo socialmente, que tem direitos e deveres, que pode fazer suas escolhas e que se constrói assim como os demais, ultrapassando os estereótipos há muito considerados como corretos para as mulheres, como, por exemplo, cuidar do lar, ajudar o marido e continuar com a “linhagem” familiar. Tal movimentação teórica e, por que não, política, possibilitou a percepção do construtivismo dos gêneros, por meio de processos sociais e culturais, mostrando que a biologia é um mero detalhe quando se trata da definição dos indivíduos apenas por seus aparelhos reprodutores.

Haraway remete-se, pois, às condições que permitiriam a emergência de um novo sujeito histórico coletivo – as mulheres – e de um novo campo teórico e político – o feminismo. Além disso, ela enfatiza o que parece ser comum às várias vertentes ou perspectivas teóricas que assumimos: a noção da construção. A afirmação de Simone de Beauvoir (surgida em 1949, portanto antecipadora da onda feminista dos anos 1960) está carregada da noção de um *fazer*, supõe a construção de um sujeito feminino ou, como se diria mais tarde, do sujeito de gênero. Operar com esse conceito implica, pois, necessariamente, operar numa ótica construcionista. Ainda que as formas de conceber os processos de construção possam ser (e efetivamente são) distintas, lidar com o

conceito de gênero significa colocar-se contra a naturalização do feminino e, obviamente, do masculino. (LOURO, 2007, p.206-207).

A forma de se considerarem as expressões corporais e sua importância foram mudando a partir das transformações e mudanças dos estudos e com o aumento das novas perspectivas de significação da sexualidade e dos gêneros. A partir das teorias feministas, houve uma alteração na maneira com a qual uma parte da sociedade percebia as sexualidades e os gêneros.

Segundo o Dicionário Unesp do Português Contemporâneo (2004), a definição do termo **gênero** é:

Gênero: gê-ne-ro Sm [Co] **1** grupo morfológico animal ou vegetal intermediário entre a família e a espécie: *O cacau pertence ao gênero Theobroma.* **2** produto, considerado quanto ao seu tipo: *comprar gêneros de primeira necessidade [ab]* **3** tipo; teor *Serão implantadas mais franquias desse gênero* **4** modo; estilo: *Isso não faz seu gênero de cantar* **5** categoria de produção artística segundo sua natureza, suas características e seus fins: *gênero dramático* **6** (Gram) Categoria que divide os substantivos em classes como masculino e feminino: *No português, o adjetivo concorda em gênero com o substantivo. (Antropol)* **7** **Categoria baseada na forma culturalmente elaborada que a diferença sexual assume em cada sociedade: A avaliação por gênero mostra o duplo preconceito contra a mulher.** (p.672).

Ao analisar esta breve definição é possível notar que a significação número sete, que diz respeito aos gêneros sociais, toma a diferença sexual, a partir do aparelho reprodutor, como definidora da diferença entre homens e mulheres dentro do grupo social, podendo-se, assim, reforçar a ideia de que o aparelho define o gênero dos indivíduos. Mesmo referindo-se a maneira como a cultura age na definição dos gêneros, ainda se considera a área sexual como forma de definir gêneros, unindo sempre a sexualidade com a forma como o gênero será visto na sociedade.

Segundo o dicionário *on-line Michaelis*, o termo **gênero** tem como alguns significados:

1 Grupo de seres que têm iguais caracteres essenciais. **2** Grupo morfológico intermediário entre a família e a espécie. **3 Flexão pela qual se exprime o sexo real ou imaginário dos seres.** **4** Espécie, casta, raça, variedade, sorte, categoria, estilo, etc. **5** Qualidade, espécie, modo.

Neste caso, podemos notar que o significado número três ao tratar a definição de gênero como algo “real ou imaginário”, excluindo a construção cultural e pessoal que é feita por cada um, transmite uma ideia de algo que ou é genuíno ou é inventado, podendo

passar a impressão de que gêneros podem ser imaginados, resultado de algo criado apenas na cabeça das pessoas. Ao fazer a leitura do termo “real” nos parece que este está sendo ligado diretamente aos traços genéticos e biológicos. Assim, acredita-se que tais traços por poderem ser percebidos em uma análise física, são verdadeiros e os traços que ultrapassam as fronteiras palpáveis do corpo, são imaginados pelos indivíduos.

Já ao buscar o termo **gênero** no dicionário de psicologia *American Psychological Association* (2010), encontramos a seguinte definição:

Gênero: 1 A condição de ser do sexo masculino, feminino ou neutro. No contexto humano, a distinção entre gênero e sexo reflete o emprego desses termos: sexo geralmente se refere aos aspectos biológicos de masculinidade ou feminilidade, ao passo que gênero envolve os aspectos psicológicos, comportamentais, sociais e culturais de ser do sexo masculino ou feminino (p. ex. Masculinidade ou Feminilidade). 2. Em taxonomia biológica, uma das principais subdivisões de uma família, contendo um grupo de espécies relacionadas.

Mesmo que dois destes significados sejam provenientes de dicionários da língua portuguesa e o outro de um dicionário de psicologia, áreas acadêmicas que possuem teorias e objetivos diferentes, é possível perceber uma aproximação entre os significados: sua ligação com a sexualidade e com as dicotomias que o determinismo biológico definiu nos processos de construção social.

Tais significados vêm sendo amplamente aceitos pela sociedade como sendo corretos e a como a melhor forma de normatizar os indivíduos, mesmo depois de todas as transformações pelas quais esta passou. Apesar de todo corpo social ter plena consciência de que divisões não mostram a realidade de cada um, as dicotomias continuam sendo utilizadas e, o que é mais alarmante, são tidas por muitos como verdades absolutas, resultando no preconceito contra aqueles que se definem de outras formas. É necessário que se busquem formas de mudar essas limitações sociais e essa busca de determinados grupos por uma fonte de verdade única.

Ainda que a maioria das sociedades tenha estabelecido, ao longo dos séculos, a divisão masculino/feminino como uma divisão fundamental e tenha compreendido tal divisão como relacionada ao corpo, não se segue daí, necessariamente, a conclusão de que as identidades de gênero e sexuais sejam tomadas da mesma forma em qualquer cultura. “Perceber uma diferença física ou mesmo atribuir a ela uma significação moral e política não é o mesmo que usá-la para ‘explicar’ divisões básicas na população humana” (Nicholson, 2000, p.18) Para exemplificar essa afirmação, a autora lembra que houve um tempo em que a Bíblia era a “fonte da autoridade” e nela se buscava explicação

para o relacionamento entre mulheres e homens e para as diferenças percebidas entre eles. Nesse tempo, o corpo tinha menos importância. Posteriormente, no entanto, o corpo ganhou um papel primordial, tornando-se *causa e justificativa* das diferenças. É fundamental perceber o deslizamento que então ocorreu: as características físicas passaram a ser tomadas como a fonte ou a origem das distinções e não apenas como um sinal, marca ou manifestação das distinções. (LOURO, 2007, p. 207-208).

Desta forma, percebe-se que o corpo passou a ser mais importante na definição de gêneros do que a construção pela qual os indivíduos iam passando para que fossem se encontrando, buscando se construir e se sentissem confortáveis com sua forma de ser e viver. Corpos seriam mais importantes do que mentes; o externo imperaria mais do que o interno. A biologia ultrapassou os limites do que a cultura constrói, mas seria, então, possível considerar uma junção da sexualidade com desejos, buscas, valores e outros tantos tópicos que possibilitariam entender que a partir da sexualidade corpórea é exequível encontrar uma cultura e assim, cada um se encontrar e se identificar com os mais variados elementos existentes.

O corpo tornou-se uma forma de cultura, ele pode passar por transições, mudanças, transformações e representar mais do que se imagina. Com tal dificuldade de desvincular sexualidade e gênero, seria mais simples percebê-lo por meio das atribuições culturais que ele recebe. Mesmo assim, vemos que continua se fazendo necessário, mesmo que sem tal pretensão, nomear quem se é, traduzir sua maneira de viver em alguma das formas normativas impostas.

Não é portanto algo dado a *priori* nem mesmo é universal: o corpo é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura bem como suas leis, seus códigos morais, as representações que cria sobre os corpos, os discursos que sobre ele se produz e reproduz. Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos...enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem mas, fundamentalmente, os significados culturais e sociais que a ele se atribuem. (GOELLNER, 2012, p. 28- 29).

É possível perceber que ainda é complicado separar gêneros e sexualidade de forma que se possa discorrer sobre cada um individualmente. Apesar de um estar ligado à biologia e o outro à cultura, eles se cruzam e formam uma encruzilhada metodológica,

teórica e, por que não, cultural. Uma vez estando presente no corpo social, seria mais simples e verdadeiro incorporar a sexualidade aos estudos que a buscam em uma tentativa de fazê-la ser entendida pelos demais, como a pedagógica, discursiva, etc. Dando um espaço para que o corpo também faça parte da busca pelas formas de vivenciar as masculinidades e feminilidades.

Se a separação entre gêneros fosse simples ou desnecessária para a sociedade, a genitália não seria constantemente reiterada nas relações sociais. Se, realmente, fosse uma questão entre biologia e construção social, não seriam necessários tantos estudos e tantas lutas para que se pudesse viver de acordo com suas próprias condições identitárias. Se o órgão reprodutor fosse mero detalhe para alguns grupos da sociedade, e não fosse utilizado como meio de definir socialmente como deve ser comportamento por gêneros, não existiriam suas utilizações para dar exemplos do que é “de menino” e o que é “de menina” para as crianças. Uma rápida revisão de conceitos utilizados para estes exemplos e é possível chegar à conclusão de que gêneros não são considerados por todos como sendo pessoais: quem nunca ouviu “menina não anda sem camisa na rua, só menino pode”, “menino não cruza as pernas ao sentar” e “menina tem que ser delicada” e os diversos palavrões que se utilizam de ambas as genitálias para ofender o gênero oposto, são apenas alguns exemplos do uso da genitália para definição de gênero. A utilização da genitália como forma de definir gêneros limita e minimiza a questão da construção dos gêneros, tomando apenas um aspecto corporal para definir quem uma pessoa deve ser e como ela deve se comportar diante dos demais.

Genitália define o gênero?

Bem, aprendemos que sim, que se alguém tem vagina é menina/mulher e se tem pênis é menino/homem. Simples, como algumas/alguns de vocês comentaram, só que não. O sexo genital não define gênero, até porque gênero é um construto social, ou não? Se muda de sociedade para sociedade, se se transforma ao longo da história, se tem conotações distintas dependendo da cultura, me parece, sim, que se trata de um construto. Será que somos sempre 100% mulheres ou 100% homens? Em alguns momentos, temos que agir a partir de referentes que são socialmente vistos como masculinos, por exemplo, sendo fortes e até violentas. O mesmo se passa com os homens. Bem, se gênero fosse uma derivação absolutamente natural da genitália, não precisaríamos reiterar constantemente os ensinamentos de gênero: “menino não chora”; “se sinta como uma menina”; “menino não brinca de casinha”; “menina não faz estas coisas”...(...)” (PELÚCIO, 2014, p.117).

As corporalidades, as experimentações e as tentativas feitas a partir dos desejos físicos são uma forma de busca e encontro com aquilo que sua própria verdade mostra de

maneira física e que está refletindo sua psique. O corpo como biologia pura e visual puramente anatômico não reflete mais que sua maneira de reproduzir-se, no entanto, enquanto formação participativa de uma cultura, ajuda a delinear vontades e feitos e a possibilitar que tais vontades sejam buscadas e entendidas.

Os corpos voltam a ter centralidade, mas não apenas como corpos reprodutores, mas corpos desejanter. Assim como há muitas formas de ser mulher ou homem, há muitas formas de se viver as feminilidades e masculinidades;

Estas formas não estão aprisionadas em corpos marcados por genitálias (vagina/pênis). Considera-se que corpos nascidos com vagina podem buscar/desejar viver experiências relativas às masculinidades e vice-versa;

Tal conceito de gênero nos aproxima das discussões sobre sexualidade, pois a experiência de ultrapassar os limites sociais binários do masculino e feminino pode estar relacionada com o desejo de amar, sentir e se expressar fora das normas impostas pela heterossexualidade. (PELÚCIO, 2014, p. 104).

Há também uma dúvida presente na sociedade sobre as diferenças entre orientação sexual e identidade de gênero. A orientação sexual diz respeito a área dos desejos sexual ou afetivo, heterossexuais, homossexuais, bissexuais e lésbicas são alguns exemplos de orientação sexual. Já identidade de gênero se refere ao domínio subjetivo, com foco nos indivíduos e na maneira como cada um se percebe e se constrói, transexuais, travestis, transgêneros e cisgêneros são exemplos de identidade de gênero. Apesar de sua associação, um independe do outro.

A confusão entre os termos acaba por acarretar no aumento do preconceito contra os indivíduos que não se encaixam na dicotomia feminino/masculino. É preciso compreender que orientação sexual e identidade de gênero não são definidores um do outro. A auto percepção de determinado gênero não precisa, necessariamente, refletir na orientação sexual do indivíduo. Até na busca por uma não definição sexual e de gênero, por uma liberdade em querer experimentar e ser quem é, é possível ver a constante tentativa de identificar, padronizar, normatizar e nomear as experiências culturais e pessoais de cada indivíduo.

As discussões sobre gêneros, sexualidade e demais tópicos ligados a estas temáticas não são simples, tampouco estão próximas de acabar. Buscamos aqui, questionar, entender e contribuir para tais o enriquecimento de tais discussões. Não pretendemos afirmar ou impor conceitos ou regras, buscamos entender a leitura que os veículos jornalísticos escolhidos fazem dos indivíduos transexuais e travestis e de que

forma tal veiculação pode transmitir uma imagem preconceituosa ou distante da realidade.

4.2.1) Travestis e Transexuais

Travestis e transexuais estiveram e ainda estão, constantemente, no centro de discussões sobre identidades de gênero e papéis sexuais, estes deveriam, teoricamente, ser uma forma de organização inserida na sociedade. O percurso dos grupos denominados como “minorias sexuais” foi se construindo aos poucos durante todo o percurso histórico da sociedade, conforme foram ocorrendo aberturas e mudanças nos vários setores sociais. Ao longo do tempo, tais grupos foram adquirindo uma visibilidade e uma maior consideração dos demais grupos presentes no corpo social, tendo a oportunidade de, enfim, demonstrar sua importância enquanto conjunto presente na sociedade. A partir desta crescente atuação, os participantes dos grupos que, anteriormente, eram excluídos, demonstraram que são atuantes e que podem expor sua luta enquanto indivíduos que tem direitos e deveres como qualquer outro cidadão e que devem ser respeitados como tal, o que nem sempre é acatado. Para Louro (2001, p.541), “hoje, as chamadas 'minorias' sexuais estão muito mais visíveis e, conseqüentemente, torna-se mais explícita e acirrada a luta entre elas e os grupos conservadores”, tal realidade tem como consequência uma inquietação para os indivíduos participantes dos grupos considerados “diferentes” por não terem seus direitos preservados por puro preconceito.

Travestis e transexuais são, muitas vezes e por diversas questões, inseridos no grupo dos indivíduos transgêneros, nomenclatura utilizada com o intuito de abranger àqueles que não se identificando com o gênero biológico com o qual nasceram, optam ou desejam viver de acordo com a maneira com que sentem ser adequada e verdadeira para si. Tal fato, não significa que transexuais, travestis e transgêneros sejam indivíduos iguais, com percursos e identificações iguais. Neste grupo estão incluídos além de travestis e transexuais, as *drag queens*, *cross-dressers*, andróginos e os demais indivíduos que não se sentem confortáveis com os padrões socialmente designados de acordo com as formas biológicas.

Travestis e transexuais, ao não se identificarem com o gênero que lhes foi designado biologicamente ao nascer e com as normas ditadas pela sociedade segundo sua anatomia, transcendem as margens delimitadas por essa sociedade conservadora e buscam encontrar-se com quem verdadeiramente são. Para isto, entram em acordo com suas

vontades, procuram meios de realizar suas necessidades e de entender suas identidades e a forma como se relacionam com o mundo, elaborando, assim, sua própria identidade, mudando o que acham necessário e tomando para si sua forma única de ser e, desse modo, encontram a forma que desejam viver, mesmo que para isso, tenham que contradizer tudo o que a sociedade estipulou anteriormente. Ao buscar sua própria maneira de ser e viver, tais indivíduos optam ou não por vestir-se e portar-se de acordo com o gênero com o qual se identificam, podendo ou não fazer a cirurgia de transgenitalização, fazer tratamentos hormonais, colocar ou retirar as mamas. Enfim, a parte externa, apesar de muito considerada pela sociedade, não necessariamente precisa corresponder com o interior dos indivíduos. Todas as transformações dependem dos sentimentos, vontades e da forma com a qual os indivíduos se sentem confortáveis consigo mesmos.

Por outro lado, se bem podemos afirmar que as sociedades humanas dão origem a diversas e ilimitadas formas de interpretar e organizar o “sexo biológico”, ressalta-se também que a sociedade ocidental contemporânea ainda se apega à construção de gênero conforme produzido pela poderosa “máquina binária” que continua fabricando formas de pensar e agir profundamente dicotomizadas (PARNET *apud* RODOWICK, 2000). Sabemos também que as identidades de gênero não são simplesmente herdadas de ou reproduzidas pelas instituições sociais, senão que “se faz gênero” diariamente, através da interação cotidiana nos diversos espaços pelos quais transitamos: a rua, o trabalho, a família, a escola, etc. Num mundo em transição, as identidades de gênero se politizam, intensificando os significados de atos aparentemente triviais. Assim, usar um tipo de roupas ou adotar comportamentos que se rotulam masculinos e femininos tornam-se importantes formas de falar sobre nosso mundo; ainda mais quando acontecem de formas que se posicionam contra o movimento corrente dessa “máquina binária” (ADELMAN et al, 2003, p.65-66)

Na busca por uma bibliografia que nos ajudasse a encontrar uma maneira não delimitadora de abordar as possíveis diferenças² entre transexuais e travestis, e como elas mesmas buscam se interpretar, encontramos variadas formas e tentativas de defini-los. Algumas destas formas, consideramos preconceituosas e limitadoras, outras apenas as definia a partir de um caráter geral e passando uma impressão de uma construção social que não levava em consideração os demais aspectos que estão envolvidos na vivência dos indivíduos, como suas sensações, percepções e forma de se identificar. Compartilhamos a mesma dificuldade de Vencato (2002, p. 13) quando esta discorre sobre as travestis, “É

² Utilizamos a expressão “possíveis diferenças” pois algumas pessoas acreditam que não haja mesmo uma diferença entre travestis e transexuais a não ser a nomenclatura pela qual se identificam mas, foi necessário diferenciá-los neste trabalho para que fosse possível analisar como a mídia os caracteriza e os trata.

difícil encontrar na literatura sobre o assunto uma definição objetiva do que seja uma travesti. De qualquer modo, é possível, nessa literatura, levantar alguns traços que os caracterizem”. Após algumas pesquisas pudemos encontrar uma definição com a qual nos identificamos e sentimos que não desejava limitar os indivíduos, mas sim, buscar explicá-los a partir de suas diferenças. Assim, buscamos aqui transmitir uma visão abrangente e que não busque expor ou excluir as travestis e transexuais, mas sim, delinear uma provável individualidade destes indivíduos.

Diversas pessoas consideram ser complicado fazer a diferenciação entre indivíduos transexuais e travestis, mas acreditam que eles devam, sim, ser diferenciados por adotarem uma nomenclatura específica e não uma mais generalista. Atualmente, nem todos acreditam que elas sejam diferentes, pois possuem características e uma mesma não identificação com o gênero que lhes foi designado ao nascer percebido de maneira semelhante. No entanto, tal fato não é um consenso, mesmo entre os indivíduos transgênero. Assim, elas continuam sendo diferenciadas, principalmente pela medicina e psicologia, e, infelizmente, não importando a nomenclatura, continuam sofrendo com o preconceito e discriminação. Outro tópico que costuma ser muito questionado é que travestis e transexuais se sentem atraídos pelo gênero oposto, o que não é verdade, sua orientação sexual depende de seus desejos pessoais e não de sua identidade de gênero.

As travestis buscam um afastamento dos traços masculinizados de seu corpo por meio de processos sucessivos para que encontrem os seu verdadeiros “eu”. Anna Paula Vencato (2002, p. 15) busca elucidar tal questão ao afirmar que “Ao invés de praticar cross-dressing com intuito de excitar-se/preparar-se para a prática sexual, o/a travesti busca realizar uma construção corporal que o aproxime a um corpo feminino, contudo, não quer tornar-se uma mulher ‘de verdade’, ou seja, não deseja extirpar seu falo.”, assim sendo, as travestis buscam maneiras de produzir as modificações e transições corporais que necessitam para que possam atingir o desejo de ser da forma que almejam, nesse caso se identificando com o corpo de uma pessoa do gênero feminino; para isso, podem implantar silicone, fazer tratamentos hormonais, fazer reconstituições e preenchimentos faciais e corporais, implantar cabelo e todos os demais tipos de procedimentos que as aproximem de um exterior feminino.

Infelizmente, muitas travestis carregam, ainda hoje, o estereótipo de pessoas que trabalham no ramo da prostituição, o que é uma informação falaciosa, surgida em uma época em que eram negadas oportunidades de trabalhos igualitários para as travestis, fazendo com que elas precisassem recorrer a toda sorte de empregos que lhes era proposta.

De acordo com travestis, sujeitos da pesquisa de Silva (1993), “... travesti não é quem se veste de mulher, é quem toma hormônio e silicone” (p. 117), mesmo que não seja somente isso que produza o feminino (p.95). A produção do feminino seria um processo contínuo, uma luta cotidiana contra os traços/excessos masculinos, que sempre “dão um jeito de aparecer”. A figura do travesti geralmente é associada com a prostituição “de calçada”, com a noite, muito embora essa associação seja muito estereotipada por presumir que às travestis não pode ser dada outra qualificação profissional além do pertencer ao que é considerado como “baixo meretrício”.

Contudo, não se pode pensar que esses sujeitos possam apenas desempenhar esse tipo de trabalho. Conforme Silva, “o universo dos travestis não é nem mais nem menos complexo que nenhum outro. Apenas, como qualquer outro, contém especificidades que exigem cuidados específicos.” (1993: 82). E, como as outras pessoas, as travestis podem ter trajetórias diversas, que não necessariamente passem pela prostituição. (VENCATO, 2002, p. 13-14).

Já os/as transexuais, sentem que “nasceram no corpo errado”, que não pertencem ao corpo que lhes foi designado geneticamente. Transexuais são caracterizados como possuindo uma relação mais intensa no que diz respeito ao seu corpo biológico, sua identificação com ele e uma forte vontade de não ter nascido com aquela anatomia. A genitália e os traços de seu gênero biológico seriam muito incômodos, podendo, assim surgir o desejo da modificação. Tal desejo se faz de maneira tão forte que os transexuais buscam maneiras de transformar aquele corpo em um corpo com a anatomia e com as características com as quais se sentem pertencentes.

O/a transexual é a pessoa que nasce com um sexo anatômico mas que se sente “no corpo de outro alguém”, desejando ter o outro sexo e, mesmo, representando-se como pertencente ao sexo morfológico oposto àquele com o qual nasceu. (...)

De acordo com Picazio “os transexuais sentem um desconforto enorme ao olhar para os seus genitais. Muitos não conseguem nem se lavar direito, não se tocam e não permitem que outra pessoa os toque”. Ainda, “a grande maioria dos transexuais são confundidos enormemente com homossexuais. A transexualidade, (...) não é orientação do desejo, mas uma não-identificação com o corpo biológico” (1999: 46), sendo que, para o autor, é importante, para compreender a transexualidade que se entenda que sexo biológico não corresponde à identidade e independe, também, da orientação do desejo sexual. (VENCATO, 2002, p.15).

Após pesquisar na literatura acadêmica definições que nos ajudassem a tentar esclarecer, mesmo que minimamente, as diferenças entre tais sujeitos e a buscar uma compreensão mais completa sobre transexuais e travestis, optamos por buscar no dicionário de psicologia da American Psychological Association (2010), as definições dos termos transexual e travesti que pudessem complementar nossa busca por uma definição.

Encontramos os seguintes significados:

TRANSEXUAL (transexualismo no dicionário)

Transtorno de identidade de gênero consistindo de uma sensação persistente de desconforto e inadequação em relação ao próprio sexo anatômico, com um desejo persistente de se livrar dos órgãos genitais e viver como membro do outro sexo. No DSM- IV- TR, o diagnóstico é aplicável apenas se a condição não for devido a outro transtorno mental, como esquizofrenia, e não estiver associada com intersexualidade ou anormalidade genética. Muitos transexuais sentem que pertencem ao sexo oposto e que estão de algum modo presos no corpo errado. Portanto, eles buscam uma mudança de sexo através de meios cirúrgicos e hormonais. Transexual adj. (2010, p.970)

TRAVESTI (travestismo, no dicionário)

s. Processo ou hábito de vestir as roupas do sexo oposto. Travestismo ou *cross-dressing*, é diferente de fetichismo transvêstico. Travestido adj. Travesti s. (2010, p.993)

Ao fazer uma análise mais aprofundada sobre tais significados, é possível notar que, mesmo constando em um dicionário de psicologia, área que tomaria contextos internos e externos como sendo de importância principal, a consideração entre gênero e sexualidade, de modo geral, é superficial e sintetizada. As questões anatômicas e biológicas seriam reduzidas a apenas uma única forma de identificação, assim a questão de cunho interno e externo, que associa fatores psicológicos, culturais, sociais e políticos, tornam-se apenas algo ligado ou a biologia ou a psiquiatria.

A diferença entre travestis e transexuais pelo dicionário seria que o primeiro resume-se apenas ao desejo de vestir-se como sendo do gênero oposto e o segundo seria a não identificação física, constituindo até um distúrbio, com sua anatomia e o desejo de mudança. Teóricos, médicos, psicólogos, cientistas, psiquiatras, entre outros, percebendo a relevância da questão, passaram a se interessar e se esforçar nos estudos da questão sobre a formação identitária de travestis e transexuais, buscando encontrar uma argumentação que fosse aceitável para se explicar como travestis e transexuais se desenvolvem. Desde então, as mais variadas teorias tentaram ser conclusivas, algumas seguindo pela linha de que o fator genético é o que define as condições sexuais de cada pessoa, outras acreditam que o ambiente faz com que a identidade seja formada, mesmo assim, nenhuma delas conseguiu ser convincente e se afirmar com propriedade e sem deixar alguns detalhes sem explicação. A definição de quem são as travestis e transexuais é muito delimitada por discursos advindos de outras áreas, o discurso médico é um dos mais utilizados para explicar “quem é considerado transexual”.

É interessante observar como o discurso biomédico regula a fala sobre transexuais, acabando por defini-los, dando os parâmetros do que “são” e de quais pessoas “podem ser” transexuais, usando para isso definições um tanto estanques. Se o que define um/a transexual é um profundo desconforto em relação ao sexo anatômico com que nasce, não penso ser possível afirmar que essas pessoas sempre queiram/possam passar por cirurgias de mudança de sexo. O desejo de ter um corpo diferente daquele com o qual “se nasceu” pode existir, mas podem não existir condições de operacionalização desse desejo, nem sempre mediadas apenas pela falta de dinheiro. As várias cirurgias pelas quais alguém que demanda mudar de sexo passa não são realizadas sem muita dor, dinheiro, disponibilidade de tempo e, também, paciência (para passar por todos os testes e etapas que antecedem a cirurgia em si). Além disso, parece que a cirurgia é o único passo a ser dado na consolidação de uma mudança efetiva nesse sujeito no discurso biomédico, não levando em conta vários outros aspectos como, por exemplo, os processos judiciais de adequação do prenome (a esse respeito ver Madeira, 2001) e as formas como se apresenta e é vista pelos/as outros/as essa pessoa já operada em sua vida cotidiana. Portanto, reduzir a transexualidade estritamente a um ato cirúrgico é não levar em conta a experiência social desses sujeitos. (VENCATO, 2002, p.17).

Certos fatores da formação de transexuais e travestis, e não apenas deles como de todos os indivíduos, talvez, não necessitassem ser questões tão esmiuçadas, discutidas e pesquisadas nesses termos, simplesmente porque nem sempre podemos generalizar e igualar as necessidades de cada um como sendo algo geral. Ao julgar que a formação apenas de transexuais e travestis precisa ser estudada e analisada, nos passa a impressão de que eles estão sendo reduzidos a um grupo diferente do resto que precisa ter todas as suas áreas pesquisadas. Mas, como podemos saber, de fato, como se dão as vontades ou quais os motivos que nos fazem nos atrairmos por determinadas pessoas?

Temos a impressão de que, ao saber todos os aspectos dos desejos e vontades, teríamos as respostas necessárias que poderiam trazer uma mudança na construção da sociedade, no entanto, seria mais justo se existissem pesquisas que buscassem descobrir como a formação de cada indivíduo acontece ao longo de seu desenvolvimento, sem a distinção de identidade de gênero ou orientação sexual, pois, mesmo os indivíduos cisgêneros são diferentes, passam por processos diferentes e se formam de maneiras díspares.

No entanto, apesar de toda a complicação em se falar sobre cada vontade, cada desejo, cada diferença, a discussão sobre corporalidades, gêneros e sexualidade sempre pode ser válida para se discutir se a “cultura do corpo e do sexo” que vivemos na sociedade atual é, realmente, aquela que deve continuar sendo disseminada, se não

deveríamos utilizar as experiências e mudanças que temos contato para estimular mudanças e trazer novas informações e pontos de vista para a sociedade.

A experiência transgênero é um dos temas que têm possibilitado uma renovação das reflexões, dos conceitos e da própria teoria dentro do campo de estudos feministas e de gênero. Isso porque em suas diferentes formas de manifestação ela tem revelado aspectos do gênero que durante muito tempo ficaram relegados ou sua construção teórica ou perspectiva comparativa com culturas outras. Justamente os aspectos que mais sobressaem na reflexão sobre a experiência transgender estão ligados ao caráter artificial e fabricado do gênero e das diferenças de gênero, ou seja, de sua fabricação cultural, social e política. É também a experiência da margem que tem possibilitado uma reflexão sobre o conceito de corpo para além do anatômico. Penso que pode ser particularmente fértil o diálogo entre a reflexão sobre essas formas ‘não canônicas’ do gênero nas sociedades ocidentais modernas com estudos antropológicos sobre as noções de corpo em outras culturas; o confronto de experiências culturais e cosmologias que considero de margem com formas culturais e cosmológicas que veiculem outras teorias do gênero e do corpo (para além do dualismo essencialista da diferença anatômica). (MALUF, 2002, p. 148).

A discussão sobre as diferenças e igualdades entre gêneros e sexualidades é longa e complicada, não pretendemos aqui analisar todas as questões psicológicas e as diferenças na psique dos indivíduos transexuais e travestis mas, sim, buscar mostrar que todos devemos ser retratados de maneira justa e digna e analisar como transexuais e travestis, tem sua imagem construída pela mídia e como tal imagem é transmitida para o público, contribuindo ou não para que os preconceitos aumentem.

A sociedade contemporânea vive uma eterna busca por uma padronização das vivências sociais o que torna a vida e a convivência social de travestis e transexuais uma prática difícil e com sofrimento. A normatização em dicotomias, os “papéis” sociais e a obrigação por se identificar com os padrões de gêneros e de sexualidade já estabelecidos exclui os indivíduos que não o fazem, uma vez que não se identificando com gêneros biológicos e não atuando de acordo com a estrutura cultural definida para seu gênero anatômico, acabam por serem considerados como pessoas que vivem em um conflito consigo mesmos e que não deveriam ser tratados como iguais ou comparados com os cisgêneros³.

A sociedade moderna exige de cada um dos seus integrantes que “seja

³ O termo “cisgênero” é utilizado para designar os indivíduos que tem sua identidade de gênero convergente ao seu gênero de atribuição no nascimento, assim, não sendo transexual ou travesti, são cisgêneros. É importante não confundir cisgênero com heterossexual. Orientação sexual não está ligada ao gênero.

o sujeito” da sua própria vida: que se responsabilize pela sua vida, que cuide de si, que procure uma “identidade”, que fortaleça seu eu. Mas ao mesmo tempo em que permite a criação tanto da individualidade quanto de novas formas de *sociabilidade* associadas particularmente às culturas e “subculturas” urbanas – sendo os movimentos sociais dos anos 60 um momento-chave na ampliação das possibilidades culturais – em muitos dos seus espaços, os papéis e normas sociais continuam exigindo obediência. No meio rural e semi-rural, nas comunidades muito influenciadas pelo pensamento religioso ou noutros espaços institucionais muito conservadores, como o Exército, parece que as pessoas ainda usufruem muito pouco das possibilidades de se afastar do “papel”. (ADELMAN et al, 2003, p. 75-76).

Tais indivíduos, assim como os outros da sociedade, não precisam de comparações com o resto da sociedade. Eles apenas desejam viver de acordo com sua própria maneira de ser e agir, sem a necessidade de padronizações, regras pré-estabelecidas e sem a obrigação de ter que se justificar aos demais. E tal fato vale, não apenas para travestis e transexuais, mas para todos os cidadãos. Essa procura da sociedade, não toda ela, mas de vários grupos que acabam por serem ouvidos, por uma padronização universal serve apenas para criar preconceitos e aumentar discriminações e violências.

Por meio de maneira de ser, travestis e transexuais puderam mostrar para a sociedade que a questão da identidade não é simplesmente a correspondência ao gênero biológico designado ao nascer. Para que pudessem ser reconhecidos, tais indivíduos desafiam os padrões, normatizações e políticas sociais para afirmarem sua condição e serem reconhecidos como os demais cidadãos. Afinal, “indivíduos transgêneros são salientes em qualquer sociedade, pois suas manipulações de símbolos sociais, culturais, sexuais e corporais sobrepõem camadas de significados que, sem uma análise minuciosa, são de difícil apreensão” (BORBA; OSTERMANN, 2008, p.411), mas tal saliência não significa que eles devam estar excluídos e que não possam ser compreendidos, basta que todos busquem entender os significados de travestis e transexuais assim como entendem dos sujeitos cisgêneros.

No entanto, a abordagem de travestis e transexuais e seu reconhecimento social foi, e ainda é, bastante complicada. Pela padronização considerada tradicional que a sociedade vem adotando a anos, eles estariam em desarmonia com os demais e não deveriam se orgulhar de sua situação quando, na verdade, eles não deveriam se sentir diferentes pois, é só olhar ao redor de si mesmo que é possível perceber que todos somos desconformes, ninguém segue todos os padrões e que a genética é só um mero detalhe. Muitas pessoas sabem que todos os indivíduos podem formar sua própria identidade de

acordo com a “bagagem” que agrega durante sua vida, com seus pensamentos, suas formas de ver e sentir e que isso sim, desenvolve cada um e faz com que cada um se encontre. O que deixa os mais conservadores inconformados é a maneira com a qual travestis e transexuais traduzem as identidades por eles concebida.

Na conjuntura brasileira, em particular, o espaço reservado a homens e mulheres transexuais e a travestis é o da exclusão extrema, sem acesso a direitos civis básicos, sequer ao reconhecimento da identidade. São cidadãs e cidadãos que ainda têm de lutar muito para terem garantidos os seus direitos fundamentais. (...)

Entretanto, as pessoas travestis e transexuais e seus parceiros, tem se mobilizado internacionalmente contra a psiquiatrização das identidades trans e pelo reconhecimento de direito ao gênero, independentemente do sexo biológico (Rede Internacional pela Despatologização Trans, 2012), em uma luta pelo direito à autodefinição

No que se refere ao seu cotidiano, as pessoas transgênero são alvos de preconceito, desatendimento de direitos fundamentais (diferentes organizações não lhes permitem utilizar seus nomes sociais e elas não conseguem adequar seus registros civis na Justiça), exclusão estrutural (acesso dificultado ou impedido a educação, ao mercado de trabalho qualificado e até mesmo ao uso de banheiros) e de violências variadas, de ameaças a agressões e homicídios, o que configura a extensa série de percepções estereotipadas negativas e de atos discriminatórios contra homens e mulheres transexuais e travestis denominada “transfobia”. (JESUS, 2012, p.2-3).

Houve uma época em que travestis e transexuais não podiam expor sua condição sem que sofressem preconceitos e violências de todos os tipos e de todas as pessoas. Atualmente, eles não necessitam mais esconder quem são e viver se escondendo, como um dia já precisaram. No entanto, tal fato não significa que eles são totalmente aceitos pelo corpo social. Eles ainda sofrem, diariamente, com o preconceito e a exclusão, a internet e os meios de comunicação de massa nos mostram como eles ainda são tratados de forma taxativa. A união entre os elementos desse grupo e sua vontade de lutar fez e continua fazendo com que eles mostrem que são indivíduos como os demais, são cidadãos com seus direitos e deveres e pessoas de carne e osso com sentimentos. Todavia, eles ainda se sentem desconfortáveis em situações de interação, como explicam Adelman, Ajajime, Lopes e Savrasoff:

Para as travestis e transexuais que entrevistamos, o espaço da interação social convencional costuma ser bastante inóspito. As informantes que recebiam maior apoio nas suas famílias de origem se ressentiram muito quando, conforme o passar do tempo e a necessidade de interagir com um maior número de pessoas fora do âmbito familiar, tiveram de enfrentar a hostilidade dos outros ambientes sociais. Ter de transitar por lugares fora de onde os laços afetivos de família ou bairro às vezes

ofereciam uma certa proteção, como o espaço da escola ou do mercado de trabalho, podia ser muito doloroso, criando situações de rejeição e humilhação pública. Portanto muitas vezes nossas informantes faziam a “escolha” de não se expor, como vimos, por exemplo, na seção anterior deste artigo, em relação à saída da escola. Mas em outras ocasiões, não é possível se poupar de contatos com “os outros”. A procura de emprego é uma necessidade, assim como surgem outras situações de convivência obrigatória com um público maior. Situações como o alistamento militar e a participação eleitoral costumam ser momentos críticos para nossas informantes, já que sua identidade masculina é então cobrada e posta em questão. (2003, p.12).

O preconceito, infelizmente, ainda existe, mesmo em uma época com tantas aberturas e com informações advindas de todos os lugares do mundo e mesmo com toda a mobilização contra a discriminação, algumas pessoas insistem em excluir e difamar aqueles que não correspondem ao que eles acreditam que todos deveriam ser. Mesmo com a abertura pela qual a sociedade vem passando, o preconceito sofrido por travestis e transexuais é, ainda, excessivo, ultrapassando todos os limites, mesmo que ocorra de maneira indireta. Muitas pessoas ainda tem uma percepção de travestis e transexuais de forma equivocada, acreditando que sejam pessoas que querem imitar indivíduos do outro gênero ou apenas causar desconforto nos demais, tais impressões equivocadas fazem com que eles sofram preconceitos e ameaças de todo tipo.

A estereotipação também é altamente reproduzida pela sociedade, não apenas a normatização e regulação. Transexuais e travestis se viram “amarrados” aos padrões determinados e a falácias produzidas sobre eles por aqueles que, além de não saberem sobre suas condições de vida, ainda imaginavam algo e transmitiam aos demais de seu círculo social, formando assim, um ciclo que atinge a sociedade e acaba por excluir transexuais e travestis deixando-os à margem. Felizmente, estamos vivenciando um engajamento, cada vez maior, por uma grande parcela da sociedade, não apenas os transexuais e travestis, que buscam a igualdade e visibilidade para tais indivíduos, assim como sujeitos cisgêneros recebem da sociedade.

O movimento transgênero se encontra cada vez mais visível, a partir de manifestações públicas, mas principalmente pelo ativismo em rede, instrumento pelo qual fabricam novas realidades sociais, reconfigurações das relações de gênero, por meio da combinação de elementos cotidianos e extra-cotidianos, demarcando suas identidades pessoais e sociais e demonstrando, na sua práxis cotidiana, que a sua identidade de gênero não esgota sua subjetividade, sendo, portanto, seres humanos complexos, como quaisquer outros. A prática cada vez mais frequente do ativismo entre os homens e mulheres transexuais e as travestis, de forma mais ou menos intuitiva, tem aumentado a

consciência política da própria população transgênero. Identifica-se, entretanto, considerando-se a perspectiva político-identitária desta análise, a necessidade do desenvolvimento de uma linguagem propositiva em comum, para que as diferentes militâncias trans, além de ocupar um lugar questionador, sejam capazes de: dizer publicamente sobre si e sobre aquilo que desejam para si. Nesse sentido, a luta militante lhes possibilita participação ativa em processos de formulação de políticas públicas a cada vez que pensam ações possíveis de governo, mas também em um controle social efetivo daquelas políticas públicas que são implementadas (Silva & Barboza, 2009, p. 274) (JESUS, 2012, p. 10-11).

O fator externo, o corpo é, em incontáveis vezes, mais importante na análise das pessoas do que as características internas dos indivíduos. Muitas pessoas acabam julgando os demais não por suas características pessoais, suas qualidades e competências, o que interessa, muitas vezes é a impressão externa e superficial. O fato do indivíduo não se portar da maneira como seu gênero biológico foi normatizado pela sociedade para agir tem grande influência em como essa pessoa será vista e tratada no grupo social. Mas muitos se esquecem de que nenhuma pessoa nasce sabendo como se comportar, a forma como deve pensar, agir e ser, conforme sua formação vai se construindo, a pessoa recebe influências de variadas fontes para agregar seus valores e tornar-se um indivíduo.

Entretanto, as mudanças que possibilitam uma vida melhor para estes indivíduos vêm, mesmo que de forma lenta e gradual, acontecendo e cada dia mais, as pessoas se unem para que eles tenham seus direitos garantidos, não só travestis e transexuais, como também, de todos aqueles que se encaixam nas chamadas “minorias”. O Ministério da Saúde formulou uma Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Em 2011, o Superior Tribunal Federal, reconheceu a igualdade entre o casamento heterossexual e o casamento homossexual. Em 2009, tornou-se legal no Brasil a adoção de crianças por casais que vivem uma relação homoafetiva. Assim, continuamente, a situação dos indivíduos que se encaixam no grupo dos transgêneros ou em qualquer outro que seja considerado uma “minoria” vai se formulando pelas vias legais, mesmo ainda existindo o preconceito.

A sexualidade e o gênero são alvos frequentes de manifestações de diversos grupos tradicionalistas, ela continua sendo discutida e, ao que tudo indica, não haverá consenso sobre o assunto, mas deveria ocorrer uma conscientização de que preconceito e censuras não irão contribuir para que haja uma convivência plena entre os diferentes pontos de vista existentes sobre os gêneros e a condição sexual de cada indivíduo.

Nesta pesquisa, como veremos mais à frente, estudaremos, especificamente,

travestis e transexuais e suas formas de serem retratados nos programas televisivos transmitidos em três canais abertos populares brasileiros.

4.3. JORNALISMO E CULTURA

4.3.1 Mídia como formadora e (re)afirmadora de opiniões, modelos e padrões

O discurso jornalístico é, desde o início de sua prática, uma forma de transmissão de mensagens muito questionada e confrontada. A (im)parcialidade é sempre um dos principais pontos de relevância sempre que o tema “jornalismo” ou “mídia” surge em algum lugar. Não importa se estamos em um congresso ou em uma roda de amigos, há sempre quem diga que a mídia é tendenciosa, que ela constrói uma realidade a partir de suas próprias linhas editoriais e há aqueles que acreditam que ela existe para mostrar a realidade nua e crua.

O jornalismo, seja ele de qualquer tipo ou gênero, televisivo, impresso, radiofônico, não se insere na sociedade apenas como forma de transmissão de mensagens, ele, com o passar do tempo e o aumento de seus meios, é parte do grupo social e tem influência sobre a sociedade por sua expansividade e por não distinguir seu público, ao buscar falar para todos, seu espaço só aumenta.

Para começar, a cultura da mídia põe à disposição imagens e figuras com as quais seu público possa identificar-se, imitando-as. Portanto, ela exerce importantes efeitos socializantes e culturais por meio de seus modelos de papéis, sexo e por meio das várias “posições de sujeito” que valorizam certas formas de comportamento e modo de ser enquanto desvalorizam e denigrem outros tipos. (KELLNER, 2001, p.307).

Pelo aumento do número de novos meios de comunicação e pela rapidez com que se desenvolvem, ficou mais fácil ter acesso às informações e ao que ocorre no mundo, mas ficou também mais fácil se deixar iludir por opiniões dos grandes veículos e esquecer que a reflexão faz parte da formação de opiniões. Ao se identificar com um veículo, algumas pessoas abandonam suas opiniões próprias, ou ainda, buscam concordar com todo seu conteúdo para se sentirem parte daquela produção. A rapidez com que as informações são transmitidas, também fazem com que o público tente acompanhar tudo o que está acontecendo e deixem de selecionar e refletir sobre os acontecimentos, apenas seguindo o “fluxo” jornalístico dos fatos.

Coube aos meios de comunicação o papel, não só de transmissor, como também de selecionador, sintetizador, e também, de julgadores do que deve ou não ser divulgado e discutido, assim, a mídia tornou-se uma influenciadora cultural, um papel complicado dentro da sociedade e de grande responsabilidade, algo que nem sempre vemos nos veículos. De todo modo, grandes donos de meios midiáticos encontraram nessa influência, uma maneira de manipulação e dominação social, como Leal (2009, p. 92-93) contextualiza as funções da mídia

As mídias, nesse caso, atuam na dupla função de “suporte” da identificação e exploração dos acontecimentos e como agentes no debate acerca dos problemas que estes instauram, oferecendo para isso, narrativas, provas de verdade, perspectivas. Ao mesmo tempo, observa Rebelo, as mídias contribuem para a naturalização dos acontecimentos, ou seja, para sua apropriação pelos sujeitos, fabricando adesões e produzindo uma história “fragmentada”, “numa continuidade de mutações incessantes” (REBELO, 2005, p. 58).

A possibilidade de influência fez com que os donos de conglomerados midiáticos percebessem o “poder” que tinham em suas mãos e se aproveitassem dessa oportunidade para criar os seus próprios efeitos de realidade junto aos seus espectadores, buscando influenciar, ditar regras e mostrar suas “verdades”. Assim, os meios passaram a transmitir mais que mensagens, passaram a mostrar ao mundo como seu funcionamento deveria acontecer, o que é certo e o que é errado, como determinadas situações devem ser tratadas, disseminando, assim, estereótipos e práticas sociais, regulando visões e abrindo precedentes para preconceitos.

Simultaneamente, as tipificações e a instauração de rotinas e de precedentes auxiliam a possibilidade de criação de horizontes de significação comuns, construindo a sociedade como um consenso, um consenso que admite uma certa conflitualidade desde que este não ponha em causa o sistema central de valores elevando as ordens políticas e econômicas dominantes para o plano da universalidade. As vozes dos *media* com maior capacidade de influência e de penetração instituem uma trama narrativa que parece destinada a restringir o significado, unir os fios soltos da interpretação, apresentar uma visão da nossa sociedade na qual existem formas institucionalizadas de conflito, mas sem contradições fundamentais. Pretende-se fazer crer que um modo de ver historicamente determinado corresponde à representação natural, “verdadeira” da sociedade, elevando essa representação a um plano de universalidade que supera as dificuldades de percepção, as tensões sociais e as particularidades fracturantes. (CORREIA, 2006, p. 206).

Costumeiramente falando, inúmeras pessoas consideram os veículos de comunicação como meios que abordam as temáticas de maneira indiscriminada,

discutindo todo e qualquer tipo de temática sem análise prévia, o que não representa a realidade, uma vez que todo veículo possui uma linha editorial - uma política que determina a visão do veículo em relação a cada assunto - que é utilizada para que se mantenha uma conformidade entre as variadas temáticas que são abordadas e, também, para que não se corra o risco de que a opinião pessoal do jornalista seja confundida com a forma que o fato será interpretado para ser transmitido ao leitor.

No entanto, a opinião, o ponto de vista do veículo esta sim, expressa no que está sendo transmitido. E por que não o ponto de vista do jornalista, já que trabalhando no veículo ele tende a concordar com seu posicionamento e transmiti-lo ao público. Matérias, notícias, textos, áudios só são produzidos a partir de uma linha de pensamento única, e é a identificação do público com o que está sendo transmitido que torna um veículo como sendo considerado um formador de opinião. A seleção em si, já é uma forma de demonstrar a opinião, já o no veículo só se expressam visões e ideias aprovadas previamente.

Como na exposição dos fatos interpretados o jornalista corre o risco de invadir o campo da opinião, as empresas traçam sua política editorial, encarregando do seu controle (daquela “censura adequada” de que falava Hipólito da Costa) elementos de confiança e experiência, que ocupam cargo de mando na redação: o diretor, o redator-chefe, os secretários e chefes de reportagem, os editores de diversos departamentos. Tal controle é exercido, sobretudo, pela seleção das informações e dos temas que serão objeto da opinião. (BELTRÃO, 1980, p. 38).

Cada veículo de comunicação possui suas próprias maneiras de selecionar os fatos que serão transformados em notícia e, posteriormente, transmitidas ao público. Inúmeros fatores influenciam no momento de decidir se determinado fato ocorrido é ou não publicável, nem sempre a grandiosidade do fato é de interesse geral. Outros fatores que tem importância para a divulgação são: o interesse do veículo na divulgação de determinado fato, o interesse do público do veículo pelo assunto, relevância do fato na sociedade, os detalhes diferenciados obtidos para diferenciar a matéria do veículo das demais, entre outros. Em diversos casos, a menor relevância de um fato para o veículo não significa uma total supressão do assunto, mas sim, um menor espaço para sua abordagem, já em outros casos, como por exemplo a relação direta do veículo com o fato, o fato não é abordado.

Após a seleção do material que será noticiado, o jornalista desenvolve a matéria

seguindo a determinação do veículo de como o assunto deve ser tratado, assim a narrativa é desenvolvida visando determinada interpretação, as informações são apresentadas de forma a fazer com que seu público chegue na mesma conclusão que o veículo, podendo, assim, concordar com o veículo, podendo buscá-lo novamente para saber seu ponto de vista sobre outros assuntos.

Sugerimos ainda a necessidade de repensar a responsabilidade social do jornalista, especialmente no contexto político brasileiro, considerando a inviabilidade da principal premissa dos discursos jornalísticos, sustentada nos princípios de objetividade e imparcialidade, uma vez que toda história é uma construção e todo relato de um acontecimento social é uma versão, implicando em seleção e interpretação. Decididamente, não há ligação direta entre o crescimento do volume de informação e a sua disponibilidade e veracidade. Até porque já sabemos que o conteúdo dos acontecimentos sociais e os seus efeitos não são inerentes aos próprios acontecimentos, mas dependem do tratamento que recebem pelos jornalistas, responsáveis pela formação da opinião pública. (BECKER, 2006, p. 95)

Um texto jornalístico pode ser, em sua essência principal, apenas uma organização textual em que se está narrando um percurso a partir de um dado ponto de vista; nele são descritas as ações de indivíduos, situações cotidianas, momentos históricos e, feliz ou infelizmente, são transmitidos posicionamentos. Os grandes conglomerados tendem a acatar ideias tradicionalistas devido ao seu grande público e à necessidade de se transmitir ideias já conhecidas e com as quais seu público já está habituado, resultando, muitas vezes, na transmissão de conceitos que podemos considerar como “lugar comum”, estereotipados e preconceituosos.

Quando pensado em relação ao jornalismo, o recurso a esquemas cognitivos marcados por esta busca de familiaridade e tipicidade conduz uma visão convencional associada ao senso comum. Analisando os precedentes enquanto modelos estabilizadores de todas as formas de relato de acontecimentos idênticos ou semelhantes (existiu um Watergate que precedeu numerosos casos de jornalismo investigativo como o Irangate), detecta-se um conjunto de procedimentos, fórmulas discursivas, técnicas narrativas e descritivas que se repetem, parecendo, de certo modo, estarem escritos antes de serem efetivamente escritos. Ou seja, parecem ser os acontecimentos que aderem a fórmulas narrativas pré-existentes e não o contrário. (CORREIA, 2006, p. 203 – 204).

Incorporados em um texto jornalístico estão diversos significados, suas entrelinhas dizem mais do que se pode imaginar. Por entrelinhas não nos referimos somente aos significados presentes nas palavras dos textos escritos, mas também, textos

falados, textos combinados com imagens, figuras. Toda forma de comunicação jornalística é válida e pode conter uma mensagem além da que está óbvia. Os veículos de comunicação são vistos e utilizados por muitos cidadãos como uma maneira de entender a construção da história e da cultura de uma sociedade e, também, considerados por muitos como influenciadores ou, ainda, como construtores de uma realidade a partir de pontos de vista específicos, o que causa muita discórdia pois, teoricamente, os veículos deveriam apenas divulgar notícias e informações e não formar e influenciar opiniões. Ao tentar compreender um amplo leque de conceitos e de agradar o maior número de pessoas possível, muitos veículos caem na armadilha de construir e confirmar estereótipos, causando uma continua disseminação destes – tal como se atesta por Correia, em sua explicação sobre a construção social da realidade realizada pelos *media*:

O caso do “arrastão” permite exemplificar, de modo flagrante, a problemática da construção social da realidade. Na perspectiva fenomenológica, analisa-se um recurso às tipificações da experiência que são socialmente objetivadas, na medida em que se tornam componente de um *a priori* social. É aqui que os *media* se tornam especialmente importantes na distribuição do conhecimento socialmente disponível. A construção de tipificações é uma espécie de cristalização da experiência que permite conferir estabilidade à vida social. O estilo cognitivo do mundo na vida cotidiana é a atitude natural a qual ecoa um interesse pelo mundo de natureza pragmática e utilitária (Schutz, 1976: 72). A atitude natural trabalha com a “certeza” dos agentes, operando pragmaticamente na relação com o mundo social. (CORREIA, 2006, p. 203).

O grande alcance e a facilidade de se ter acesso a pelo menos um dos variados meios de comunicação existentes teve como resultado uma grande confiança neles depositada pela sociedade que considera suas mensagens como sendo algo de grande relevância, assim eles acabam por receber um caráter de influência na sociedade. Apesar de cada indivíduo ter sua maneira de pensar e interpretar os fatos, a interpretação feita pelos meios de comunicação ao transmitir os fatos é considerada muito importante pelos seus receptores, uma vez que, é uma maneira de ter acesso a uma infinidade de pontos de vista e ter a oportunidade de refletir sobre os mesmos. A linha editorial seguida pelo meio de comunicação também influencia na forma como a publicação vê o mundo, pois ela faz com que um mesmo fato possa ser interpretado de variadas maneiras, cada um escolhe a sua e a transmite, isso permite que a visão de cada veículo seja avaliada pelo público e com que cada indivíduo tenha a oportunidade de escolher por qual visão ele tem preferência. É importante salientar que a opinião expressa não é necessariamente do

jornalista, mas sim do meio de comunicação.

Entendemos que os meios de comunicação coletiva, através dos quais as mensagens jornalísticas penetram na sociedade, bem como os demais meios de reprodução simbólica, são “aparatos ideológicos”, funcionando, se não monoliticamente atrelados ao Estado, como dá a entender Althusser, pelo menos atuando como uma “indústria da consciência”, de acordo com a perspectiva que lhes atribui Enzensberger, influenciando pessoas, comovendo grupos, mobilizando comunidades, dentro das contradições que marcam as sociedades. São portanto veículos que se movem na direção que lhes é dada pelas forças sociais que os controlam e que refletem também as contradições inerentes às estruturas societárias em que existem. (MELO, 1994, p. 67).

O grande alcance e a abundante receptividade que os meios tiveram e continuam tendo fizeram com que eles, cada vez mais, se desenvolvessem e buscassem novas formas de continuar se desenvolvendo, tornando-se peças chave para que a sociedade pudesse se desenvolver e ter um funcionamento constante e “igualitário”. Percebendo tal fato, se iniciou uma disputa cada vez maior pelo “controle” das informações, pela influência ao público e de tudo que possa ter relação com esse novo jornalismo. O resultado foi uma atmosfera comercial e capitalista envolvendo os meios de comunicação.

Desta maneira, o jornalismo é concebido como um processo social que se articula a partir da relação (periódica/oportuna) entre organizações formais (editoras/emissoras) e coletividades (públicos/ receptores), através de canais de difusão (jornal/revista/rádio/televisão/cinema) que asseguram a transmissão de informações (atuais) em função de interesses e expectativas (universos culturais e ideológicos). (MELO, 2003, p.17).

Mesmo com a sociedade já habituada com a influência que os veículos comunicacionais podem exercer, essa característica nem sempre é considerada positiva. A mídia, muitas vezes, transforma a sociedade em um palco onde todos os acontecimentos podem ser manipulados e todos aqueles que “ultrapassam as fronteiras” já delimitadas pela sociedade, como prostituição, transexualidade e aborto, são punidos, sendo retratados de forma preconceituosa ou caricata. Com o passar dos anos, a comunicação de massa tornou-se um elemento regulador da sociedade caminhando juntamente com as demais instituições tradicionais, como o Estado e a igreja e produzindo discursos para reafirmar seus posicionamentos sobre temas sociais perante a sociedade, buscando sua adesão pelos cidadãos. Com o desenvolvimento cada vez maior da sociedade e com o aumento de pessoas para consumir tais veículos, as ideias de quem publicava materiais

neles foi sendo cada vez mais difundida e quem dominava os conteúdos eram pessoas influentes na sociedade que não queriam perder seu papel social, ou aqueles que estavam tentando entrar na elite, por meio de sua elevação econômica.

Uma função de *regulação do cotidiano social*. Essa é assegurada por discursos banais que, ao mesmo tempo, determinam o que são e o que devem ser os comportamentos do corpo social. Ao ritualizar os atos de linguagem do cotidiano, ao produzir discursos que justificam os hábitos comportamentais (alimentares, de transportes, de trabalho, de lazer etc.), ao dotar-se de códigos linguageiros (de polidez, de honra, de acolhimento), os grupos sociais constroem para si uma visibilidade através de discursos que normatizam as relações sociais, produzindo o que Erving Goffman chama de “enquadres da experiência”, os quais se fundamentam em avaliações éticas, identificações ou recalques de emoções, determinando assim o que é ordem ou desordem, para fazer ou para não fazer, o bem ou o mal. Trata-se do discurso que mostra o civil anônimo que preferimos chamar de “sociedade em geral”. (CHARADEAU, 2012, p. 119).

Os meios de comunicação de massa desde os primórdios possuem um caráter influenciador da sociedade devido a possibilidade de ter um vasto alcance e a credibilidade que foram alcançando ao transmitirem as notícias de uma maneira considerada íntegra. Alguns veículos possuem mais confiança de seu público, outros menos, mas, ainda sim, muitas pessoas, independente de idade, classe social ou gênero, buscam os meios para entenderem o que está acontecendo no mundo. Por tais características os veículos comunicacionais, tais como jornal, rádio, emissoras de televisão e produtores de conteúdo digital receberam a o papel não só de transmissores de informações mas também de selecionadores destas e, principalmente, de formadores de opinião.

O discurso televisivo pode oferecer mais que apenas um texto, eles convencem o público daquilo que está sendo falado, demonstram a seriedade e a importância dos fatos retratados e buscam que o público concorde com eles e aceitem sua visão como sendo correta, optando assim por continuar consumindo aquele discurso. Para isso, os veículos usam dos artifícios que encontram para que seu discurso convença o público e para que estes o considerem real, como conceitua Leal (2009, p. 94-95).

É essa realidade discursiva, fruto de operações linguísticas, que é ofertada ao receptor e que deseja, para não dizer necessita, de sua adesão para se autenticar como verdadeira. Assim, as notícias devem ser concebidas como espaços de negociação, que envolvem diversos atores sociais e entre eles, de espaços de negociação, que envolvem diversos atores sociais e entre eles, de modo privilegiado, está o

receptor. Assim, cada mídia, cada programa ou produto, manifesta uma experiência da vida social e a oferta aos seus receptores, numa relação que é menos de manipulação e mais de apropriação mútua. Em outras palavras, como produto de linguagem, o acontecimento noticioso exige que o seu receptor realize operações que lhe atribuam sentido e o (re)insiram no cotidiano. Para tanto, busca antecipar, orientar, conduzir, apropriar-se do gesto de recepção à espera de que o receptor tome a notícia para si, dê-lhe validade, autentique-a.

A televisão tornou-se um dos mais importantes transmissores de notícias por seus conteúdos serem transmitidos de maneira dinâmica. Apesar de uma ocasional falta de detalhes, eles demonstram serem completos: sua linguagem é de fácil entendimento, seus programas são rápidos e dinâmicos, há uma facilidade de fazer outras atividades enquanto a televisão está ligada e de trazerem o “mundo” para dentro da casa dos telespectadores. Todas estas características, fazem com que o público sintam-se não apenas meros consumidores, como também, participantes daquela realidade, se sentindo próximos do que está sendo transmitido.

Na impossibilidade de trazer todo o mundo para o pequeno espaço da tela, a televisão então recorta-o e produz uma realidade televisiva que demanda o reconhecimento fácil do espectador. Este vê emergir no seu espaço doméstico não um outro mundo – estranho, diferente – mas o “seu lugar”, cenas que compõem o mapa mundi em que habita. Para que as operações de reconhecimento e identificação das cenas da passagem sejam eficazes, é fundamental que o espectador esteja habituado com os recortes e condensações frequentemente usados e repetidos. Nesse sentido, é a formatação do olhar do espectador que está em questão e que faz com que as relações entre campo e extra-campo, entre outras, sejam naturalizadas e pacificadas, de modo que a continuidade desejada se mantenha: que a imagem do Palácio do Planalto ao mesmo traga Brasília e a Presidência da República para a tela da tevê e que continue no cenário azul dos apresentadores e no espaço doméstico dos telespectadores. (LEAL, 2009, p. 100).

Tendo recebido uma função de grande força de influência social, mesmo com todas as transformações pelas quais os meios de comunicação passaram e, ainda passam continuamente, a televisão foi crescendo e se popularizando e continua sendo considerada um dos principais veículos de informação, estando presente em grande parte dos lares brasileiros. Sendo assim, ela possui um papel acima de ser um mero divulgador dos fatos que ocorriam no país. A televisão foi, cada vez mais, se expandindo e se massificando, recebendo mais e mais estímulos conforme a sociedade ia se desenvolvendo e aumentando seu poder de aquisição e as possibilidades de acesso. Ela tornou-se uma forma dos cidadãos sentirem-se participantes ativos do que acontece no país, inclusive, a sociedade muitas vezes recorre a própria mídia televisiva para chamar a atenção dos

órgãos públicos para as questões que estão acontecendo e que estão sendo ignoradas.

Uma das principais questões, no entanto, é a maneira como tais fatos são transmitidos ao público. Nem sempre a forma como o texto e as imagens são trabalhados juntos estão isentos de todos os variados filtros que são determinados por cada emissora para que seja possível levar uma matéria ao ar. Assim, o papel de influenciador do público também é produzido pelas edições feitas até que se encontre um texto único para ser transmitido.

A televisão dá prioridade ao componente visual, de maneira a causar muita fascinação ao público. Ela aumenta o peso da imagem em relação ao valor da palavra. E o telespectador decodifica, mais facilmente, os códigos visuais do que os verbais. Se alguém diz que “isso apareceu na tv”, o outro aceita, passivamente, a situação como um fato real: “se apareceu na TV, então aconteceu”.

Mas ela não é mera observadora dos fatos. Por trás de uma câmera, está o olhar de um cinegrafista; a matéria é uma história, contada pela ótica do repórter; na edição o jornalista faz escolhas, optando por uma e não por outra cena, por esse e não por aquele trecho da resposta do entrevistado. TV é edição, é recorte, é fragmento. O desafio de quem trabalha nela é escolher certo, com responsabilidade, critério, ética, e, principalmente, honestidade. Existe imparcialidade jornalística? É claro que não. A ótica do jornalista, do cinegrafista, do fotógrafo, do diretor da empresa e dos interesses que ela representa, sempre estarão de algum lado. Objetividade? Muito menos. (PORCELLO, 2006, p 146).

Atualmente, as produções transmitidas pela televisão podem ser consideradas como a reprodução de simulacros de vida real, onde o que importa é o espetáculo que se forma em torno das temáticas escolhidas e que reproduzem determinadas impressões e estereótipos para toda uma gama de pessoas. O que se encontra entre o início e o desfecho de tais programas é, muitas vezes, utilizado como enredo para dramatizar e mostrar ao público um enredo a altura dos filmes hollywoodianos.

Inúmeras vezes, nos deparamos com assuntos que deveriam ser tratados com seriedade sendo, todavia, mostrados como algo banal, sendo mostrados como algo que se encaixa nas trivialidades e normatizações já produzidas e reproduzidas à exaustão ao longo da história midiática, como o assunto sobre gêneros, o racismo e o machismo que acabam sendo abordados como se fossem apenas uma maneira de entretenimento, algo que apenas distrairá o público da vida real e que não contribuirá para que novas visões surjam e para que o preconceito seja deixado para trás.

Quanto à televisão, ela é essencialmente avaliada, depois explicada sob o que eu batizei em outro lugar “o paradigma midiático” que consiste em considerá-la somente sob o ângulo de uma mídia, no sentido literal de intermediário. A televisão concebida como mídia só tem como desígnio relatar de forma *fiel e autêntica* o real circunvizinho. De tal forma que o paradigma midiático valoriza uma concepção da televisão como “janela aberta para o mundo” para retomar a expressão de Bazin dirigida ao cinema, que não pretende então produzir outras significações que aquelas já existentes na realidade.

De fato, sob este paradigma midiático, a televisão deve ater-se, antes de tudo, a prestar conta do real sob regimes enunciativos diferentes como informar, debater, polemizar, etc. É por isso que se constrói uma topologia axiológica dos programas considerados mais especificamente televisivos que outros, em primeiro lugar os magazines de informações e de sociedade, em detrimento de outros programas, como o entretenimento ou a ficção, visto que estes não são representativos e só aderem *a priori* de forma distante ao projeto midiático da televisão. Desde logo, a televisão se compreende como um regime de mediação e não de representação, em que o terceiro simbólico se ausenta, se dissipa. (CHAMBAT-HOUILLO, p.32).

Vivemos em uma “era do espetáculo”, as simulações de vida real transmitidas pelos meios precisam ser atrativas, ter algo que as diferencie dos demais programas. Assim, os veículos de comunicação estão buscando se habituar a essa nova orientação do jornalismo de transmissão dos fatos de uma maneira imparcial, buscando mostrar os fatos como eles realmente aconteceram, sem interferências de edições dos jornalistas, uma característica do jornalismo, mas concomitantemente, combinando opinião sobre o assunto, dando uma visão sobre tal. No entanto, temos a impressão de que está acontecendo uma alteração dos valores jornalísticos, o que se percebe, é que o mais importante tornou-se entreter seu público. A parte autêntica do jornalismo, sua missão de transmitir a informação e auxiliar as pessoas a refletirem sobre os temas é, ainda, feita com dificuldade e em menor escala, já, o entretenimento do público se tornou mais importante.

Fraser Bond coloca a questão de modo muito simples: “O jornalismo tem quatro razões de ser fundamentais: informar, interpretar, orientar, entreter. (...) “Hoje o primeiro propósito e responsabilidade do jornalismo é assegurar ao povo a informação. Essa responsabilidade requer uma completa objetividade nas notícias. A necessidade de interpretação e explanação das notícias em nossa época é realmente visível. (...) enquanto a televisão procura impressionar os seus espectadores por meio de suas mesas-redondas, documentários e entrevistas. Paralelamente ao seu propósito sério de informar, interpretar e moldar opiniões, o jornalismo dedica um esforço crescente à sua função de entreter. (MELO, 2003, p. 27-28)

Esse espetáculo passou a ser um recurso utilizado pelos veículos de comunicação buscando a manipulação do público e uma forma de alienação, estes acabaram por acatar tal imposição, alguns nem percebendo tal ocorrência apenas deixando-se entreter. Os fatos ficaram, assim, dispersos em uma imensidão de possibilidades de transmissão, esperando pela oportunidade de serem transformados em uma forma de construção social. O problema, no entanto, continua sendo encontrar uma maneira de usá-los para modificar a situação em que se vive atualmente e não ser tendencioso além dos limites aceitáveis. Becker sugere um papel social para o jornalista:

Sugerimos ainda a necessidade de repensar a responsabilidade social do jornalista, especialmente no contexto político brasileiro, considerando a inviabilidade da principal premissa dos discursos jornalísticos, sustentada nos princípios de objetividade e imparcialidade, uma vez que toda história é uma construção e todo relato de um acontecimento social é uma versão, implicando em seleção e interpretação. Decididamente, não há ligação direta entre o crescimento do volume de informação e a sua disponibilidade e veracidade. Até porque já sabemos que o conteúdo dos acontecimentos sociais e os seus efeitos não são inerentes aos próprios acontecimentos, mas dependem do tratamento que recebem pelos jornalistas, responsáveis pela formação da opinião pública. (BECKER, 2006, p. 95).

4.3.2. Mídia, conceitos e preconceitos

A mídia se tornou um objeto utilizado para demonstração de poder e controle do que acontece no mundo. A partir da veiculação ou não de informações, os donos dos grandes conglomerados midiáticos tornaram-se poderosos, entre outras coisas, por deliberarem sobre quais assuntos o público irá ou não ter acesso informativo, sobre como serão discutidos tais temas, afirmando ou reafirmando quase sempre rótulos e estereótipos de nossa sociedade. Assim, não coincidentemente, o que é transmitido pelos meios tem uma alta chance de influenciar a visão que o público terá sobre certos assuntos e sobre determinadas pessoas e grupos. E, sabendo disso, a mídia nem sempre consegue fazer uma abordagem livre de opiniões e delimitações e aberta a mostrar que os temas que já foram um tabu hoje podem ser vistos da mesma forma como alguns são há muito tempo discutidos como, a política, economia e os esportes.

Os veículos tendem a retratar e reproduzir certos padrões e opiniões que vem sendo produzidos e disseminados há anos pela sociedade e que acabaram por tornar-se como sendo a forma “natural” com que o público vê e percebe as mensagens retratadas pela mídia e acabam por considerá-las como verdadeiras e tomam para si tais falas, utilizando-as para delinear suas próprias formas de ver o mundo e de construir suas visões sobre o que nele acontece. Assim, a reprodução de imagens sobre travestis e transexuais

pela mídia, sejam elas próximas ou distantes a realidade, estão propensas a influenciar a forma como estes serão vistos e falados por quem acessa tais conteúdos e neles acredita. O problema é como tal construção das imagens desses indivíduos aumenta os estereótipos e o preconceito, pois, muitas vezes, a visão que se tem deles é de exagero, de prostituição, de pessoas que não se aceitam, entre outras, ao invés de ajudar a acabar com o preconceito, pode ser que os veículos só ajudem a aumentá-lo.

Os discursos veiculados pela mídia acionam poderosos efeitos de verdade, que podem contribuir significativamente para a construção das identidades dos sujeitos. Neste sentido, podemos afirmar que a mídia, especialmente a televisiva, pode ser considerada como um espaço educativo, uma vez que produz conhecimentos a respeito da vida, do mundo que nos cerca, de como devemos ser ou nos comportar, do que devemos gostar. (FELIPE, s/d, p.4).

O jornalismo tem como um de seus principais objetivos trazer a realidade para o público, mesmo que essa realidade possa ser discutida e que possamos duvidar de que tipo de realidade é esta que está sendo reproduzida. O jornalismo necessita não apenas dos fatos para existir, mas também, ele não funcionaria sem que toda essa carga material se conectasse com o público por meio de seus sentidos, de sua comoção com o assunto e de sua identificação. Assim, ao discutir assuntos como gênero e sexualidade, é possível que o público apreenda que aquilo que está sendo mostrado é a verdade única sobre o assunto, reverberando em sua forma de refletir sobre tais indivíduos e de tratá-los.

Uma matéria jornalística demanda prender a atenção do público, tocar seus sentimentos, fazer com que ele encontre interesse para esperar e assistir a matéria e ver o que seu conteúdo pode revelar, logo sua forma de falar com o público precisa de elementos que sejam um chamariz, resultando no uso de artifícios e exageros para tratar as temáticas. Sem tal identificação do público é impossível que o produto midiático se torne um influenciador, sendo apenas mais um programa veiculado por algum canal de televisão. Os produtos jornalísticos são, desde o início de sua produção, idealizados buscando agradar certo tipo de público e aproximar-se de sua forma de pensar, assim fica mais claro os motivos pelos quais tais produtos reproduzem tantos estereótipos e padrões estabelecidos pela sociedade, é como se fosse uma forma de troca, um ciclo vicioso, tais padrões e normatizações são exibidos pela mídia para a sociedade e a sociedade também mostra que aceita tais ideias e as utiliza em sua construção, determinando assim, o que é “normal” e o que é “diferente”.

O processo de produção de sujeitos pela mídia destaca-se pela multiplicidade. Os receptores participam na construção de suas identidades. Na constituição

de homens e mulheres, mesmo que não sejam conscientes, há um trabalho contínuo para determinarem suas formas de ser ou estilos de vida, incluindo o exercício da sexualidade. Existe um processo de escolha, porém dentro de um quadro de opções fornecido.

Louro, a despeito das limitações que talvez existam num investimento cultural feitos pelos sujeitos, diz que toda sociedade objetiva *fixar* uma identidade masculina e uma feminina considerada normal e duradoura. (FLAUSINO, 2002, p.12).

Nessa busca incessante por transmitir os padrões e gêneros, a mídia tornou-se um “campo de batalhas”, em que, os veículos buscam mostrar que as informações que eles estão transmitindo estão corretas e que os demais estão equivocados, tentando com que seu discurso seja considerado primeiramente pelo público. O discurso dos demais não tem validade para o público de uma determinada mídia, os valores que se buscam devem ser diferentes e estes não podem, em circunstância nenhuma, buscarem mais que uma “verdade” ou partilharem da opinião contida em outro veículo; é preciso ser “fiel” à apenas alguns veículos de comunicação e as opiniões e modelos emitidos por ele.

Mas com o massivo número de mensagens sendo transmitidas, são retratadas também diversas identidades e a construção de tais identidades vai sendo produzida como um quebra-cabeças, onde as representações vão sendo transmitidas ao público e se construindo de acordo com a aceitação do público e se tornando fontes das padronizações da sociedade. A mídia precisa que tais padrões sejam aceitos para que possa continuar reproduzindo-os e dominando a maneira como a sociedade será construída.

A despeito dessa multiplicidade de identidades, a mídia tenta fixar determinadas identidades. O que parece ocorrer na mídia é: o que é agora é o que sempre foi. E a forma como elas exercem a sexualidade deve ser mantida. Identidades de gênero e identidades sexuais, ao contrário do que a mídia constrói, não são tão determinadas e evidentes. O processo de reconhecimento inscreve-se nas diferenças e em como implica na instituição de ordens do discurso, visto não haver relações de poder sem luta por hegemonia. A mídia quer sempre consenso, por razões mercadológicas. (FLAUSINO, 2002, p.3).

Assim, podemos perceber que a mídia utiliza seus produtos para convencer as pessoas do que é certo e o que é errado, para mostrar padrões de maneira que seja fácil o entendimento. A mídia peca ao continuar cultuando determinadas fórmulas já utilizadas por grupos dominadores, mostrando determinados segmentos da sociedade de forma equivocada e preconceituosa. A discussão sobre sexualidade e gênero muitas vezes é delineada por piadas e estereótipos de péssimo gosto, reproduzindo os preconceitos há muito conhecidos e que continuam caindo nas graças do público, que, muitas vezes,

sequer percebe.

Os produtos culturais (filmes, romances, novelas, propagandas), as reuniões familiares, os espaços de lazer, promovem e cultuam as parcerias heterossexuais e os corpos bem-conformados aos padrões binários, raciais e estéticos, de maneira que naturalizamos esses privilégios entendendo-os como normais e naturais, e não como construções políticas que relegam às margens aqueles e aquelas que não se adequam, não se conformam, não conseguem ou mesmo recusam esses limites. Assim, os transformamos em “MINORIAS”, quer dizer minoramos suas reivindicações, seus problemas, suas angústias (lembra-se que Helena e Cláudio, mesmo fazendo parte de uma minoria social, foram tratados como maioria cultural?) (PELÚCIO, 2014, p. 132).

A mídia precisaria se utilizar de sua grande influência e da possibilidade de estar presente na vida das pessoas de maneira ativa, para trabalhar a favor dos mais diversos grupos sociais, evitando transmitir estereótipos e fórmulas prontas. O discurso midiático precisa ir a favor das igualdades, atribuir significados positivos ao que transmite e auxiliar o público a refletir sobre determinadas mensagens que vem sendo produzidas e reproduzidas continuamente e que servem apenas para excluir pessoas do corpo social

4.4. As teorias dos Estudos Culturais: contribuições teórico-metodológicas para a análise midiática

Além dos pressupostos teóricos até aqui colocados, utilizaremos também como forma de análise dos produtos midiáticos as teorias dos Estudos Culturais, com especial ênfase na teoria de Raymond Williams e de Richard Johnson. Não pretendemos afirmar uma verdade absoluta e única com esta pesquisa, mas sim, buscar uma compreensão entre as relações existentes entre imagens, textos e uma possível tentativa de construção de uma realidade, principalmente quando o jornalismo toma para si essa construção e transmissão da imagem dos indivíduos. Os indivíduos transexuais e travestis são, constantemente, alvos de uma construção de imagem equivocada, resultando em uma cultura dos indivíduos trans que nem sempre corresponde ao que eles são na realidade. Tal conhecimento vai se formando ao longo do tempo e acarretando em cada vez mais preconceito e falta de aceitação de suas condições.

Os Estudos Culturais não são simples de se explicar e de se compreender. Tais estudos tem grande influência sob outras disciplinas e de outras disciplinas; eles são mais próximos de ser o resultado do entrelaçamento de variados estudos. No entanto, sua teoria é aberta e multifacetada que se utiliza da “crítica” para aproximar-se de diversas tradições

teóricas podendo colaborar ou coibi-las. Por “crítica”, não consideramos o sentido desfavorável do termo, mas sim, o significado em que “a crítica apropria-se dos elementos mais úteis, rejeitando o resto” (JOHNSON, 2010, p.10). Podendo-se concluir que os Estudos Culturais se aproximam de um processo em que se agregam diversos itens teóricos para que se produza uma consciência útil para a sociedade, assim, as tentativas de sistematizar de maneira muito rígida tais estudos, podem suceder na estagnação de seus resultados.

Já nos anos 1980, os Estudos Culturais possuem mais de uma vertente, algumas mais voltadas ao exame do fenômeno artístico-literário e outras mais propriamente históricas, ambas, no entanto, com uma crítica ao marxismo vulgar. Alguns grupos continuam mais focados no marxismo e outros se desprenderam dessa linha política específica. Há, também, um contínuo debate sobre quais grupos continuam influenciados por Marx e seus ideais e quais não. Não pretendemos aqui, discutir sobre o marxismo ou não, mas sim, sobre a formação cultural e as influências e relações existentes entre o desenvolvimento cultural e as relações sociais, neste trabalho representada pela formação cultural exposta pela mídia sobre a vida dos indivíduos transexuais e travestis.

O desenvolvimento cultural tem uma ligação íntima com as relações sociais, com as formações de agrupamentos que vão acontecendo ao longo do tempo, como grupos sociais que se formam em diferentes épocas, grupos oprimidos pela sociedade, divisões por gênero, idade, etc. A cultura pode, também, ser diretamente relacionada com poder, o que pode acarretar na formação de abismos entre indivíduos, grupos e formações sociais e resultar na exploração de tais diferenças para acentuar o poder de alguns grupos sob outros. Mas, a cultura não é apenas um corpo único e independente, ela vai sendo formada e construída a partir das diferenças e igualdades das lutas sociais, neste trabalho representada por indivíduos travestis e transexuais.

Os teóricos dos Estudos Culturais buscaram unir a face da experimentação com uma teoria “concreta”, uma maneira mais racional que permitisse chegar a um conceito que abarcasse o máximo possível de “abstração”, como Johnson (2010) teoriza. Pela junção de fundamentações teóricas e questões políticas e sociais, que possam formar um material alinhado com os assuntos sociais que vão surgindo ao longo do tempo, como o feminismo e a mídia, e que abordem as “identidades sociais, subjetividades, popularidade e o prazer” (JOHNSON, p. 15), que fazem com que todas as questões possam ser abordadas pelos Estudos Culturais de forma crítica. A crítica está envolvida em todos os momentos dos Estudos Culturais, tanto nos momentos mais acadêmicos quanto nos

momentos mais próximos das questões sociais, utilizando-se de percursos de diversas ordens, como literárias e das ciências sociais, para produzir conhecimento. Ela se abre para as questões que ocorrem na sociedade para que possa tornar tais fatos em formas acadêmicas e em conhecimento profícuo. No entanto, tais estudos ainda precisam de uma definição mais própria para que pudessem ser utilizadas nos esclarecimentos dos acontecimentos sociais, nas pesquisas e no ensino, unindo, assim, as diversas abordagens dos estudos, limitando sua abrangência e dando fronteiras para seus objetivos. Tais Estudos unem fundamentos sociológicos, filosóficos, antropológicos e de outros campos de estudo da cultura para que possa abranger todas as maneiras ativas na vida social e, também, compreender por meio de teias de significação as práticas que constituem o campo da cultura, como Johnson (2010, p. 19) argumenta “Não se trata de uma questão de agregar novos elementos às abordagens existentes (um pouco de Sociologia aqui, um tanto de linguística acolá), mas de retomar os elementos das diferentes abordagens em suas relações mútuas”.

Os Estudos Culturais estão em um constante processo de formação, assim como seus objetos políticos e sociais, tal tradição vai se construindo continuamente e conforme a história vai se fazendo. Quando tomados pela academia, tais estudos necessitam ser interdisciplinares para que possam analisar os fatos e assimilar as singularidades que ocorrem e, quando tomados pela face mais pública, eles podem acabar por se desviar das análises sobre o poder e as contingências sociais ganhando novas configurações. Os Estudos Culturais, segundo Johnson (2010) unem o que há de mais importante nas complexidades, subjetividades e objetividades dos processos históricos, mesmo que a área empírica possa deixá-lo mais raso.

A teoria dos Estudos Culturais toma as questões culturais, sociais, políticas, entre outras, para que possa transmitir um contexto e uma teoria que englobem história e vida acadêmica. Ela une a face político –social da sociedade conforme está se desenvolve com a área intelectual – acadêmica que busca compreender e aprofundar tais acontecimentos.

4.4.1 Cultura

A palavra cultura se abre para muitas significações, ela não define um objeto exato, ela é parte de uma teia de subjetividades e variadas formas de entendimentos do termo enquanto participante teórico da vida social. Os Estudos Culturais se inserem nessa cadeia de subjetividades, como Johnson (2010, p.25) afirma: “os Estudos Culturais dizem respeito às formas históricas da consciência ou da subjetividade, ou, ainda, em uma

síntese bastante perigosa, talvez uma redução, os Estudos Culturais dizem respeito ao lado subjetivo das relações sociais”. Assim como a vida social é cheia de significados, essa teoria colabora para que eles sejam organizados dentro dos discursos existentes, para que se possa ter consciência de todos os significados que são produzidos e que, por muitas vezes, não são percebidos no cotidiano.

A subjetividade da cultura deixa transparecer as faces do “senso comum” que estão intrínsecos na sociedade e que vão sendo construídos a partir da consciência que se vai tendo da sociedade, as pessoas vão se formando a partir de ideais e idealizações que vão sendo vividas. A subjetividade se faz tão presente na sociedade, que muitas vezes, ela nem é percebida enquanto é praticada, os elementos e códigos vão se formando ao longo da história do grupo social e acabam por mostrar os “quens” dos indivíduos, expondo os elementos e identidades desenvolvidas, sejam elas coletivas ou individuais. Tal formação cultural constitui a possibilidade de se entender a maneira com as quais as sociedades executam os e torna concretos todos os processos inseridos nela. Partilhamos do pensamento de Johnson (2010, p.29): “‘Nosso’ projeto é o de abstrair, descrever e reconstituir, em estudos concretos, as formas através das quais os seres humanos ‘vivem’, tornam-se conscientes e se sustentam subjetivamente”. Por meio dos Estudos Culturais, podemos compreender como os elementos concretos que são produzidos e acessados das mais variadas formas, transmitem condições sociais que regulam a sociedade e modificam seu curso, mesmo que de maneira imperceptível. Tudo o que fazemos, vivemos e falamos está envolto pela cultura, há sempre uma movimentação sobre as transformações sociais que ocorrem no corpo social, suas determinações, regras, normas e tudo mais que possa mudar a maneira de se ver o que ocorre. Os produtos culturais buscam produzir alguma coisa, seja com fins capitalistas, ideológicos, políticos, todos esses ou outros que não esses. O fato é que sempre que se produz, a partir de algum elemento cultural, um significado para ser propagado.

A interpretação dos contornos da cultura, se dividem entre o privado e o público e entre concretudes e abstrações e, tais delineamentos, estão interligados. Quando pensamos em algo privado, temos uma ligação maior com a objetividade, quando algum conceito é exposto para o público, ele se torna pura abstração e divagação, ele se torna algo simbólico, algo geral, que tem significados novos e avaliações gerais. Mas um significado público também pode ser limitador e preconceituoso, transmitindo às pessoas que buscam tais significados, impressões errôneas e limitantes de determinados grupos. Ser privado, significa que suas características são vinculadas a ordens mais específicas da

sociedade, muitas vezes, tais ordens passam despercebidas pelo corpo social, que está em contato com elas mas acaba não analisando profundamente suas significações e como ela funciona no contexto em que se insere. Esse lado privado de alguns eventos sociais pode dificultar que elas sejam retiradas de sua peculiaridade dentro da vivência social e que possam ser analisadas. No entanto, pesquisadores e estudiosos buscam novas maneiras de examinar a face privada dos acontecimentos de uma forma que não limite apenas as suas particularidades e os individualize, mas que una as subjetividades e objetividades para que seja possível que todos os procedimentos culturais sejam agregados a cultura.

Os Estudos Culturais são utilizados para descrever detalhadamente e de maneira mais unitária as formas culturais que estão inseridas na vida social e material, dando uma unidade para que as práticas da sociedade possam ser analisadas, entendidas e ajudem a construir e colaborar para a identificação e formação de sujeitos, grupos sociais e situações. A união de todas as situações que ocorrem e que vão sendo analisadas, vão formando uma linha de raciocínio dos significados existentes nos atos da sociedade.

A comunicação, um de nossos objetos principais neste trabalho, é um produto cultural que pode parecer pouco concreto, com diversas faces e possibilidades de compreender o que está sendo transmitido. Por serem produtos que passam por variados processos para que se tenha um resultado final, eles podem transmitir a impressão ou efeitos de realidade, quando, na verdade, eles estão buscando uma forma de influenciar o público para que se envolvam com a forma de cultura que está sendo mostrada. Como Johnson explica:

Eu argumentaria que essa aparente abstração nas formas reais da comunicação pública subjaz a toda a gama de métodos que focalizam a construção da realidade através das próprias formas simbólicas, tendo a linguagem como primeiro modelo, mas o momento-chave é a objetivação da linguagem no texto.

Seria fascinante perseguir uma investigação histórica vinculada com essa hipótese, a qual tentaria deslindar a relação entre as abstrações reais das formas comunicativas e as abstrações mentais dos teóricos culturais. Não suponho que os dois processos caminhem facilmente lado a lado ou que as mudanças ocorram de forma sincrônica. Mas estou certo de que a noção de texto – como algo que nós podemos isolar, fixar e examinar – depende da circulação extensiva de produtos culturais que foram divorciados das condições imediatas de sua produção e que têm um momento de suspensão, por assim dizer, antes de serem consumidos. (2010, p.46-47).

As maneiras públicas e privadas de cultura se entrelaçam, tais formas culturais não são duas faces individualizadas e separadas da cultura, elas necessitam estar unidas

para que seja possível um diálogo entre seus significados para cada indivíduo, as representações que elas tomam na vida privada e o que eles formam quando entram em contato com o público. É de extrema importância saber de que maneira as representações públicas influenciam no âmbito privado para formar uma cultura sob os grupos sociais. Inúmeras vezes, o poder das significações públicas recaem sobre os significados pessoais, e acabam sendo decodificados de maneiras diversas mas, mesmo assim, dominantes, fazendo com que elementos da cultura sejam ou não aceitos, formando uma consciência geral que ninguém, ou quase ninguém, busca descumprir. As “representações públicas” Johnson (2010, p.50) são consideradas mais legítimas do que as representações pessoais, mesmo quando a significação pertence a um grupo social, é exigido que a cultura deste grupo se adeque ao do resto da sociedade dominante para que seja concebida como verdadeira, caso contrário, tal grupo continuará sendo visto como subalterno e não participante da vida coletiva, como Johnson (2010, p.50), explica “(...) As experiências dos grupos sociais subordinados são apresentadas como patológicas, como problemas que exigem uma intervenção não na organização da sociedade como um todo, mas nas atitudes ou nos comportamentos do próprio grupo que as sofre”.

Dentro da sociedade, existem divisões que podem modificar a construção cultural de acordo com seus próprios processos. O gênero, classe social, raça e idade, podem tornar as definições culturais diferentes para cada um destes grupos, de modo que a cultura pública torna-se um encadeamento entre a cultura específica do grupo e a cultura pública. Há também uma divisão “geral” entre o que é considerado cultura pública e o que é cultura privada. Economia, ordem social e política fazem parte da área pública, já família, sexualidade e identidade própria estão presentes na área privada. O que é preciso entender, é que, além de todas essas áreas se cruzarem em algum momento, as ideias dominantes sempre estão presentes em ambas as categorias. Como Johnson (2010, p. 51) afirma: “O problema é que as definições dominantes do que é considerado importante são, em boa parte, socialmente específicas e, em particular, tendem a corresponder às estruturas masculinas – e de classe média – de ‘interesse’ (em ambos os sentidos deste termo)”, tais definições dominantes mostram que o poder está presente em todos os grupos e que os significados que vão formando dentro da sociedade refletem tal dominação.

Os Estudos Culturais buscam contextualizar todo o percurso que o poder tem de influenciar os conhecimentos públicos, mas eles também não deixam de lado a face privada dos conhecimentos e de seu percurso na produção de tais conhecimentos. Os

Estudos Culturais se atentam para que todas as perguntas sobre os objetos possam ser respondidas, sendo eles mesmos, parte do contorno dos objetos culturais estudados.

Nesse sentido, os meios de comunicação de massa também são uma preocupação dos Estudos Culturais, por sua capacidade de induzir o público sobre a “‘autenticidade’ da cultura” (JOHNSON, 2010, p.53) e por produzir conteúdos que levem o público a acreditar em na cultura que está sendo transmitida. A principal questão que se deve ter em mente quando falamos sobre os produtores de conteúdo é como eles interferem na organização social e na sua relação com as formas culturais. Tais produtores, não se reduzem mais a alguns grupos ou pensadores e intelectuais que eram famosos em determinada época; atualmente, tais produtores podem ser instituições, grupos sociais, pessoas, ou qualquer outro grupo que se destaque e que consiga movimentar a sociedade com suas ideias.

Nem sempre quem gera produtos culturais é uma instituição conhecida por tal ato. Mas, muitas vezes, esse vínculo entre instituições e formação cultural, existe, de fato. Os meios de comunicação de massa, por exemplo, conforme foram evoluindo (e se envolvendo cada vez mais com o capitalismo), tiveram a necessidade de se mostrar como sendo uma organização formal e, com o aumento de sua dependência dos meios de produção, fizeram com que eles se tornassem mais populares e mantivessem uma relação de produtor cultural para a sociedade como um todo. Tal dependência dos meios de comunicação aos meios de produção e distribuição, fizeram com que estes se tornassem praticamente meios empresariais de transmissão de objetos culturais. Por sua necessidade das condições capitalistas, é possível perceber uma certa dominação entre os detentores dos meios e a maneira como serão transmitidos os objetos culturais, havendo uma predominância da transmissão dos fatos de acordo com a sua forma de ver os fatos que ocorrem na sociedade. Apesar dos processos de construção dos produtos culturais não deverem influenciar na maneira como eles são lidos, tais processos são tão intrínsecos a sua produção que eles podem acabar sendo considerados como uma parte ativa nas condições de produção, o que nos permite entender como a política está continuamente ligada a produção de significados culturais na sociedade.

Os Estudos Culturais possuem diversas barreiras no que toca a área da produção da cultura. A primeira deles é o “economicismo” (JOHNSON, 2010, p.56), a produção cultural é, constantemente, vinculada ao modelo de produção capitalista. A maneira como são idealizados os produtos culturais abarcam, não apenas a parte material da produção mas também toda a ideologia e organização existente na cultura em que essa produção é

feita que, estando ligada ao capitalismo, acaba por absorver direta ou indiretamente os elementos que já são característicos desse campo. As representações das empresas ligadas ao capitalismo, como a mídia, a publicidade, são organizados para que seus símbolos sejam transmitidos ao público e para que este se mostra receptivo aos seus símbolos.

A outra barreira é o “produtivismo” (JOHNSON, 2010, p.57), a fonte da produção acaba por definir se ele tem ou não envolvimento com o capitalismo, se ele é produto burguês, se sua ideologia segue a linha capitalista ou proletária. No entanto, a identificação das fontes nem sempre é assertiva no que diz respeito ao produto cultural que será resultado, ela é apenas uma das fontes que o produto cultural poderá ter. É preciso que se analise não só o início do processo de produção cultural, como também, todas os procedimentos de leitura possíveis, inclusive as leituras que o público poderá fazer, de tal objeto cultural.

A forma cultural que está sendo transmitida ao público precisa ser analisada, não só, pela face da produção do produto cultural, mas também, pelas demais categorias que circundam os objetos culturais, tornando possível que estes sejam examinados por todos os pontos de vista. É necessário que ele seja afastado do meio de produção, para que ele não fique limitado a apenas um único ponto de vista na análise. É necessário tomar os variados processos que tornam um produto como sendo cultural e uni-los no momento de seu estudo, como “descrições e análises também do momento real da própria produção – o trabalho de produção e seus aspectos subjetivos e objetivos” (JOHNSON, 2010, p. 63).

Os produtos culturais são discursos, eles devem proporcionar diversas interpretações para o público que tem acesso a eles. Tal público pode ser muito variado, indo de críticos a leitores informais. Os Estudos Culturais se apropriam de metodologias mais formais, muitas vezes que já são utilizados por outras disciplinas, para que possam produzir análises meticolosas e detalhadas. No entanto, eles não se deixam tomar por todo o formalismo presente em algumas disciplinas, eles combinam métodos mais precisos com análises abstratas e empíricas. Os objetos culturais que se formam por meio dos textos com os quais se tem contato, mostram que não é o discurso em si, o principal objeto de análise, mas sim os aspectos culturais que ele reafirma ou deixa acessível para o público, como explica Johnson, (2010, p.75):

O texto é apenas um *meio* no Estudo Cultural; estritamente, talvez, trata-se de um material bruto a partir do qual certas formas (por exemplo, da narrativa, da problemática ideológica, do modo de endereçamento, da posição de sujeito etc.) podem ser abstraídas. Ele também pode fazer parte de um campo discursivo mais amplo ou ser uma combinação de formas que ocorrem em

outros espaços sociais com alguma regularidade. Mas o objeto último dos Estudos Culturais não é, em minha opinião, o texto, mas a *vida subjetiva das formas sociais* em cada momento de sua circulação, incluindo suas corporificações textuais.

Toda essa formação cultural que é possível presenciar a partir de uma análise dos objetos dos Estudos Culturais nos leva a compreender os motivos que fazem com que tais estudos sejam constantemente ligados a ideologia. Por “ideologia”, não temos apenas um significado limitador, mas, como explica Williams:

“Ideologia” é um termo indispensável na análise sociológica, mas o primeiro nível de dificuldade é se ele é usado para descrever (a) as *crenças formais e conscientes* de uma classe ou de outro grupo social – como no uso vulgar de “ideológico” para indicar princípios ou posições teóricas gerais ou, tantas vezes desfavoravelmente, dogmas; ou (b) a *visão de mundo ou perspectiva geral* característica de uma classe ou de outro grupo social, a qual inclui crenças formais e conscientes, mas também atitudes, hábitos e sentimentos menos conscientes e menos articulados ou, até mesmo, pressupostos, posturas e compromissos inconscientes. (1992, p.25-26).

A produção cultural é delineada por um sentido ideológico, é por meio dele que se torna possível fazer certas identificações, como associar determinados textos com grupos, classes sociais, linhas de pensamento etc., que podem abrir a gama de significações para outras perspectivas inseridos nesse sentido. A ideologia tem mais de uma forma de ser compreendida, ela pode ser vista como um campo mais abrangente que aborda as características mais perceptíveis, como sentimentos, atitudes e argumentos presentes no discurso, o que facilita para que ele seja ligado a grupos e campos específicos. Essa área é mais geral, e também mais concreta, nela identificamos algumas especificidades do que está sendo analisado. No entanto, podemos encontrar também uma segunda área para compreensão do que é o sentido ideológico, uma área aonde se faz a identificação do que está “inconsciente” no texto, onde os aspectos não se relacionam apenas com o explícito mas, também, com variados aspectos da produção cultural. No entanto, deve-se ter em mente que as produções culturais são realizadas por uma primordialidade ideológica, todas elas possuem um significado que vai ser transmitido pelo produto que está sendo realizado, mas, tais produtos, nem sempre, resultam em uma ideologia, eles não necessariamente precisam formar uma ideologia.

A leitura dos textos é, muitas vezes, feita com certo formalismo, o que pode resultar no ocultamento de determinadas características da cultura, que acabam por passar despercebidos no momento da leitura textual. O formalismo nem sempre é positivo para a compreensão de um produto cultural, se preocupando em demasia com a forma, a

narrativa, os discursos, limitando o texto a ser somente um texto e se esquecendo das marcas subjetivas que estão presentes nos produtos, das questões sociais em torno da temática, visar apenas um lado da produção cultural como se prender apenas à produtividade ou da organização, ou, ainda, adiantar a leitura que será feita pelo público.

Talvez se possa dizer que os Estudos Culturais se aproximam muito da semiologia da linguagem pela particularidade de ambos buscarem saber os processos que formam um discurso e que necessitam ser analisados para que se compreenda o que estão formando, unindo, assim, forma e subjetividade. Todos os elementos que são utilizados em um texto podem, e precisam, ser considerados, possibilitando assim, a identificação de posicionamentos, ideias, sujeitos e tendências inseridos nos discursos culturais e que agem na sociedade. Os textos culturais são provenientes das mais variadas fontes, no entanto, os discursos contidos nele são um pouco mais limitados e particulares, uma vez que, necessitam que o receptor entenda sua face objetiva e sua face subjetiva, necessitando que o leitor esteja atualizado sobre seu contexto. É por meio do contexto que os elementos novos e os históricos são unidos e transmitem a conjuntura do que está sendo produzido de forma mais abrangente.

Os Estudos Culturais possuem, então, duas formas principais de abordar os produtos culturais: uma primeira que busca procedimentos que possibilitem aprofundar, reconstruir e interpretar toda a complexidade presente no discurso e na maneira com que seus elementos são trabalhados e, também, como não são trabalhados, e como refletem na vida social; e a segunda que se atenta para o lado social e político da análise, procurando elementos que possam aparecer de maneira impalpável. Eles mantêm um olhar atento a todos os detalhes do discurso, tanto discursos históricos quanto discursos atuais, ligando representações e elementos públicos e privados de todas as épocas.

5. A transgeneralidade nos programas televisivos

5.1 Profissão Repórter

O programa profissão repórter é um programa jornalístico, exibido pela Rede Globo de televisão semanalmente, às terças-feiras, no horário entre 23 horas e meia-noite. Inicialmente, era um quadro do programa dominicano Fantástico e posteriormente, em 2008, tornou-se programa fixo na grade da emissora.

O programa é encabeçado pelo jornalista Caco Barcellos, junto com uma equipe de jornalistas iniciantes, que vão às ruas em “busca da notícia”, cada um mostrando uma visão de uma mesma notícia. Sua ideia principal é que cada repórter cumpra a missão de encontrar uma forma inovadora de mostrar ao público o tema que será desenvolvido naquele episódio.

O programa que será analisado, foi transmitido no dia 18 de novembro de 2014, e tem como temática principal os transexuais, como o próprio jornalista diz no início. O episódio mostra em sua abertura as pessoas que serão abordadas ao longo dos 26 minutos e 57 segundos de programa.

Vinheta

A abertura se inicia com uma imagem que mostra uma das jornalistas com uma criança que pode-se identificar como sendo do gênero masculino, pois usa roupas socialmente designadas para este gênero, cabelos curtos e tem as características físicas do gênero masculino, junto da criança está um adulto, a criança está apontando para o computador e dizendo em inglês “olhem para mim! Eu estou aqui”, entra, então, a narração do jornalista Caco Barcellos que diz “Jemima nasceu menina”, mostrando uma foto da criança quando bebê, e a jornalista pergunta “e agora?” ao que a criança responde “Eu sou um menino” e a jornalista responde “ok”.

No corte de imagens seguinte, vemos um indivíduo que pode-se identificar como sendo do gênero masculino abre a porta e cumprimenta a jornalista, e entra a narração de Caco Barcellos: “Luciano nunca se sentiu mulher”, aparecem a jornalista e Luciano sentados e esta pergunta “O seu nome de registro, qual é?” e Luciano responde “Então, essa é, geralmente, uma das perguntas que a gente não faz para pessoas trans” e sorri e a repórter responde com a voz baixa “Tá bom” e balança a cabeça.

Na cena que se segue, aparecem diversas fotos de um indivíduo do gênero masculino, de bigode, terno, cabelos curtos e a narração de Barcellos: “Laerte, o

cartunista, um velho conhecido meu”, a imagem de um indivíduo aparentemente do gênero feminino, de saias e botas de cano longo, colar e um cardigã, bolsa no ombro e cabelos compridos presos em um rabo de cavalo baixo se aproximando, e a narração que diz “Hoje o reencontro transformado”, o jornalista e a cartunista se cumprimentam e Caco Barcellos diz “você acha que eu devo chamar: A Laerte ou o Laerte?” e Laerte responde “como você se sentir mais à vontade”. Assim, termina a abertura de 37 segundos e entra a vinheta do programa com Caco Barcellos andando na rua e dizendo “O profissão repórter de hoje vai falar sobre transexualidade na infância, na juventude e na fase mais madura da vida”.

Já nesta abertura podemos ver a apresentação de algumas convenções presentes em nossa cultura e que são constante e continuamente perpetuados pela mídia e, que poderão ser difundidos durante o episódio. Caco Barcellos, ao dizer que Jemima nasceu menina, reafirma uma forma cultural de identificar indivíduos como sendo homens ou mulheres por sua genitália. Tem-se a impressão de que o texto lido pelo jornalista faz questão de identificar a criança como sendo verdadeiramente do gênero feminino e não como sendo uma criança que foi designada ao nascer como sendo deste gênero e que foi se identificando com o gênero masculino conforme foi se percebendo, não se pode dizer, inclusive que Jay não se identificará ou nunca se identificou com seu corpo biológico. Ao mostrar sua foto de bebê e falar o nome que seus pais deram em seu nascimento, parece que há a necessidade de afirmar que aquela criança era do gênero feminino mas que “agora”, como diz a jornalista, é um menino, como ele responde ao ser perguntado. Tal fato, já demonstra inicialmente uma necessidade de se seguir a normatização que vivenciamos na sociedade e dividir os gêneros em masculino e feminino, mesmo quando o tema do programa é a transexualidade. Ao falar que “nasceu menina” se vê uma limitação do programa ao abordar a identidade de gênero da criança, que, por nascer com o sistema reprodutor com ovários e útero e por não ter um pênis, foi identificada por médicos e pela sociedade como sendo uma menina, tal fato foi reproduzido pelo programa que, na abertura, precisou apresentar a criança assim, podendo ser uma forma de buscar o interesse do público pela história da menina que “agora” é menino. Ao falar que a criança “agora” é menino, pode-se passar a impressão de que foi um fato isolado, algo que de repente ela desejou e decidiu ser do gênero masculino, como se a sua percepção e sua formação não tivessem validade. e como se não fosse algo que foi se desenvolvendo conforme foi acontecendo o crescimento da criança, que ela foi se identificando e se sentindo como sendo Jay e não Jemima.

No caso de Luciano, ao descrever sua situação como sendo de que “nunca se sentiu mulher”, voltamos ao fato de que genitais não definem gênero. Ao dizer que ele nunca se sentiu mulher, o programa transmite ao público a impressão de que seios e ovários definem as sensações que uma pessoa vai ter. Apesar de ter nascido com seios e genitais atribuídos ao gênero feminino, Luciano foi se construindo e se identificando como sendo do gênero masculino, uma vez que não se identificou com as atribuições sociais para seu gênero de nascimento. Ao perguntar sobre o “nome de registro”, a jornalista demonstrou um despreparo para realizar a matéria, pois, apesar de todas as pessoas estarem propícias aos erros, espera-se que uma jornalista pesquise e se informe sobre as condições de seus entrevistados, sobre perguntas que podem ser impertinentes ou que possam incomodar o entrevistado. Talvez, a pergunta tenha sido feita exatamente com a intenção de obter tal resposta afim de informar o público, no entanto, a expressão facial do entrevistado nos mostra o desconforto e certa timidez ao ter que corrigir a repórter. No entanto, a opção por não editar e mostrar esse trecho da matéria possibilita que todos percebam que ainda há uma dificuldade ao lidar com a questão da transexualidade, e ao cometer certos “deslizes”, todos podem aprender sobre o tema.

Já ao falar sobre Laerte, pode-se perceber o desconforto de caco Barcellos, inclusive por seu evidente nervoso ao esperar por ela. Inicialmente, ao falar da cartunista referindo-se a ela como: “o cartunista”, “velho conhecido” e “o encontro transformado”, a utilização de tais expressões para se referir a cartunista, pode-se identificar a existência de uma dificuldade em abordar a transexualidade da cartunista. Barcellos a conheceu quando se portava como sendo do gênero masculino, daí a frase “o encontro transformado” que, para o público, pode soar como sendo algo natural, mas, ao ser feita uma análise mais aprofundada, pode transmitir a impressão de que tal transformação foi apenas externa, e não como sendo algo com que a cartunista viveu, algo com o qual ela sempre se identificou, mas que só exteriorizou agora.

O programa inicia com trechos das histórias que serão contadas. A primeira imagem é de Cris mostrando como funciona o *Binder*, colete elástico que ele usa para esconder os seios debaixo de suas roupas, na imagem não mostra seu rosto, apenas ele de costas abrindo o velcro do colete e a repórter descrevendo que ele está mostrando como funciona o colete. Apesar de não falar mais detalhes sobre o colete, é interessante mostrar que transexuais, travestis e transgêneros podem encontrar formas de adequar seus corpos mesmo que optem por não fazer cirurgias ou enquanto não a fazem. A imagem que segue,

a repórter segue o rapaz pelo corredor do hospital, ele aparece deitado em uma maca, sua região torácica está coberta com papel e em sua barriga um gel, a enfermeira está fazendo um exame de ultrassonografia nele, a narração de Caco Barcellos diz “A transformação com doses de hormônio”. As imagens que seguem são de enfermeiras colocando luvas, mexendo em uma seringa e aplicando seu conteúdo no paciente. Cris diz “Eu nunca me acostumei muito com o meu corpo, assim. Tinha alguma coisa ali que precisava mudar”.

O rosto de Cris aparece em 2 momentos, enquanto está deitado na maca fazendo a ultrassonografia e quando está recebendo a aplicação do medicamento. Tal fato, pode significar uma busca do programa por não caracterizar os indivíduos transexuais como tendo atributos particulares iguais ao tipo físico e visual de Cris. A utilização do termo “transformação” pode soar depreciativo dependendo da abordagem feita pela matéria, pois a transexualidade, os tratamentos hormonais e operações não são apenas modificações corporais, mas sim, um encontro da pessoa com quem ela realmente é. É a união de seu interior com o exterior com o qual ela se identifica e deseja ter.

Na cena seguinte, aparecem fotos em um computador que alguém está mostrando para a câmera e Barcellos narra: “Os riscos da cirurgia clandestina”, na tela temos uma foto em uma rede social, uma montagem como um “antes e depois”, do lado esquerdo uma menina de roupa estilo tomara-que-caia, cabelos longos e colar e do lado direito um menino, vestindo uma camiseta regata, com uma tatuagem no braço e cabelos curtos. Aparece um rapaz que diz “Aconteceu do mamilo necrosar, o menino levanta a camiseta e mostra seu peito e a jornalista olhando. A jornalista narra “Foi um risco tremendo né Luciano, você poderia ter morrido também, não?” e ele responde “Sim, sim”. Nessa sequência é possível entender que Luciano fez uma cirurgia de forma ilegal, uma vez que esse tipo de cirurgia não é feito em todos os transexuais já que o processo para conseguí-la é longo, doloroso e nem sempre é permitido para todos. Podemos perceber que ele retirou as mamas e que algo deu errado após a cirurgia mas que ficou tudo bem, no entanto, neste corte inicial de imagens, não é possível saber como foi feita essa cirurgia, o que aconteceu exatamente com Luciano, como foi a aceitação de sua família. Mostrar o que pode acontecer quando se faz uma cirurgia clandestina possibilita mostrar o quão perigoso esse procedimento é se feito de maneira inadequada e como é importante discutir uma maior viabilização do procedimento de forma legalizada para aqueles que desejam fazê-la.

A imagem que se segue tem a narração de Caco Barcellos dizendo: “Os pais diante de um filho transexual”, na imagem aparece um grupo de pessoas e duas garotas se

abraçando. No próximo corte, uma mulher loira olhando para o lado e alguém falando “Só não me aparece de barba, ela fala”, a imagem abre e vemos um rapaz sentado no sofá, uma menina em pé ao seu lado, a jornalista olhando para eles mas com o microfone virado para a mulher loira que está sentada no braço do sofá, a repórter responde “é mesmo?”, a repórter vira para a mulher loira que diz “para isso, eu acho que não estou preparada ainda, 100%”. A próxima imagem mostra o casal em um parque namorando e tirando fotos e Barcellos narra “O namoro entre os transexuais”, e a menina diz “no meio também tem esse preconceito, entendeu”. Nesta sequência pode-se perceber que a reportagem irá abordar a transexualidade na família, quando a mãe diz que não quer que o filho tenha barba pois não está preparada, transmitindo ao público a “normalidade” em ser mãe de um transexual e não estar preparada para certas características que o filho possa vir a ter. E também, de um casal transexual que sofre preconceito, apesar de não ficar claro se os dois são transexuais ou apenas um deles.

Tal sequência de imagens é a abertura do programa, que tenta de maneira geral mostrar todos os pontos que serão tratados e de que forma serão tratados. Já na abertura, podemos perceber alguns pontos que demonstram certo preconceito, mesmo que seja apenas para chamar a atenção do público, com a temática tratada, principalmente, no encontro entre Caco Barcellos e Laerte, que apesar de falar que o jornalista pode tratá-lo como “a” ou como “o”, deixando-o livre para tratá-lo da maneira com a qual se sentir mais confortável, entendemos que por estar utilizando roupas socialmente designadas para o gênero feminino e por se portar da maneira com a qual se sente confortável, o que seria a forma diferente da socialmente designada para o seu gênero biológico de nascimento, o mais assertivo seria tratá-la como “a”, pois sendo transexual, ela não se identifica com o que foi predisposto para ser do seu gênero. É possível perceber, também, certo desconforto do jornalista ao falar com Laerte, talvez por tê-la conhecido em outra situação, em outro momento de sua vida, ele agora não sabe exatamente como lidar com a condição da cartunista, neste momento em que ela decidiu que exporia sua condição e viveria da forma com a qual se identifica.

Jay

O programa se inicia com a repórter Eliane Scardovelli e com o cinegrafista Emílio Mansur que foram até o Maine, estado americano próximo à fronteira dos Estados Unidos com o Canadá, para conhecer a família de Jay. As imagens iniciais mostram a repórter e o cinegrafista chegando na casa de Jay, cumprimentando a família e contando

que foram quatro meses de conversas com a família até que pudessem ir conhecê-lo. Jay tem outros três irmãos e é o terceiro filho da família e o “último a aparecer na sala”. Ao ver a repórter e o cinegrafista, Jay se sente tímido e não quer falar oi para a repórter. A repórter narra “Jay nasceu Jemima, uma menina que desde os dois anos começou a dizer aos pais ‘eu sou um menino’, hoje ele tem 4 anos e meio”. A jornalista continua: “O Jay não quis saber de papo com a gente, por enquanto. Durante o café da manhã, Clara (mãe de Jay) diz que Jay costumava acordar chorando e que talvez essa seja uma recaída”, entra a voz do cinegrafista dizendo “você não quer tentar se aproximar dele de novo?” e a repórter responde “acho que não, agora não. A gente tem que dar um tempo, sabe, sem forçar. Clara decide conversar com o filho sobre a nossa reportagem”, a repórter fica próxima enquanto a mãe fala com o filho, e a repórter narra “Ela perguntou para ele se ele se sentia confortável que ela falasse sobre a condição e ele disse que não. É muito difícil tocar nesse assunto e a gente tem que respeitar o tempo dele, se ele não quiser falar sobre isso, não tem problema”. Durante essa narração, aparecem imagens de Jay com a família, ou sozinho em seu quarto, e apesar de falar que quer respeitar o tempo dele, a câmera fica o tempo o seguindo, quando ele vai para seu quarto, ou seja, eles não exatamente deixaram o menino livre para falar com eles apenas se quiser, houve uma forma indireta de pressionar o menino, o que pode ocasionar em um trauma para o menino que tem sua condição exposta pela televisão mesmo que ele não queira socializar com os repórteres.

Ao dizer que Jay nasceu menina, a jornalista comete um equívoco que é muito comum em nossa sociedade. Há, ainda, uma grande imprecisão da sociedade ao lidar com a questão da designação de gêneros, feitas quando o indivíduo nasce, e sua orientação sexual e identidade de gênero. Todos estes termos são tratados de uma única forma, como se fossem uma “opção sexual” de cada pessoa, o que também é equivocado. A expressão “opção sexual” sugere que há uma escolha, o que também é uma normatização cultural errônea. As pessoas não escolhem quem vão ser, elas se percebem e vão se formando de acordo com suas preferências, com sua forma de se sentir e de ver o mundo não havendo a opção de conscientemente, se sentir atraído por alguém e de se identificar com determinado gênero. No entanto, pela normatização construída pela sociedade, deve-se encaixar em uma forma já fixada, normalmente, o ‘sexo’ em que se nasceu o que acaba sendo disseminado, inclusive pelos meios de comunicação. Jay não nasceu menina, conforme foi se desenvolvendo ele se identificou como Jay e não como Jemima. Ele foi designado menina ao nascer, de acordo com sua genitália, o que não significa que ela

tenha nascido uma menina, como se pode perceber desde sua primeira infância quando não sabia exatamente o que estava falando e sentindo, a parte biológica não corresponde a forma como nos sentimos, ele nunca se identificou com seu corpo biológico e com a forma que tentaram criá-lo, assim sendo ele nunca foi Jemima.

Luciano

Na sequência que se segue, as imagens voltam para o Brasil, mais especificamente para São Paulo, a repórter Danielle Zampollo se encontra com Luciano Palhano, coordenador do Instituto Brasileiro de Transmasculinidade (IBRAT). Ele e a repórter estão indo para o CRT, que é o maior serviço no Brasil que atende ambulatoriamente as pessoas transexuais, ele e a jornalista seguem para uma reunião de transexuais em um centro médico, enquanto isso Luciano explica que dificilmente eles recebem convidados mas vão ver se tudo bem a repórter participar pelo menos como ouvinte. Os participantes do grupo se apresentam e falam de si brevemente para a câmera, e as imagens mostram momentos da reunião, participam da reunião tanto transhomens quanto transmulheres, enquanto as imagens vão passando, a narração diz “Essas rodas (de discussão) foram muito importantes para começar a entender um vocabulário que ainda é pouco conhecido para a maior parte da sociedade”. Nesse momento entra a imagem de uma pessoa falando sobre os termos “cisgênero” e “transgênero”/”transsexual” e a repórter narra a diferença entre os termos “cisgênero é quando a pessoa nasce homem ou mulher e assim se sente e transgênero ou transexual é quando a pessoa nasce homem ou mulher mas se identifica com o gênero oposto”. Na cena seguinte a repórter está sentada na roda de discussão e faz a pergunta “Quem aqui está na fila para fazer uma cirurgia?”, quatro pessoas levantam as mãos. A psicóloga do grupo diz “Então o CRT, em 2009 nós tínhamos uma demanda de 400 ou 500 pessoas na fila, hoje nós temos uma demanda de mais de 3.200 pessoas”. A jornalista narra: “Em média, a espera pela cirurgia de mudança de sexo pelo SUS é de dez anos, por ano são realizadas, em São Paulo, apenas 12 cirurgias. A maioria acaba fazendo a transição de maneira clandestina”. A imagem volta para Luciano dizendo “Todo meu tratamento foi clandestino, desde a hormonioterapia a cirurgia, eu nunca tive laudo, isso acaba colocando gravemente a nossa vida em risco.”

A narração da jornalista nos mostra uma frase que, apesar de equivocada, é popularmente difundida. Ao dizer que “nasce homem” ou “nasce mulher” ela confirma a ideia socialmente aceita de que os indivíduos nascem já sendo homens e mulheres, e não que são designadas homens e mulheres ao nascer de acordo com seu órgão genital, assim

a explicação sobre transgêneros e cisgêneros que já é pouco conhecida, pode ficar distorcida pela forma como o programa transmite, apesar de mostrar ao público a existência dos termos, eles acabam sendo explicados de uma maneira não tão esclarecedora, sendo feitas de acordo com a normatização da sociedade.. Outra reafirmação feita neste trecho é a narração da jornalista sobre a “cirurgia de mudança de sexo”, a cirurgia é chamada transgenitalização, redesignação genital ou adequação genital, e falar que alguém “mudou de sexo”, significa que alguém nasceu com sexo determinado, o que não é verdade, apesar de ser popularmente utilizado na sociedade, e implica em dizer que quem não faz a cirurgia não pode se identificar com o gênero com o qual se sente confortável. A cirurgia não modifica o gênero, nem faz com que a pessoa mude sua condição, apenas adequa o genital a ela.

Luciano fala sobre a HORMONIOTERAPIA, o procedimento é feito a partir de medicamentos que inibem a função de certos hormônios e ativam a influência de outros no corpo para que os indivíduos possam adequar seu corpo a maneira como se sentem confortáveis. A administração dos hormônios deve ser feita por médicos, no entanto, é muito complicado conseguir o tratamento pelo Sistema Único de Saúde e o tratamento particular é muito caro, fazendo com que muitas pessoas recorram ao tratamento de maneira clandestina.

Na sequência, eles estão na casa da namorada de Luciano e a repórter pergunta “O seu nome de registro, qual é?”, ao que ele responde “Então, essa é, geralmente, uma das perguntas, que a gente não faz para pessoas trans”, e a repórter responde “Tá bom, então tá bom” e Luciano responde “são coisas, que a gente prefere deixar pra lá”. Luciano está com um computador em seu colo e a jornalista diz “Mas Luciano concorda em me mostrar uma foto antes da transformação” “Aqui foi no dia da minha festa de 15 anos, quando eu me olhava por dentro, eu me sentia por dentro, eu já me sentia um menino, sabe, só que eu não dividia isso com as pessoas. E aí eu descobri que existiam...quais eram as cirurgias, como se chamavam essas cirurgias, quais eram os hormônios que eram tomados” “Isso você tinha quantos anos?”, “Eu já tinha 18 para 19 anos, mais ou menos. A barba e o peito são as duas coisas, talvez assim, que a gente tem mais ansiedade em resolver” “E ansioso para se livrar de vez das faixas que usava dia e noite para esconder os seios, Luciano pagou seis mil reais por uma cirurgia”, “Eu não podia ficar internado no hospital porque era uma cirurgia não legalizada. Aconteceu do mamilo necrosar”, neste momento Luciano levanta a camiseta para mostrar a cicatriz e a repórter diz “Foi um risco tremendo né Luciano, você poderia ter morrido também, não?” e ele responde “Sim, sim”.

Este trecho nos mostra a questão do nome civil e do nome social. No momento que a pessoa não se identifica com seu gênero e com a forma que a sociedade acredita que ela deve viver e opta por usar um nome que esteja de acordo com o gênero com o qual se identifica, não vem ao caso saber qual o nome que foi escolhido pelos pais quando a criança nasceu, seguindo o gênero designado ao nascer. O nome que é válido é aquele com o qual o indivíduo se identifica e se sente confortável ao falar, o nome social. A questão sobre nome civil e nome social ainda é nova no Brasil, no entanto, órgãos como o MEC (Ministério da Educação) e outros, vinculados, principalmente as áreas de saúde e educação, tem buscado formas de estabelecer o direito ao uso do nome social. A resolução do Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoções dos Direitos LGBT, publicada em março de 2015, por exemplo, estabelece as normas para que travestis e transexuais tenham as condições necessárias para sua permanência em instituições de ensino, garantindo que o nome social seja utilizado.

A repórter também perde a oportunidade de falar sobre o processo de se realizar uma cirurgia que não é legalizada, de como ocorreu, como foi o processo, porque o mamilo necrosou, como ele se cuidou, se deu certo, ela apenas mostra que não teve um problema mas que tudo deu certo no final, sem mais detalhes. A vontade de mostrar como Luciano era antes de assumir sua identidade de gênero, faz com que a jornalista deixe de abordar questões muito mais importantes para os transexuais do que mostrar ao público a foto de Luciano quando tinha que viver de acordo com o gênero socialmente designado para o seu gênero biológico.

Laerte

A sequência que segue, várias fotos de Laerte quando ainda não havia assumido sua condição aparecem com a narração de Caco Barcellos: “Este era o Laerte que conheci, trinta anos antes de ter virado mulher. Bigodão, barba, aparência de homem sério, na época Laerte era cartunista de uma revista de reportagem. Foi o criador de tirinhas famosas como ‘Piratas do Tietê’”, na próxima imagem aparece o jornalista em uma rua, esperando por Laerte e contando para a câmera “Eu conheci o Laerte em 1977, se não me falha a memória, eu te confesso que não sei como me apresentar”, logo após Laerte atravessa a rua e Barcellos diz “Olha, quantos anos”, e Laerte o cumprimenta com um beijo, um abraço e pergunta “tudo bem?”, Barcellos então apresenta o cinegrafista para

Laerte, que o cumprimenta de volta. Enquanto conversam, Caco Barcellos diz “Eu perguntei pra ele (o cinegrafista), você acha que eu devo chamar de a Laerte ou o Laerte?”

E Laerte responde “Como você se sentir mais à vontade” “É?” “É, eu não estou corrigindo as pessoas, o que sair saiu, não é gafe, não é problema nenhum”

“Nesta noite, Laerte vai participar de um debate para falar de sua luta contra a homofobia, o preconceito contra gays, travestis e transexuais. Mas na hora de falar, ela parece tensa” Neste momento, ocorre uma quebra na frase de Barcellos, entre o momento em que ele fala “Mas na hora de falar” e “ela parece tensa”, é colocada uma imagem de Laerte falando na palestra que não tem nada para acrescentar e pedindo desculpas, na imagem, ela aparece com o rosto tenso e Barcellos descreve “Ela parece tensa, desligada das discussões e das perguntas da platéia”, na imagem seguinte, um rapaz pede para ela comentar sobre o movimento LGBT, Laerte pede desculpas e diz que não está conseguindo se expressar, ao final do debate, Barcellos pergunta para Laerte por que ela “resolveu não falar” na discussão e ela responde “não resolvi não falar, eu não consegui falar” e Barcellos retruca “É mesmo, é? O que acontece? Para eu conseguir entender” e Laerte responde “Eu não sei, acontece de vez em quando. Isso já aconteceu algumas vezes, em público, meu cérebro encolhe”. Laerte e Barcellos se despedem, com este dizendo “Eu estou tentando agendar outros encontros com Laerte. Eu me convidei para conversar com ele na casa dele, mas ele disse que ‘em casa eu não gostaria, não, eu tenho uns problemas psicológicos que me fazem evitar encontros lá’”.

Este trecho tem inúmeros detalhes que apesar de serem falas culturalmente recorrentes na sociedade, reafirmam preconceitos e, também, transmitem conceitos errôneos para o público. Caco Barcellos diz que conheceu Laerte antes dela “virar mulher”, tal conceito é equivocado, ela não virou mulher, ela assumiu sua condição há algum tempo, o que não significa que antes não se sentisse de tal forma. A forma como o jornalista diz “antes de ter virado mulher”, parece que um dia Laerte decidiu que “não queria mais ser homem” e decidiu virar mulher, como se fosse uma transição simples e fácil. As fotos dele enquanto ainda não tinha assumido sua condição, reafirmam essa ideia de “virar mulher”, a descrição feita por Barcellos também contribui para isso, ao falar que de seu “bigodão”, “aparência de homem sério”, transmitem a impressão de que há uma diferenciação entre ser “homem sério” e “virar mulher”.

Outro tópico que podemos questionar é quando Caco Barcellos diz que não sabe como se apresentar a Laerte, passa a impressão de que Laerte mudou de pessoa, como se

ela não fosse mais a pessoa que ele conheceu nos anos 70, como se sua identidade de gênero, se assumir sua real condição, mudasse quem a pessoa é e também mudasse a forma como os demais devem se apresentar a ela. O questionamento sobre ser “a” ou “o” Laerte também poderia ser mais aprofundado. A Laerte se apresenta, se porta socialmente, usa roupas socialmente femininas e se identifica com o gênero feminino, no entanto, ela diz que Barcellos pode chamá-la como se sentir melhor, abrindo o precedente para pensarmos sobre a questão da definição de artigos para cada gênero e, por que não, a necessidade de artigos neutros.

Outro erro do jornalista é classificar o preconceito contra gays, travestis e transexuais como sendo homofobia, o que não é verdade, o preconceito contra homossexuais é caracterizado como homofobia e contra travestis e transexuais é chamado de transfobia, a utilização do termo homofobia como generalizante do preconceito contra gays, transexuais e travestis é um desserviço para a sociedade, que utiliza esse tipo de programa para se informar. A homofobia é uma forma cultural que, infelizmente, está muito presente na sociedade, assim como a transfobia e a lesbofobia, são formas em que as pessoas aprendem a ter preconceito com aqueles que tem uma orientação sexual diferente da que foi normatizada pela sociedade.

A transfobia ainda não é tipificada como crime pela lei brasileira, no entanto, há um projeto de lei número 122/2006, que foi apresentado pela então deputada Iara Bernardi, na Câmara dos Deputados em 2006. A nova versão, do texto é do senador Paulo Paim, tal texto une a PL 122 com a lei nº7.716, que tornará crime o preconceito contra todos os grupos. Um dos pontos do projeto visa criminalizar a discriminação e o preconceito que tenham sido motivados pela identidade de gênero ou pela orientação sexual dos indivíduos. Pelo projeto de lei seriam crime não só a transfobia, como também, a homofobia e a lesbofobia. O texto teria a redação:

Art. 1º A ementa da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Define e pune os crimes de ódio e intolerância resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião, origem, gênero, sexo, orientação sexual, identidade de gênero ou condição de pessoa idosa ou com deficiência. (NR)”

Art. 2º Os arts. 1º, 3º, 4º, 8º e 20 da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, passam a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes de ódio e intolerância resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião, origem, gênero, sexo,

orientação sexual, identidade de gênero ou condição de pessoa idosa ou com deficiência.
(NR)”

“Art. 3º

Parágrafo único. Incorre na mesma pena quem, por motivo de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião, origem, gênero, sexo, orientação sexual, identidade de gênero ou condição de pessoa idosa ou com deficiência, obstar a promoção funcional.

.....” (NR)

“Art. 4º

§ 1º Incorre na mesma pena quem, por motivo de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião, origem, gênero, sexo, orientação sexual, identidade de gênero ou condição de pessoa idosa ou com deficiência:

..... (NR)”

“Art. 8º Impedir o acesso ou recusar atendimento em estabelecimentos comerciais ou locais abertos ao público.

.....

Parágrafo único: Incide na mesma pena quem impedir ou restringir a manifestação de afetividade de qualquer pessoa em local público ou privado aberto ao público, resguardado o respeito devido aos espaços religiosos. (NR)”

“Art. 20. Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou o preconceito de raça, cor, etnia, religião, origem, gênero, sexo, orientação sexual, identidade de gênero ou condição de pessoa idosa ou com deficiência:

..... (NR)”

Art. 3º O § 3º do art. 140 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 140.

.....

§ 3º Se a injúria consiste na utilização de elementos referentes a raça, cor, etnia, religião, origem, gênero, sexo, orientação sexual, identidade de gênero ou condição de pessoa idosa ou com deficiência:

..... (NR)”

Art. 4º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação

Ao descrever que Laerte parece “tensa e desligada”, Barcellos trata Laerte pelo artigo feminino, mas quando diz que está tentando uma nova entrevista se refere a Laerte pelo artigo masculino, parecendo que quando se trata de sentimentos, de não conseguir reagir ao público, de falar sobre sua condição é feita a ligação com o gênero feminino, que é socialmente visto como o gênero que lida com as situações a partir do ‘coração’ e da ‘emoção’, e no resto do tempo, se utiliza o masculino. Barcellos também busca entender algo que não tem explicação, Laerte não conseguiu falar e parece que ele entende que é algo ligado a transexualidade, algo que ele precisa entender, como se não fosse algo que possa acontecer com todas as pessoas, independente do gênero. O desconforto de Barcellos parece mostrar ao público que é normal ter dúvidas em como agir perto de um transexual, passando a impressão de que eles não são pessoas como todas as demais, que deve-se ter cuidado ou tratá-los de maneira diferente do resto da sociedade.

Jay em público

De volta ao Maine, Jay brinca com a repórter e com seus irmãos em sua casa e a repórter diz que funcionou conversar com Jay sobre outros assuntos que não “exatamente a questão dele”. A repórter e o cinegrafista seguem com a família de Jay para o jogo de futebol de um de seus irmãos e ela tenta interagir com ele, mas o menino quer sentar do lado do cinegrafista, e a repórter descreve isso na matéria, no entanto, um dos cortes mostra a repórter brincando com o menino dentro do carro. Aparece a imagem de Jay chorando e a repórter falando “Vamos nos afastar um pouquinho” e saindo de perto da família, mostrando sensibilidade ao perceber o desconforto de Jay “Ele não quer chamar a atenção eu acho, sabe? É muito delicado. Muito difícil mesmo”, ela diz. As imagens mostram Jay no colo de sua mãe e chorando dizendo que quer ir embora, o pai decide levá-lo embora e a equipe de jornalismo vai junto. No caminho para casa, a jornalista conversa com o pai de Jay, perguntando o que ele pensa que aconteceu com Jay naquele dia e ele responde que não sabe exatamente, mas desconfia que está cansado de ir ao jogo do irmão, “O Jay fica frustrado facilmente, não sei se é porque ele nasceu menina e isso deve contar bastante, mas na maioria do tempo ele é feliz”, tal fala é traduzida e não legendada. As imagens que seguem essa fala mostram Jay chegando em casa e brincando com uma mala e no corrimão da escada. A jornalista pergunta se ele pode mostrar o quarto para eles e Jay diz que sim. Eles sobem para o quarto de Jay e ele mostra sua cama e a cama de sua irmã, durante todos os momentos, a jornalista que está traduzindo o que Jay está falando. Ela diz “a cama dele é azul e a da irmã é rosa”. A repórter e Jay estão

sentados no chão do quarto e ela diz “Peço para Jay me mostrar os brinquedos que guarda embaixo da cama”, ele mostra vários bonecos e ela continua “Ele está dizendo que ele gosta muito do boneco, ele gosta da roupa que ele veste, do corte de cabelo”. No próximo corte de imagens, o pai está no quarto, Jay o abraça e ele diz “I love you (eu te amo)”, neste momento sua fala não é traduzida pela jornalista, mas sim legendada. Depois a jornalista e o cinegrafista estão no carro conversando sobre sua condição de Jay no carro, ele diz “Todos amam ele e respeitam muito a diferença dele”, ela responde “É, você olha pro Jay, você não fala que é uma menina, ou você fala?” ao que ele responde “não” e ela continua “só que quando ele crescer, vai ser mais difícil”.

Neste trecho temos falas que são legendadas e falas que são traduzidas, podendo nos dar margem para questionar os motivos que levaram a equipe a fazer isto. Ao colocar uma voz narrando o que está sendo falado em inglês, talvez seja uma maneira de contextualizar em português, o que está sendo dito em inglês, de uma forma mais controlada. Podendo, assim, colocar palavras que não correspondem exatamente a tradução literal, no cenário que se deseja, pois não é possível entender tudo o que está sendo dito em inglês, quando a narração é colocada. Isto pode acarretar em uma edição por parte da produção do programa, dentro do discurso que se deseja ter.

Ao falar sobre “a questão dele”, tal expressão pode soar pejorativa, pois para Jay não existe uma “questão”, existe sua identificação com um gênero que não é aquele que lhe foi designado quando nasceu e que para ele foi sofrido de expor, pois acordava chorando e dizia que era um menino. Por isso “funcionou” falar de outras coisas, porque ele quer falar sobre o que todos as outras crianças também querem falar, sobre seus brinquedos, sua casa, família, e não ficar respondendo questões sobre sua identidade de gênero. Quando a jornalista está no carro com o cinegrafista, eles nos passam a impressão de um discurso preconceituoso ou de espanto, ao falarem que todos o amam e respeitam a diferença dele, ele é uma criança como todas as outras, não teria motivos para sua família não amá-lo ou vê-lo de forma diferente apenas por uma questão de corporalidade e de identificação, ao dizer “você não fala que ele é uma menina”, novamente, a questão identitária de gênero. Jay não “é uma menina”, ele é um menino pois assim ele se sente e se vê, ele foi designado menina ao nascer, mas não se identificando com o gênero, sua família o deixou livre para viver de acordo com o gênero com o qual ele se identificava e se sentia confortável. Mesmo que a ideia do programa seja mostrar os bastidores, e que isso incluía as dúvidas e questões dos próprios jornalistas, falar que Jay é menina, quando

acabaram de abordar a identidade de gênero dele, é, no mínimo, dúbio. Passa a impressão de que eles apenas estão fazendo um trabalho e não buscando crescerem e aprenderem com essa experiência e esse novo aprendizado. Essa conversa entre a repórter e o cinegrafista quando sozinhos no carro, é um ponto perigoso de um programa jornalístico mostrar, pode parecer que nem os próprios jornalistas compreender quem um transexual não se identifica com seu gênero designado ao nascer, logo Jay não é uma menina, por isso não parece com uma.

Christian

De volta a São Paulo, algumas imagens das ruas, da fachada do CRT e de um rapaz entrando no hospital com a narração: “No Brasil, são poucos os transexuais que conseguem fazer a transição legalmente, Christian tem 24 anos e está começando agora esse processo pelo SUS.” Uma enfermeira chama Christian e ele entra em uma sala, a médica diz “Primeira consulta né?”, ele responde “Isso” e ela continua “Você se classifica como homem trans?” e ele responde “Eu nunca me acostumei muito com o meu corpo assim, eu sempre olhei para mim assim e não fazia muito parte de mim, tinha alguma coisa ali que precisava mudar”, a médica responde “Se você quer mudança de nome, se você quer cirurgia, o que você deseja?” e ele responde “Sim, eu quero fazer o tratamento de hormônio aqui pelo ambulatório e, possivelmente, acredito que mais para frente, porque deve ter fila, fazer, sim, a cirurgia, ai informaram que precisa de um laudo aqui do CRT”. Enquanto aparecem imagens de Christian sendo examinado, tendo sua pressão aferida, a jornalista narra “O laudo é feito por profissionais da saúde e serve para confirmar a transexualidade de uma pessoa. Além de modificar o nome nos documentos, o laudo vai permitir que Christian entre na fila para a cirurgia de retirada dos seios. O tratamento com hormônio masculino, também precisa de acompanhamento médico”. A médica diz para Christian “Hoje eu vou te pedir uma série de exames”. A jornalista continua “Antes do exame, Chris nos mostra como é o *Binder*, o colete elástico super apertado que ele usa para esconder os seios”, enquanto isso, imagens de Christian de costas abrindo o *binder* e dele deitado na maca fazendo ultrassonografia. A imagem da médica falando com Christian sobre o seu nível de testosterona, que está muito alto e o alertando sobre o perigo para o fígado. É possível perceber que estas imagens são de outro dia de consulta. A jornalista diz “A partir de agora, Christian vai tomar hormônio masculino com acompanhamento médico a cada vinte e um dias” A imagem de uma

enfermeira colocando as luvas, manuseando a seringa e dizendo “Christian, pode vir”, e aplicando o conteúdo em Christian. Após essa aplicação a jornalista diz: “Na saída, um deslize da enfermeira”, estão a jornalista, a enfermeira e Christian conversando e a enfermeira diz “Daqui vinte e um dias, ela vem e toma a próxima dose”, Christian a corrige “Ele”, ao tentar se corrigir a enfermeira repete “Ela. Aí desculpa. Por que assim, nós estamos aqui treinados realmente, mas de vez em quando ainda nós fazemos essa confusão”, apesar de Christian rir, ele diz “Bastante, muito” e a enfermeira continua “principalmente porque você está iniciando o trabalho agora” e a jornalista pergunta “fazem muito essa confusão aqui ainda?” e Christian responde “O tempo todo”, a enfermeira sorri e responde “Isso...” e Christian continua “Lá fora eu até entendo, sabe, as pessoas me confundirem, as vezes, porque eu estou no início, como você disse, chamar ela e tal, mas eu sempre corrijo, agora, aqui dentro é um pouco constrangedor porque as pessoas são treinadas para isso”.

Neste trecho, podemos perceber a tentativa de mostrar como funciona o processo inicial de transição de uma transexual, neste caso de Christian, que foi designado como sendo do gênero feminino ao nascer, mas que se identifica com o gênero masculino e busca meios de adequar seu corpo a sua identidade. Eles buscam mostrar um pouco como funciona esse processo, mas não explicam, eles apenas acompanham o paciente na consulta. Ao falarem que são poucos os transexuais que conseguem a transição, eles deixam informações muito importante de fora do episódio, como o número de transexuais que conseguem, a fila de espera, o que precisa para poder entrar na fila, como funciona a cirurgia e tantos outros detalhes que nem todos sabem e tem dúvidas sobre o assunto.

Eles mostram também a enfermeira errando ao falar “ela” ao invés de “ele” para Christian, talvez buscando mostrar que é natural errar, mas quando Christian se incomoda com o fato de uma pessoa que trabalha nesse meio se incomodar, eles não mostram um pedido de desculpas, ou a enfermeira se retratando, a edição faz com que pareça algo apenas natural, apenas um “deslize” como a jornalista narra, mas não algo que deva ser levado em consideração, ou algo que se deva abordar em outros trechos do programa, que se deva discutir, essa dificuldade em aceitar que a genitália não define o gênero.

Christian, vai a uma consulta para iniciar seu processo transexualizador. Este processo está instituído no Sistema Único de Saúde (SUS), desde 2008, considerando a resolução de 2002 do Conselho Federal de Medicina, que dispõe sobre a cirurgia de transgenitalismo e a necessidade de seus procedimentos serem regulamentados pelo SUS.

Apesar do documento abordar a população GLBTT (gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais), fala-se apenas sobre o transexualismo, termo que é errôneo pois o sufixo -ismo tem como um de seus significados 'doença', como "sendo um desejo de viver e ser aceito na condição de enquanto pessoa do sexo oposto, que em geral vem acompanhado de um mal-estar ou de sentimento de inadaptação por referência a seu próprio sexo anatômico", esquecendo que as travestis também podem ter esse desejo, assim o documento fica limitado a avaliação do indivíduo como sendo transexual.

Reencontro com Laerte

A próxima imagem é de Laerte parada na calçada e Caco Barcellos atravessando a rua e olhando para o relógio dizendo para ela "Você é muito pontual". Os dois se cumprimentam e Barcellos narra "Reencontro Laerte no centro de São Paulo em uma praça frequentada por gays, bissexuais e travestis". Laerte cumprimenta uma moça chamada Verônica e a apresenta a Caco Barcellos, Laerte diz "É uma querida, uma companheira, uma amiga". Barcellos diz "Laerte e Verônica são ativistas do movimento LGBT que defende os direitos de transexuais". Os três estão conversando e Laerte diz "O sistema mal e mal está preparado...está disposto a atender transexuais que querem fazer redesignação sexual" e Barcellos questiona "Por que esse termo?" e Laerte responde "Porque não é exatamente mudar de sexo", Barcellos pergunta "desenhar novamente o corpo?" e Laerte responde "isso, é uma reforma" e Barcellos responde "estou tentando traduzir para as pessoas poderem entender" e Laerte responde rindo "um puxadinho" e Barcellos repete "puxadinho" e sorri. No próximo corte eles se sentam na praça e Barcellos narra "Na infância, Laerte gostava de ser menino" e Laerte diz "Foi divertida, foi legal, foi prazerosa" e Barcellos diz "Que era?" e ela responde "Isso, fazer essas coisas de menino" e Barcellos "jogar futebol..." e Laerte afirma "jogar futebol, torcer para time, sair, correr, pular, brincar, essas coisas todas" e Barcellos continua "você jogava bem?" e Laerte responde rindo "não...jogava como menina", Barcellos sorri e diz "menina, é mesmo?".

E narra "Laerte esperou trinta anos e três casamentos para se tornar um transgênero", e pergunta "E elas aceitavam bem?" E Laerte responde "Sim..." e Barcellos diz "mulher aceita melhor né..." e Laerte conta "Eu não aceitava", Barcellos repete essa frase e Laerte continua "Não, porque eu sabia qual era a verdade, não era uma coisa que eu tivesse passando, não era uma etapa". A conversa continua e diversas pessoas se unem para conversar com Laerte, um rapaz pergunta "Quanto ao preconceito contra os

homossexuais, você acha que deveria vir de escola, com a família” e Laerte responde “você não sabe a diferença que faz na vida de uma pessoa, ter uma família que apoia”.

Caco Barcellos parece fazer questão de relatar que a praça em que está é frequentada por gays, bissexuais e transexuais, podendo passar a impressão de que existem praças específicas para gays, bissexuais e transexuais e outras para heterossexuais e cisgêneros. Barcellos também limita o movimento LGBT como sendo “defensor dos transexuais”, deixando de lado a oportunidade de falar das demais causas pelas quais o movimento luta, todo seu envolvimento por uma sociedade sem preconceito e pela igualdade entre os indivíduos na sociedade, ou mesmo, deixando de apenas citar suas demais causas. Apesar de Barcellos parecer estar “travado;” é interessante que ele tente transmitir ao público o termo correto para a cirurgia de redesignação, mostrando que não se deve falar “mudança de sexo”, como a própria Laerte deixa claro, pois não é uma mudança de sexo, é uma adequação do corpo para quem já se é. No entanto, no momento seguinte, podemos perceber uma constante tentativa do jornalista de falar da fase em que Laerte não tinha tornado sua forma de ser aberta para todos, insistindo que ele “era um menino”, apesar de Laerte não ter problemas para responder, e até brincar que foi legal “fazer coisas de menino”, a situação que parece que se quer transmitir, é a de que Laerte “virou” mulher de repente, de que ele era um “homem sério” como dito anteriormente, e agora ele é transexual, não podendo ser séria, ou ter suas outras características. Ao falar sobre “ser menino”, podemos ver a questão da identificação e da formação constante pelas quais passamos. Laerte diz que foi legal “fazer coisas de menino”, mostrando que o gênero vai se formando, não é algo fixo e não é algo que esteja ligado a genitália. Quando Barcellos fala que Laerte demorou “trinta anos e três casamentos para se tornar um transgênero” novamente temos a impressão de que a transgeneralidade não é algo que a pessoa é, algo que se sente e se identifica, nos parece que é algo que um dia se decide que é e assim se torna. Barcellos comete outra gafe que pode ser considerada preconceituosa quanto aos gêneros ao perguntar se as esposas de Laerte aceitavam bem e receber a resposta afirmativa, ele diz que “mulher aceita melhor” novamente levando em conta a construção cultural de que mulheres veem e percebem as coisas pela parte sentimental, logo, elas aceitariam melhor a condição dos demais, o que não é, necessariamente, verdade. Laerte conviveu com mulheres que aceitavam sua condição, que a entendiam, no entanto, elas poderiam não aceitá-lo ou, até mesmo, discriminá-lo, como vemos em outros veículos midiáticos histórias de casais que, quando um dos indivíduos assume sua

condição, não é aceito, sofre violência e preconceito do outro. Novamente, vemos o jornalista utilizando-se de construções culturais da sociedade para tentar um entendimento de uma situação, o que pode deixar transparecer que ele mesmo não entende e está forçando situações para explicar ao público a transexualidade da forma como ele acredita que deve ser entendido. Laerte fala que não se aceitava, mas Caco Barcellos não busca detalhes do processo de aceitação, nem faz outras perguntas sobre o assunto.

A identidade de gênero de Jay

De volta ao Maine, fotos de Jay aparecem enquanto a jornalista narra: “quatro de julho de 2012, a menina Jemima tinha só dois anos, ainda não falava mas já manifestava o desejo de ser um menino”, o pai fala com a repórter e a tradução diz “ele poderia ter escolhido o desenho de uma fada, ou de uma princesa, mas resolveu ser um pirata”, enquanto isso, na tela do computador aparece a foto de Jay fantasiado de pirata. Fotos de Jay enquanto seus pais o vestiam como uma menina aparecem, seu pai mostra fotos no computador e a legenda diz “Ali está Jay, com vestido e cabelos longos”, a imagem de uma mochila com o nome Jemima aparece e a jornalista narra “A mudança foi gradual e intensa, ao começar pelo nome que o próprio menino escolheu”. Jay entra no quarto e a legenda de seu pai diz “Nós estamos vendo fotos suas, de quando era bebê”, Jay se junta ao pai e a jornalista para ver as fotos, Jay diz “Hey, olhem para mim, eu estou aqui!” Ao ver uma foto, a jornalista diz “o seu cabelo estava diferente, certo?” e Jay responde “É, eu era uma menina”, a jornalista instiga “E agora?” e Jay responde “Eu sou um menino” e a jornalista responde “Ok, você é”. A irmão de Jay entra no cômodo e Jay diz para ela “Quando a gente tinha o mesmo vestido, lembra?”, e a irmã balança a cabeça afirmativamente. Eles saem de carro e a jornalista descreve o que o pai de Jay está falando. “O Chris está me dizendo que ele acha que a aceitação foi muito melhor para as crianças, foi muito mais fácil em um primeiro momento para as crianças do que para eles os adultos”. Uma voz traduz o que a mãe de Jay está dizendo: “Antes que pudesse formular frases completas, ele já dizia ‘eu menino’, nós ríamos ou ficávamos surpresos, só que isso mudou quando Jay não parou de chorar por três dias seguidos, chorava porque queria ter um pênis e porque queria ser visto como um menino e mesmo assim, eu resistia, queria profundamente que ele fosse uma menina.” Após essa tradução, a mãe continua sua fala, porém agora legendada “Eu tinha que me esforçar, entender o que estava acontecendo”,

a jornalista pergunta “E agora?”, e a fala da mãe volta a ser traduzida por uma voz “Vimos como ele se transformou em uma criança muito mais feliz, isso é tudo o que importa”

A jornalista narra que Jemima já “manifestava o desejo de ser menino”, quando a criança apenas queria viver e ser tratada da maneira com a qual se identificava, como se via. Ele não se encaixava na forma que lhe foi socialmente designada, porque ele não se identificava como sendo uma menina, ele se via como um menino que nasceu no corpo biológico feminino. É possível perceber que eles buscam editar as imagens de uma maneira que mostre que a família passou por dificuldades, mas que agora está tudo bem, que hoje Jay é aceito da maneira como ele é, mesmo que a mãe quisesse que ele se identificasse como sendo uma menina. No entanto, nem sempre a tradução feita corresponde aos trechos em inglês que podem ser entendidos, a edição muda a maneira como se está falando, pode-se entender que a mãe fala sobre ajudá-lo a passar pelo processo, no entanto isso não é traduzido.

Exposição de Laerte

Voltando a São Paulo, Caco Barcellos está na exposição com as obras de Laerte “Durante quarenta dias, as obras de Laerte como cartunista e ilustradora, ganharam uma exposição aqui em São Paulo visitada por mais de trinta mil pessoas. A militância transgênera dela, também pode ser vista aqui.” Imagens de Laerte interagindo com as pessoas em sua exposição, tirando fotos e brincando aparecem, em uma das cenas ele brinca “Eu sou facinha” Um amigo de Laerte aparece e ela diz “esse me conhece há muitos anos”, e o amigo responde “eu até tirei um retrato aqui para ver que quando eu te conheci, você era desse jeito, quer ver”, este pega o celular e mostra diversas fotos, que a câmera foca, “ele já usou bigode, olha aqui, já usou barba, tinha o cabelo comprido” e Caco Barcellos pergunta “E esse bigode aqui?”, e o moço aumenta a foto “Olha o bigodaço dele aqui”. Barcellos conta “Paoletti é um amigo dos tempos da faculdade e da militância nos sindicatos”. Paoletti comenta “Teve uma época que ele se concentrou bastante em personagens, desenvolvia. Depois veio aquela coisa dos palhaços, dos piratas. Depois ele meio que ficou sem graça”, Laerte responde “sem graça” e ri e eles relembram “ah, 2005...” e Barcellos pergunta “o que aconteceu” e ela responde “morreu meu filho, ai eu resolvi, ou parava de desenhar ou radicalizava o processo de mudança que eu já vinha fazendo”. Barcellos continua: “Laerte perdeu um dos três filhos, em um acidente de carro”. Logo após, Barcellos conversa com Claudinei Ferreira, um dos organizadores da exposição, que mostra o desenho que Laerte fez para o filho sobre sua

‘transformação’, um dos quadrinhos diz “Eu dei umas mudadas quando você morreu”. Ferreira mostra a “tira da transformação” e Barcellos descreve “ele raspa as pernas e começa a vestir uma roupa feminina”. Agora conversando com Laerte “agora essa militância de gênero, não sei se eu estou exagerando, ela não trouxe... teria trazido muita luz para o seu trabalho? Concorda com isso?” e Laerte responde “Acho que sim, acho que movimentou tudo né. É como pegar uma colher e mexer o caldeirão”. Barcellos fala com uma moça que está vendo a exposição e ela diz “ele/ela, porque é os dois” e Laerte diz “estou criando...trazendo problemas para as pessoas, eu encontrei outro dia uma menina e ela está propondo o pronome ‘ile’, para ser um pronome neutro, de gênero neutro, ‘ile faz’, ‘ile chegou’, ‘ile gosta disso’.”, Caco Barcellos parece demorar a compreender o pronome “Ah, ile...”.

Ao falar que é “facinha”, podemos perceber que Laerte se trata pelo artigo “a”, logo, a dúvida inicial de Caco Barcellos pode ser sanada, mesmo com ela dizendo que não se importa que a tratem como “o”. Esse trecho do programa, poderia ter aprofundado as questões sobre Laerte se assumir, depois que seu filho morreu e ele decidiu que não viveria mais da maneira como vinha vivendo, no entanto, o trecho apenas mostra a exposição, o amigo com as fotos de quando ele usava bigode, a tirinha que ele fez quando se assumiu. A única pergunta sobre a questão de gêneros é sobre a inspiração de Laerte nesse momento para produzir seu trabalho, nem mesmo quando ela cita sobre o pronome que seria utilizado como neutro, o jornalista mostra interesse em saber sobre a questão, ou sobre a confusão que as pessoas fazem para tratarem os indivíduos transgêneros. A maneira como Barcellos age durante quase todos os momentos transmite a impressão de que ele estava desconfortável fazendo aquela matéria sobre uma pessoa que ela conheceu enquanto se portava da maneira como era socialmente aceita para seu gênero e que agora que assumiu sua condição, não seria mais a mesma pessoa, seria uma ‘nova pessoa’. Barcellos está mais interessado em falar sobre sua vida antes de assumir sua condição do que em sua identidade de gênero, ele não consegue encontrar uma forma de abordar a transexualidade com naturalidade.

Duda e Robis

Após esse momento de Laerte, uma nova história começa a ser narrada “Duda tem 18 anos, começou sua transição aos 14. Robis tem 20, e começou mais cedo aos 11. O casal transexual se encontrou na internet”. Duda conta “num grupo de hormônios no face” e a repórter diz “Ah é? Num grupo de hormônios no face?” e Duda continua “É onde posta assim, tipo tem trans homem e tem trans mulher, ai eles postam os resultados dos hormônios, tipo comparando o antes e depois, tipo falando o que toma, essas coisas. Ai eu postei uma foto lá, e veio ele, ai a gente começou a se falar, todo dia, todo dia, todo dia...ai foi criando tipo um afeto sabe”, a repórter continua “o namoro que no começo parecia estranho até para eles” e Robis conta “Ela nunca tinha namorado, ficado com homem trans, e eu também nunca tinha ficado com uma mulher trans, foi novo pra ela e pra mim também” e Duda continua “pra ele, eu era um homem e pra mim, ele era uma mulher, os trans eram assim. Tipo, no meio também tem esses preconceitos, entendeu?”. No corte seguinte, a repórter está na casa de Robis, conversando com sua mãe, esta conta “Se alguma mãe falar ‘olha, é fácil, eu me acostumei’, me ensina a receita. Porque eu com 10 anos não me acostumei. Eu não chamo de ele não ou Robis”, enquanto isso, aparece a imagem de Robis de cabeça baixa. A jornalista descreve “essa conversa foi na casa da mãe de Robis. Nesse dia, conhecemos a Gisele, a menina ajudou bastante nesse processo de transformação. Mas, de vez em quando, ainda chama o irmão de ela”. Gisele comenta “ela que começou a contar as coisas para mim, porque ela não tinha coragem de contar para a minha mãe. E começou a contar as coisas para mim, para eu contar para minha mãe. Pra ela ficar menos nervoso”. E a jornalista pergunta “Então, na época você tinha o que, seis anos? Sete anos?” E Robis responde “ 5 ou 6 anos”. A mãe continua “Na verdade, o meu preconceito era eu vou ser julgada, que eu não soube educar, que eu não soube nada. Eu estava divorciada, eu vou ser julgada pelo pai, porque está convivendo com um monstro dentro de casa, porque isso era o que se dizia na época. Mas, quando eu vi que a aceitação dela [da outra filha] foi boa, para mim foi mais fácil. E desde muito pequena, ela já apresentava, não tinha dois anos, não aceitava que colocasse saia, não aceitava o rosa, boneca, era sempre carrinho, era sempre brincar no condomínio, era sempre com os meninos”. A jornalista pergunta se a mãe tem fotos da época em que Robis ainda era socialmente visto como menina e Robis responde “joguei todas fora, é a única”, a câmera mostra uma foto de duas meninas abraçadas, e a jornalista continua “Essa aqui, era você Robis, com quantos anos?”, Ele responde “oito” e a jornalista diz “oito anos”.

Robis continua “Só não me aparece de barba, ela fala...” e ri, a jornalista diz “É mesmo?”, e a mãe responde “Para isso, eu acho que eu não estou preparada ainda, 100%. Então, eu falei para ela ‘eu preciso ir trabalhando esse pouquinho ainda, devagar, não me cobra, não me sufoca, deixa eu ir trabalhando esse restinho que ainda falta”.

Neste trecho, o programa buscou mostrar a dificuldade da família, principalmente dos pais, de aceitar a condição transgênera de seus filhos. Mostrando que eles também erram ao se referir aos filhos trans, que nem sempre aceitam e o medo de serem julgados. Novamente, vemos alguns traços da normatizaçãocultural que temos em nossa sociedade, como a ênfase no medo da mãe em ser julgada pelos demais, a dificuldade de lidar com a temática. Mas podemos perceber que há uma insistência, não só neste trecho mas em todos os demais, em mostrar os indivíduos como eles eram antes de se assumirem como sendo transexuais, outra condição cultural que temos em nossa sociedade, como se existisse um “antes e depois” das pessoas. Muitos deles se sentem desconfortáveis, como Robis, que jogou fora suas fotos, mas mesmo assim a jornalista insiste em mostrar a única foto que restou, como se fosse importante para o público vê-lo quando ainda não havia assumido sua condição.

Avery

Agora no Kansas, nos Estados Unidos, a repórter Eliane cumprimenta uma mulher e se apresenta para duas crianças enquanto narra “Avery tem 7 anos e mora com a mãe, o pai e o irmão na cidade de Kansas, nos Estados Unidos.”, enquanto segue Avery pela casa ela diz “Ela vai mostrar o quarto dela”, já no quarto da menina, aparece a legenda “Você gosta de rosa e roxo também, eu vejo”, enquanto a menina mostra seus brinquedos e objetos pessoais. “Pergunto se ela tem algum vestido”, a menina levanta da cama e abre um armário dizendo: “Na verdade, tenho vários”. Agora, a repórter fala com Debby, mãe de Avery “Debby diz que quando Avery tinha 5 anos, começou a usar vestidos de princesa, todo dia. Não os tirava nem para dormir”. Conversando com a menina, ela diz “Me forçavam a usar uma fantasia de homem aranha, mas eu queria uma de menina, porque gosto de ser menina.” A repórter vê uma foto que a mãe de Avery mostra de sua filha quando tinha 3 anos, dizendo “vestíamos nossos dois meninos com as mesmas roupas”, a jornalista conta “Dessa época, só o nome permaneceu o mesmo”. Na cena seguinte, a repórter pergunta a Avery “como foi essa transição para você?” e a menina responde “Foi difícil dizer para minha família que eu era uma menina. Achei que eles iam me abandonar, agora que sei que eles me aceitam, posso ser quem eu sou”. Uma voz

traduz o que o pai de Avery diz “O melhor que podemos fazer é amá-la, incondicionalmente, se outros pais na mesma situação, virem o amor que damos aos nossos filhos, poderemos ajudar a abrir seus olhos e seus corações”. A repórter narra “quando Avery passou a se comportar como menina, a família perdeu muitos amigos”. A mãe conta “Os pais das crianças ficaram assustados, porque não sabiam como explicar para os filhos, o que estava acontecendo e pararam de falar com a gente”. A jornalista conta que por esse motivo, a mãe decidiu tirar os filhos da escola e ensiná-los em casa, a mãe explica “as escolas públicas daqui, não sabem lidar com crianças transgênero”. Avery aparece e a jornalista diz “E Avery, mais uma vez, quer participar da conversa”, e entra uma voz narrando o que ela diz “não posso ir na escola normal porque quando passei a usar roupas de menina, acharam que eu estava errada, que eu não era normal”, a mãe continua “algumas pessoas dizem que Deus cometeu um erro, não acredito nisso. Ninguém é perfeito, por isso ninguém pode apontar o dedo para a minha filha e dizer que ela é um monstro. Posso ver que a minha filha está feliz, que ela não deseja mais morrer, como muitas vezes já desejou. Então, como mãe, sei que estamos fazendo a coisa certa”.

Neste trecho, temos a mesma situação que a anterior, mostrando que as famílias, ao apoiarem seus filhos, podem, também, sofrer preconceito. Este preconceito não é pela identidade de seus filhos, mas pelas famílias os apoiarem a assumirem sua identidade. Assim, são julgados e podem passar por situações constrangedoras pelo preconceito daqueles que não aceitam quem não se encaixa em padrões e, também, não aceitam aqueles que os apoiam. Temos aqui a reafirmação culturalmente conhecida de que as pessoas não sabem como explicar para seus filhos que algum amigo é transexual e que acabam se afastando da família, no entanto, não se aprofunda a questão do preconceito. Avery mostra que a genitália de um indivíduo não o define, ao dizer que ‘pode ser quem ela é’, ela comprova que quem se é está na cabeça da pessoa, na forma como ela se vê, se percebe e se sente e se constrói ao longo do tempo, não é algo fixo. Quando a mãe fala que a filha tinha “desejo de morrer”, a jornalista não se interessa em saber o que aconteceu, como lidaram e todas as demais questões que poderiam ajudar ao público a entender a questão e também a saber o que fazer. Mas pode-se perceber que a criança ao acreditar que será abandonada teve medo, algo que é constantemente visto na sociedade, algo que faz parte até da construção do grupo social, aqueles que se sentem diferentes devem guardar para si as diferenças, mostrar que a criança foi aceita é um ponto de extrema importância, no entanto, a criança não está no nosso país, parecendo que tal

situação não acontece com as crianças brasileiras, apenas com as estrangeiras. Tais questões viram pano de fundo para que o programa possa mostrar o “final feliz” de todas as histórias mostradas no episódio, mesmo abordando a dificuldade, está vira apenas um antagonista diante do desfecho positivo.

O programa acaba com um take que não entrou na edição de Duda e Robis falando sendo questionados pela repórter sobre a testosterona e Duda dizendo que a libido aumenta muito e chega a ser chato.

5.2 A Liga

O programa A Liga, é um programa de televisão que, apesar de seus repórteres não serem todos jornalistas, pode ser considerado jornalístico, pois mostra a perspectiva de algum fato. Os apresentadores vão atrás da realidade sobre o tema do programa, se utilizam de humor, sarcasmo e um pouco de drama. O programa brasileiro é uma versão da produtora argentina Eyeworks. Ele é exibido pela rede Bandeirantes desde 2010, hoje, ele é exibido às terças-feiras, na faixa de horário das 23 horas. Vários apresentadores já passaram pelo programa, atualmente, a equipe conta com Cazé Peçanha, Mariana Weickert, Thaíde, O episódio que será aqui analisado, aborda duas temáticas: (1) famílias de travestis e (2) vida subterrânea; por questão de temática, analisaremos apenas os blocos do programa que abordarem a temática sobre travestis. O programa, ao todo, tem uma hora, dois minutos e sete segundos de duração, o recorte sobre transexualidade tem 37 minutos e 40 segundos, e foi ao ar no dia 13 de agosto de 2013.

O programa começa com os repórteres em um estúdio, cada um falando uma parte de um texto. Thaíde diz “Olá, bem vindos a liga, no programa de hoje vamos te mostrar duas realidades bem distintas. Primeiro, vamos conhecer famílias diferentes. Pais, mães e irmãos de travestis”. Aparecem imagens de travestis, uma mulher mostrando uma foto de uma criança na parede e dizendo “E ali é o que restou de mim”, a repórter diz “Marcelo!”, “Os namorados querem saber quem é ai eu acabo falando que sou eu”, outra mulher aparece e diz “Eu me defino como Paula Beatriz, diretora de escola e uma transexual”, aparece a imagem de um homem dizendo “Todo mundo fala ‘é um menino de ouro’, aí a gente fica orgulhoso né” e uma moça responde “nunca escutei na minha vida, meu pai falar de mim. Foi mágico, eu vou guardar isso pro resto da minha vida”.

Mariana Weickert inicia o programa falando “Ser travesti, não é nada fácil. Primeiro o dilema de nascer homem mas se sentir mulher. E ainda estar sempre associada a prostituição”. Cenas das travestis que serão entrevistadas no programa aparecem. Cazé diz “Tudo isso, faz com que quase todas as travestis sejam rejeitadas pelas famílias e, geralmente, com violência”, imagens de notícias que foram publicadas em jornais sobre travestis que foram agredidas. Rita Batista diz “Num país machista como o Brasil, imagine as dificuldades de um pai aceitar que seu filho use maquiagem, salto e saia. Aparecem imagens de travestis maquiadas, fazendo seus cabelos, de salto alto e saias. China aparece dizendo “A família inteira passa a ser alvo de fofocas e preconceitos próprios e alheios, mas se isso acontecesse, o que você faria?”. Mariana Weickert diz “Hoje na liga vamos conhecer travestis e seus pais e mães que ainda estão tentando responder a essa pergunta”. Mariana frisa o verbo “tentando” ao dizer essa frase, podendo nos passar a impressão de que pais e mães não conseguem aceitar o fato do filho ser travesti, que eles apenas tentam mas não conseguem.

Neste início são apresentadas diversas construções sociais que vemos constantemente na sociedade, travestis sendo sempre vistas como prostitutas, matérias que saem nos jornais sobre a violência contra travestis. Tais construções são apresentadas por meio de imagens enquanto os repórteres narram o texto. Aparecem imagens de travestis, de manchetes de jornais, das entrevistadas. No entanto, Mariana Weickert diz que travestis “nascem homens mas se sentem mulher”, quando na verdade, se é designado de determinado gênero ao nascer de acordo com seus genitais, mas “quem se é” vai sendo construído ao longo do tempo, com a vivência, as experimentações, a cultura, as vontades, etc, talvez seja impossível saber quem se é, uma vez que todos mudam ao longo do tempo, passam por transições, transformações, diversas fases da vida. Apesar das imagens das notícias, e dos dados que vemos diariamente nos mais diversos veículos, falar que quase todas as travestis são rejeitas pela família não dá o parâmetro desse problema para quem está assistindo o programa. O programa poderia ter se utilizado dos dados disponíveis para falar sobre a realidade vivida pelas travestis. Rita Batista reduz as travestis a “filhos que usam saias, salto alto e maquiagem, não citando a questão da identidade, como se as travestis fossem apenas a definição que vemos nos dicionários como sendo indivíduos do gênero masculino que usam roupas do gênero oposto, não considerando a parte interna das pessoas.

Kaká

Mariana Weickert anda por uma rua dizendo “Os pais vieram de Pernambuco para Mauá, região metropolitana de São Paulo. E ainda adolescente o Carlos decidiu viver como Kaká. É esse o travesti nascido em uma família de ‘cabra macho’ que a gente vai conhecer agora” enquanto ela fala aparece a legenda “a Cabeleireira” e algumas imagens de Kaká. Mariana entra no salão de Cacá e diz “olá, Kaká belíssima, está muito ocupada?”, Kaká está arrumando um cabelo de uma cliente, elas se cumprimentam e Mariana pergunta “Seu cabelo é de verdade?”, ela passa as mãos nos cabelos de Kaká e diz “Ah não, tem uns mega hair aqui no meio, já catei, já catei” e Kaká brinca “aquela coisa ‘oi, amiga” e passa a mão nos cabelos de Mariana e diz “o dela é de verdade, olha povo, ela apareceu ali e eu achei que era truque mas é dela, tá meu bem”.

Enquanto Kaká faz um cabelo, ela e Mariana conversam, Mariana pergunta “O que que tu acha que te entrega hoje? Que você não é mulher completamente? Aonde que as pessoas pescam?” e Kaká responde “Ah, tem tudo, tem dia que a gente não tá bem, com o rosto legal, ai entrega. O gogó entrega horrores”. Neste momento ela levanta o rosto e a câmera paralisa a imagem no ‘gogó’ de Kaká e Mariana colocando a mão para sentir e dizendo “O gogó não tem jeito”, Kaká diz “Não tem, quando o gogó está para dentro, eu falo grosso” (essa fala não pode ser identificada com clareza) e sua voz sai mais grossa e ri. Mariana pergunta “posso fazer o teste?” e Kaká diz “Pode, tá vendo?”, enquanto Mariana põe a mão em seu gogó e todas riem. Mariana pergunta sobre a roupa de Kaká, se ela usa aquele tipo de roupa diariamente ou se era apenas para as filmagens, Kaká responde que diariamente, que colocou aquela calça de onça por que eles iam filmá-la e brinca com a câmera mostrando sua calça, mas sempre aquele tipo de calça “apertada e justa” como diz Mariana. Mariana pergunta se Kaká é operada, Kaká diz que não e Mariana diz “E aí, onde é que está tudo?” e Kaká responde “Então, está por aqui” e alguém que não aparece diz “Estica e puxa” e Kaká responde rindo “A louca, estica e puxa” mas Mariana ainda quer entender e fazendo sinais com as mãos faz o movimento de puxar o genital masculino para trás dizendo “Não, estica e puxa, eu sei que coloca para trás, correto?”, Kaká responde afirmativamente e Mariana continua “E aí tu tem que depilar tudo para prender com o esparadrapo?” e Kaká responde “O esparadrapo só serve pra gente no carnaval, para não escapar”, e Mariana diz “você tá de biquíni e escapa o pinto?” e Kaká responde “É, ela vai lá e joga a perna e cai aqui” fazendo sinal com a mão, Mariana fica estarecida e diz “Estou chocada, e aí o que faz nessa hora?” e Kaká diz “Então, a gente que está lá embaixo, a gente ri muito, bate palma, corajosa né, mas se é

no meu caso, eu me jogo da passarela ou entro debaixo do palco, alguma coisa assim. Mas eu uso unicamente uma calcinha pequena que vai fazer prender, puxar tudo bonitinho, prender e fica assim”, enquanto Kaká diz isso, Mariana faz cara de assustada e diz “Me desculpe, então é muito pequenininho. Por que assim, ó, tu tá uma mocinha” e abaixa do lado dela. Uma cliente do salão diz rindo “Eu acabei de falar pra ela, hora que ela trocou de roupa, eu falei ‘cadê o seu pipi?’” e Mariana diz “Cadê o pipi? não, não é só o pipi, tem todo o complemento do pipi”, Kaká aponta para alguém e diz “Tem...não fala nada, a louca” e Mariana diz “fala, sim!”, um rapaz sentado diz “É o complemento do pipi que ajuda ele ir para trás” e Mariana continua tentando entender “As duas bolsinhas...” e faz um sinal com a mão e o rapaz diz “Exato...” e Mariana insiste “Não consegui entender ainda” e pede para Kaká “Deixa eu ver sua calcinha, estou muito curiosa”, Kaká abaixa a lateral da calça e mostra sua calcinha e Mariana diz “Gente, é um fiozinho...e atrás, ela é fio dental? (faz um som de susto) “Não, não, não, peraí, deixa eu ver isso” e vira Kaká para a câmera e diz “gente, olha isso...Vamos sentar bater um papo?”

Neste momento inicial, podemos perceber uma certa “euforia” de Mariana ao entrevistar uma travesti, ela se utiliza do adjetivo “belíssima”, ou fala sobre os cabelos de Kaká, talvez, buscando uma aproximação com sua entrevistada. Talvez, a construção social que é, constantemente, atribuída às travestis como sendo pessoas sempre animadas, “montadas”, que usam roupas extravagantes e são muito abertas, fez com que Mariana, que já trabalhou no mundo da moda e, talvez, tenha essa imagem sobre travestis com quem, talvez, tenha convivido mais como ‘personagens’ do que como pessoas fez com que ela se utilizasse dessa abordagem para iniciar sua matéria. No entanto, não podemos afirmar que este momento inicial é, realmente, eufórico e que a repórter se utiliza das adjetivações e das atribuições socialmente conhecidas para se aproximar de Kaká, tal percepção é apenas uma suposição. Tal abordagem pode reafirmar os estereótipos socialmente dados às travestis carregam sobre usarem apliques nos cabelos, roupas que evidenciam seu corpo, salto alto. Mariana parece estar confortável conversando com Kaká, mostrando-se aberta para falar e questionar as temáticas que estão sendo abordadas, possibilitando que o público veja que não há mistérios em falar com travestis.

A apresentação inicial, de que “Carlos decidiu viver como Kaká”, é equivocada. Na verdade, Kaká sempre foi Kaká, ela apenas decidiu assumir para todos a sua condição, a forma como ela se sentia internamente e desejava exteriorizar, e como se via. Ao falar da família de ‘cabra macho’, Mariana passa a imagem de que toda família do nordeste é preconceituosa, que tem a visão limitada aonde “homem tem que ser homem”, que não

aceitam o diferente e que, assim sendo, travestis não são aceitos, o que não é verdade. Mesmo que esteja falando, especificamente, desta família que veio do nordeste, o uso desta expressão tão disseminada no Brasil, de que todo nordestino do gênero masculino é um ‘cabra-macho’, pode passar uma ideia limitadora e também de preconceito com os nordestinos.

Mariana fica um pouco presa, inicialmente, na questão física de Kaká, ao perguntar em que momento as pessoas percebem que ela não é “mulher completamente” passasse a impressão, novamente, de que a genitália define se uma pessoa é ou não de determinado gênero, esquecendo dos demais aspectos, como psicológicos e corporais. Ao tentar entender como Kaká fica ‘mocinha’, Mariana utiliza de expressões e meios de falar do genital masculino de maneira engraçada, para conseguir abordar a questão de Kaká não ter feito o procedimento cirúrgico, por mais que Kaká pareça estar bem com tais perguntas, pode parecer invasivo falar sobre o assunto, mostrar sua calcinha para a câmera, mostrar seu gogó, evidenciar os aspectos que podem demonstrar que o gênero que lhe foi designado biologicamente, não é o mesmo com o qual ela se identifica, ajudando na reafirmação de estereótipos socialmente atribuídos as travestis.

A infância de Kaká

Agora Kaká e Mariana estão sentadas conversando, Mariana pergunta “Qual a tua primeira imagem, assim, a tua primeira lembrança de tu perceber, assim, eu sou diferente?” e Kaká responde “Eu tinha uns treze anos...” e Mariana diz “Ah, foi mais tarde”, Kaká responde “...mais tarde”, e Mariana continua “Já era adolescente, de infância tu era bem masculino?”, Kaká conta “Não...eu já tinha o meu jeitinho, até minhas tias falavam ‘Aí Maria, minha mãe, esse menino tem jeitinho de veado, não sei, ai Maria’ e minha mãe ‘imagina, mulher, imagina, não. Me chamavam de bichinha na escola”. Mariana quer saber se ela se incomodava com isso, e ela responde “Muito, muito mesmo...O que que é isso? Eles ficam falando que eu sou bichinha, eu não sou isso. E aí dos treze para os catorze, eu comecei ver que realmente, queria aquilo mesmo”. A repórter pergunta “O que que passou pela sua cabeça?”, Kaká conta “Ai, eu tinha medo, porque aí tudo o que meu pai falava eu falava ‘tá me atracando’, sabe, tudo...’ engrossa a voz menino, treze anos e a voz não engrossa’ e eu Ai meu Deus, ele já percebeu. Eu não gostava mais de cortar o cabelo”, Mariana continua “Já tinha o cabelo compridinho?”, Kaká confirma “É, mas ele me levava obrigado pro salão para cortar o cabelo, ai eu mexia a cabeça, fazia de tudo para não deixar o cabeleireiro cortar mas ele acabava cortando. Eu

era para ser o único menino. Ele tinha a convicção de que eu seria como ele, um vaqueiro, um boiadeiro, alguma coisa assim...”

Mariana inicia a conversa falando sobre “ser diferente”, um conceito socialmente aceito e muito disseminado que não condiz com a realidade, pois seu uso pode dar a impressão de que a pessoa não se encaixa em determinações fixas, no entanto, não é possível saber o que é “ser diferente”. Cada um é diferente e ninguém se encaixa completamente em padrões, o que não é um problema. Pela sociedade aqueles que não se encaixam no padrão de ser heterossexual e cisgênero, são considerados diferentes, no entanto, todos são diferentes, um indivíduo não é igual ao outro, temos gostos, ideias, pensamentos, etc. diferentes. A questão de identidade de gênero não deveria ter que se encaixar em normas pré-estabelecidas, cada indivíduo é diferente a sua forma e tem suas próprias identificações, a genitália não demonstra se a pessoa se identificará com o gênero masculino ou feminino, ela apenas esclarece sobre o sistema reprodutivo do indivíduo .

Novamente, vemos que a curiosidade sobre a época em que uma travesti ou transexual não tinha assumido sua condição acaba sendo maior do que outros aspectos de sua vida. Há uma necessidade em se saber se o indivíduo se portava ou não como o socialmente aceito para seu gênero designado ao nascer, se essa pessoa correspondia com as descrições socialmente normatizadas. No entanto, Mariana busca saber sobre o preconceito sofrido na infância, quando nem mesmo Kaká sabia o que significava os sentimentos e desejos que tinha, mesmo que falando sobre os aspectos físicos, como saber se o cabelo era comprido, ela tenta entender o medo de Kaká de assumir sua condição, mostrando ao público que não é fácil assumir suas identificações, sua maneira de se ver e se sentir. A própria Kaká mostra que o pai esperava que ela correspondesse ao ‘título’ de ‘filho homem’ que seguiria a profissão do pai, mostrando que a sociedade impõe determinados padrões para as pessoas de acordo com seu gênero biológico, acarretando medo e preconceito àqueles que não se encaixam nos padrões.

Monique

Agora, a repórter Rita está em Taubaté, interior de São Paulo, para conhecer Monique, ela descreve “Há algum tempo atrás, ela atendia pelo nome de Marcelo, até que resolveu se adequar a sua identidade de gênero”. Rita chega na casa de Monique, que abre a porta, elas se cumprimentam, Rita entra e enquanto sobem a escada, comenta “De salto

em casa, eim?” e Monique responde “Não, acabei de chegar de uma reunião de política.” E Rita pergunta para que é a reunião, Monique responde “Então, eu fui candidata a vereadora, fui a mais votada da região e eu tenho uma coluna no jornal aqui e a coluna já repercutiu, então eu fui ver com o partido como estão as coisas”.

Na sala da casa está a família de Monique, elas vão conhecer o quarto de Monique e de sua irmã, quando Rita pergunta de quem é aquele quarto, a irmã responde baixinho “Do Marcelo e meu” e Rita repete “Marcelo...”. Rita pega um porta-retratos e pergunta “Aqui é você de rainha de bateria?” e Monique diz “Não, aqui sou eu fazendo show” e Monique mostra o quadro na parede com uma foto de um menino ainda criança e diz “E ali é o que restou de mim”, todo mundo que vem aqui pergunta, a repórter diz “Marcelo!”, e Monique conta, “Os namorados querem saber quem é ai eu acabo falando que sou eu”, Rita comenta “Fofa eim! Mas quando você olha, te dá alguma coisa?”, Monique responde “Ah, eu acho uma criança bonita, apenas isso” e Rita pergunta “Mas nem se relaciona com você? É uma criança bonita, não parece que sou eu”, essa última frase é frisada, aparecendo na escrita na tela. E continua “Se você colocar a foto de uma menininha loirinha, talvez eu me identifique mais, falo ai essa criança...” e a repórter continua “você olha seus álbuns de crianças?” e Monique responde “Criança, ainda vai, mas adolescente...”, a jornalista instiga “Tem alguma foto de adolescente?” e Monique afirma “O que tem está muito bem escondido, as sete chaves”

Na sala, a jornalista fala com a família de Monique “Dizem que mãe sabe de tudo, sempre, todo tempo. Quando que a senhora percebeu?”, a mãe de Monique responde “Perceber da homossexualidade, desde criança, 5 ou 6 anos. Você sempre é chamado ‘o viadinho, o bichinha’ essas coisas assim, então eu tinha...eu protegia muito, ele (o pai) também protegia muito”, A jornalista pergunta: “Como é que era essa proteção?” e a mãe responde “Ah, a gente levava, buscava, só teve permissão para sair com 18 anos”, a jornalista pergunta se esse sair sozinho era para festas, Monique confirma e diz que seu pai tinha que levá-la e buscá-la. A jornalista pergunta “Agora como é que foi esse apoio, quando Marcelo começou a se transformar em Monique?” e seu irmão responde “Eu tive um choque, no começo. Ele até sofreu com isso, porque, quando a gente brigava, eu falava ‘Seu viadinho’, ‘seu bichinha’, porque eu tinha preconceito mesmo. Mas, quando a gente vai ficando mais velho, né, a gente vai vendo o mundo, como ele é, ai eu comecei a respeitar e hoje em dia, eu tenho muito orgulho, esta última frase é é destacada e aparece na tela, já a irmã conta “Para mim, foi mais fácil, porque ele pegava as minhas coisas”. (diz rindo), Rita quer saber como isso acontecia pois Monique diz que precisava de roupas

e a irmã continua “Quando eu percebi que ele pegava as minhas coisas, ai ele veio e me contou”, Monique conta “Ela sempre foi minha confidente, assim, em tudo. É minha irmã, é minha cúmplice além de tudo, a minha irmã...a gente tem uma parceria absoluta, então, ela foi logo a primeira a saber, até porque eu precisava de alguém para me ajudar” e Rita compreende “Claro, dentro de casa, tinha que ter um apoio”. A mãe explica como Monique fazia “Ele saia daqui vestido de menino e daí ele tinha uma amiga e ele ia para a casa dela e lá ele se arrumava e de lá ele saia. Aí teve um jornalzinho, da faculdade, eu acho o jornal e olho, e daí eu olho de novo e daí eu vejo que era ele”. Rita pergunta “Tem quanto tempo isso? Ele já estava na faculdade?” e Monique explica “Assim, eu comecei a frequentar o meio gay com dezoito, com dezenove eu comecei a minha carreira como drag queen. Eu mantinha as duas identidades, era o Marcelo de dia e a Monique a noite. Quando eu percebi que não dava mais, porque assim, para a Monique estar bonita, o Marcelo não podia estar, eu tive que raspar minha sobrancelha, descolorir cabelo, então como é que você andava de dia na rua, não dava. Então eu falei ‘não, não dá, eu não me sinto bem, eu me incomodo estando na figura masculina, minha identidade é feminina”, sendo que a frase “minha identidade é feminina” é destacada e é reproduzida na tela.

Rita inicia sua matéria falando um termo que não é amplamente utilizado na sociedade mas que deve ser difundido “identidade de gênero”, a identidade de gênero é a forma como a pessoa se percebe, como ela se sente, apresentar corretamente este termo, pode colaborar para que o público conheça a expressão correta para falar sobre transexuais. Muitas pessoas não entendem que a identidade de gênero não é equivalente a orientação sexual, logo travestis e transexuais não são, necessariamente, gays, eles podem ser como podem não ser. Apesar de não explicar exatamente o que é a identidade de gênero, a utilização da expressão já ajuda em sua disseminação na formação da cultura. No entanto, ela comete uma estereotipação ‘às avessas’, ela fala do salto alto de Monique com certo espanto, sua expressão passa a impressão de que achava que ela não usaria salto alto. Ao falar que “Marcelo” resolveu se adequar a sua identidade de gênero, a repórter Monique mostra

Uma das situações que ocorre nesse trecho, já se tornou algo comum, o interesse em saber da infância e adolescência de travestis e transexuais, passando a impressão de que, é na fase da infância que as pessoas se “tornariam” transexuais, parecendo que há um fator que faz com que a pessoa se identifique com o outro gênero. Fotos da infância e adolescência sempre estão presentes quando se fala com algum transexual ou travesti.

Neste trecho, por conseguinte, vemos uma super proteção dos pais, algo que nem sempre está presente nas famílias de transexuais, mas, a mãe confunde a transexualidade da filha com a homossexualidade, lidando não com a identidade de gênero de sua filha mas a tratando como se sua orientação sexual fosse homossexual, o que não fica esclarecido se ela ainda vê a filha como homossexual ou se ela entende que a filha é transexual. O programa busca mostrar que na mesma família houveram aqueles que aceitaram e aqueles que tiveram um preconceito inicial quanto a identidade de gênero de Monique, como seu irmão, que demorou mais para entender ‘o mundo’, mostrando que a convivência e o entendimento podem, sim, ocorrer. O momento da transição, de quando ela assumiu sua identidade também está presente, mostrando que sempre há uma forma da família saber sobre sua condição, mesmo que se esconda.

A rotina de Kaká

De volta ao salão de Kaká, Mariana diz “Eu quero entender qual foi a tua necessidade depois da descoberta de que tu era gay. Ter que se vestir como o sexo oposto”, Kaká responde “Eu achava lindo, até hoje acho, eu acho a referência feminina, a mulher, eu acho um escândalo. Cresci vendo situações muito constrangedoras, então eu acho perfeita, a mulher é uma coisa assim, perfeita.”

Mariana pergunta “que situações constrangedoras?” e Kaká conta “De ver meu pai agredindo minha mãe, de ver ele chegar alcoolizado e a gente assistir aquilo e não poder fazer nada, enquanto pequeno”, Mariana continua “Quantos anos?”, Kaká responde que entre sete e dez anos, Mariana busca saber mais “Tu acha que ele se sentia mais macho, por isso?” e Kaká comenta “Ele era muito macho, meu pai era muito macho. Meu pai é um tipo de pessoa, assim, que olhou feio pra ele, ele já fica bravo ‘o que que é?’, resolve na ignorância mesmo. Já foi de puxar pexeira, coisas parecidas...”, Mariana comenta “Aquela imagem que a gente tem mesmo do nordestino cabra macho?”, Kaká confirma e Mariana pergunta se eles vão poder ir até a casa dela, se é tranquilo e se o pai dela vai recebe-los direitinho e Kaká, afirma. Mariana e Kaká seguem para a aula de dança de Kaká, Mariana pergunta para Kaká “Agora me conta, tu gostaria de ter alguém do teu lado? Um namorado, alguém para dividir a vida, pensar no futuro, encontrar um príncipe encantado” e Kaká responde, “muito, mas ainda não chegou, não sei quando vai chegar”.

Enquanto Mariana e Kaká conversam pela rua, um ônibus passa e o motorista grita “Bicha”, Mariana olha para trás e diz para a câmera “está chamando de bicha” e Kaká ri,

e Mariana continua “O motorista do ônibus, gente, chamou ela de bicha agora, vai entender né”, Kaká diz “é...” e faz sinal com a mão como se falasse “fazer o que”.

Mariana e Kaká chegam na academia e Mariana pergunta “Aqui é meio um ambiente masculino, não é?” e Kaká responde “muito” e Mariana continua “E como é aqui a relação com os colegas?” e Kaká conta “Graças a Deus, tudo de bom. Já teve reclamação quando eu ia no vestiário mas isso lá no comecinho. Não sei se a pessoa saiu, não sei o que aconteceu, que depois me liberaram o vestiário feminino também para estar usando, tomando banho e tal”, Mariana pergunta “Tu sente que te olham?” e Kaká responde “Claro, trocando a roupa e olhando de lado, mas eu sei, entro em uma brincadeira, a gente já conversa, tal e ai a gente já tira de letra”. Elas entram na academia e Mariana acompanha Kaká em sua aula de dança e narra “a gente já conheceu a Kaká cabeleireira, aqui é sua segunda profissão, que foi realmente, muito importante nas descobertas da vida dela e daqui a gente segue para a casa dos pais, estou curiosa para conhecer esse pai pernambucano”. Quando a aula acaba, elas se despedem da turma, Mariana parece tensa e diz “Vamos?” e Kaká brinca “Suando, caindo tudo aqui, a gente vai parar ali para retocar, por favor” e Mariana diz “porque tem que estar sempre belíssima né” e Kaká comenta “Sempre, menina, mas você vê o que é ser preparada, ó, faz as gotículas mas não sai tudo, não pode, tá louca” e Mariana diz para a câmera “Isso é truque de travesti, gente” e Kaká fala “Truques, sabe quantas coisas eu uso né, é primer, pancake, e vai tudo e no final pó compacto” e Mariana fala “e fica assim, belíssima”.

Em nenhum momento anterior, Kaká diz que era gay, o programa é sobre travestis, logo, entende-se que Kaká é uma travesti, a própria repórter faz referência ao “se vestir como o sexo oposto”, o que não significa que ela seja homossexual, mas que se identifique com o gênero feminino. Mariana pode estar cometendo um equívoco muito comum na cultura em que vivemos, confundir orientação sexual com identidade de gênero, popularmente, uma grande parcela da sociedade não consegue compreender a diferença entre as duas condições e que uma não depende da outra. A identidade de gênero está ligada a forma como ela se sente, como ela se identifica, sua construção enquanto pessoa. Já a orientação sexual diz respeito ao desejo do indivíduo, sua atração sexual e afetiva. O programa tenta mostrar que travestis sofrem preconceito em dois momentos: quando estão andando na rua e um motorista de ônibus grita “bicha” para Kaká, no entanto, fica parecendo que as travestis são passivas diante da situação, pois Kaká não responde nada, apenas segue seu caminho, e Mariana também não faz nada, podendo passar a impressão

de que é algo que acontece e que não há o que fazer. E quando estão na academia, Mariana busca saber sobre o preconceito e a polêmica sobre o uso do banheiro pelas travestis, no entanto, Kaká não fala sobre preconceito, ela fala apenas da parte em que fica tudo bem, então não se entra nessa questão do uso dos banheiros, algo que é constante alvo de polêmicas na sociedade.

Paula Beatriz

Agora Thaíde está na “E.E. Santa Rosa de Lima”, as imagens mostram ele e uma mulher parados, depois entram no pátio da escola e “a diretora de escola”, como é intitulada sua parte, Paula Beatriz diz “Boa tarde. Vamos, fazer a posição, olhando para frente” inicia sua parte contando “E todos eles obedecem, olha só, dá uma olhada”. Agora na sala da diretora, Thaíde pergunta qual o nome da diretora e ela diz “É Paulo Donizete”, ele continua “Como você se define?”, ela responde “Eu me defino como Paula Beatriz, cidadã, ser humano, diretora de escola, uma professora e uma transexual”. Thaíde continua “tem algum momento em que o Paulo Donizete, ele entra em cena ou ele está aposentado realmente?”, Paula responde “Não, já, há muito tempo. Aliás, eu acho que ele nunca, só mesmo no nome”.

Ao ouvir as crianças brincando no pátio, Thaíde pergunta para Paula “Como você lida com a curiosidade dessa molecada?”, ela responde “Eles não tem, para eles é natural, é a diretora Paula Beatriz”. Eles vão até uma sala de aula e Thaíde pergunta para as crianças “Quero perguntar para vocês se a diretora é gente boa, ela é legal, como que ela é?”, uma das crianças responde “As vezes é brava, quando a gente faz coisa de errado”, “e quando não faz”, Thaíde pergunta “Aí ela fica do mesmo jeito que ela está agora”, todos riem da sinceridade do menino. Thaíde continua “Vocês gostam dela?” e todos respondem “Sim!”.

Thaíde e Paula agora conversam com a professora, Thaíde pergunta “Você conhece ela antes ou depois da transformação?”, ela responde “Antes, já fiz cursos com ela”. Ele continua “como foi para você, trabalhar, acho que posso perguntar, trabalhar com o Paulo e depois conhecer a Paula?”, a professora responde “Agora, ela está muito mais realizada como a Paula. Assim, mais descontraída, mais à vontade” e Paula responde sorrindo “exatamente, bem mais realizada”. De volta a sala da diretora, Thaíde comenta “Você é bem sucedida profissionalmente, mas tem muitos outros casos por aí, com essa identidade de gênero que não podem exercer a função que desejam”, e Paula diz “É difícil

sim, no momento, que a família já o exclui, então já abre ali portas para todos os demais o excluïrem”.

Paula e Thaïde estão agora na casa de Paula, conversando com sua família, Paula apresenta seu companheiro Natanael. Thaïde pergunta para a mãe de Paula “Como a senhora percebeu a sexualidade do Paulo e como foi essa novidade?”, a mãe de Paula responde “Foi quando ele era pequeno, eles eram todos pequenos né, eu percebi, mas não falei para ninguém”, Thaïde continua “E como a senhora percebeu? O que ele estava fazendo”, ela responde “Eu percebi porque ele gostava de botar saïote”, a mãe ri olhando para Paula, que também ri. Thaïde pergunta sobre quando os irmãos começaram a perceber e a mãe conta “Só o mais velho que tinha um negocinho de chamar daquele nome feio, sabe” e Thaïde pergunta “Qual nome feio?”, mas a mãe prefere não falar diz apenas que todo mundo sabe e que começa com B, Thaïde faz uma piada dizendo que é “beleza” e todos riem. Agora estão vendo fotos de Paula quando criança, quando ainda não tinha assumido sua identidade de gênero e Paula diz “Mas percebe, olha a pose”, e Thaïde concorda mas fala “Mas o rosto mudou um pouquinho, por causa dos hormônios?”, Paula responde “Sim, do hormônio e também porque eu fiz a rinoplastia”, a câmera mostra mais fotos e Thaïde descreve “Ai a gente vê, realmente, a diferença, porque o queixo é mais largo, não é?” e a irmã de Paula confirma. Na foto mostrada, Paula está de terno e gravata e ela conta “Ali eu não queria estar daquele jeito, queria estar com um vestido bem longo”, Thaïde responde “É, imagino né” e ela continua “Entendeu, no salto...”. Várias fotos de Paula se vestindo de acordo com o gênero que lhe foi designado ao nascer aparecem para fechar o bloco.

Thaïde começa o trecho mostrando como as crianças obedecem a diretora da escola, no entanto, fica a dúvida se seu espanto é por ela ser uma transexual e ser respeitada, ou se é por ela ser respeitada por ser a diretora. Como, normalmente, as crianças tendem a respeitar as diretoras, fica a impressão de que ele está espantado por elas respeitarem uma diretora que é transexual. Já quando conversam sozinhos, voltamos à questão da importância que se vê em saber qual o nome civil dos indivíduos que não se identificam com estes, como se o nome fosse, também, um determinante da questão identitária, quando, na verdade, ele foi escolhido quando a pessoa ainda nem sabia qual seria a sua identidade de gênero. Ao perguntar como ela se define, ele parece buscar mostrar sua real identidade, mas ele volta à questão sobre o Paulo Donizete estar escondido em algum lugar dentro dela, como se ser transexual é se dividir entre seu

gênero biológico e sua identidade de gênero, parecendo que em alguns momentos a pessoa age de acordo com seu genital e em outros de acordo com sua identificação. Podemos perceber que a questão cultural afeta mais os adultos do que as crianças, quando Thaíde pergunta sobre a curiosidade das crianças e ela responde que elas não têm curiosidade. Neste momento, é possível perceber que a construção de preconceitos e formas culturais errôneas, parte muito mais dos adultos do que das crianças, as crianças não querem saber se os genitais da diretora correspondem a forma social que lhe foi designada, elas a veem como a diretora, que “é legal” mas as vezes “é brava”, os demais detalhes de sua vida, de suas experimentações e identificações não importam para que ela seja respeitada, mesmo que Thaíde tenha tentado saber outros detalhes ao ir na sala perguntar para as crianças sobre a diretora. Mesmo assim, o repórter busca saber do ‘antes’ da diretora. Como, se quando ela agia de acordo com o socialmente designado para Paulo, sua identidade não fosse de Paula, mesmo que estivesse se retraindo. Mesmo com Thaíde falando, inicialmente da identidade de gênero, na casa de Paula, ele fala sobre sua sexualidade, tratando-a como homossexual e não como transexual. Percebe-se que a mãe tentou esconder o fato, talvez, em uma busca de negá-lo, quando percebeu que Paula demonstrava identificação com o gênero feminino ao gostar de usar saias.

A família de Kaká

Mariana e Kaká chegam na casa de Kaká, Mariana pergunta se Kaká está nervosa e ela responde “Nossa, muito, agora que o bicho pega né”. Já na casa de Kaká, Mariana cumprimenta o pai de Kaká, Seu Zito, sua família e se senta com eles para conversar. Mariana inicia “E ai seu Zito, o senhor tem mais duas, três filhas”, ele diz que tem duas e Mariana continua “Como que foi quando o senhor soube que teria um filho homem?”, ele responde “É uma alegria, um rapaizinho, fiquei muito alegre né, ela quase morre também”, Mariana pergunta se o parto foi difícil e ele responde “Foi difícil, ele era um ‘tolete’ de moleque, assim ó, Gonzagão sabe, estrondoso”, Mariana diz “Esse era o Carlos?”, ele confirma e Kaká brinca com Mariana fazendo sinal com a mãe embaixo do queixo. Mariana continua “E aí, Seu Zito, o senhor imaginou que esse menino, Carlos Eduardo, ia ser seu parceiro, cuidar da boiada, cuidar dos bichos...” e Seu Zito responde “Aí ele foi diferente né”. Mariana pergunta “Quando que o senhor percebeu essa diferença?” e Seu Zito responde “Só no dia que meu sobrinho que morava ali no fundo, ele falou assim ‘eu quero conversar com você, tio, que Carlos Eduardo, é, assim, como se fala, rapaz, como é que fala?’”, e Mariana pergunta “como é que o senhor fala? Que

ele é o que?” e ele responde “É gay, né?” e Mariana diz “é gay” e ele sorri, e Seu Zito continua “E eu falei: você pode ir embora” e Mariana diz “Ir embora? Pra onde?” e ele responde “ir embora. Aí meu sobrinho me chamou, falou ‘não, não é assim, vamos acalmar. É melhor ele ser assim, do que você ter de vez em quando na sua porta uma viatura, polícia na sua porta”, Mariana continua “Mas aí o senhor comparou, o senhor pensava que era melhor ele ser gay do que ser ladrão?” e ele diz “Isso, exatamente”. Mariana prossegue “O senhor, vê o teu filho hoje como uma filha ou como um filho?”, Seu Zito fala “É como um filho”, e Mariana diz “Filho? Mesmo com esse cabelo, essa maquiagem” e ele afirma. A mãe de Kaká diz que o marido ainda não se conformou. Mariana continua “O senhor, ainda, hoje em dia, gostaria que a Kaká chegasse aqui e falasse ‘pai, eu larguei tudo isso e voltei a ser o Carlos Eduardo’ do coração do senhor” e ele, após um período de silêncio diz, “Era bom, não era?”, Mariana diz que não sabe, Seu Zito ri e diz “era, mas não vai não”, ao fundo, é possível ouvir a mãe de Kaká dizendo “mas acho tão difícil”.

Kaká e Mariana agora conversam no salão e ela diz “ele foi digerindo aquilo com o tempo, dos dezesseis, que eu me assumi, foi aquela coisa meio assim, qualquer coisinha era motivo de eu levar um tapa na cara, puxão de cabelo. Ele esperava que todo momento eu reagisse mas é o meu pai então, eu jamais iria reagir”, Mariana pergunta se Kaká já chegou a apanhar de machucar e Kaká responde “Já” Kaká se emociona e diz que é difícil mas continua “Eles matavam boi, e eles faziam cipó com o couro do pênis do boi, isso é muito natural, fazer no nordeste. Apanhar com isso, eu não desejo para o meu pior inimigo, abre a pele. E eu levei uma surra com isso, que eu nunca esqueci na minha vida”.

Mariana pergunta a Seu Zito “O senhor se arrepende de alguma coisa, Seu Zito?”, ele responde “às vezes, viu” quando Mariana pergunta do que, ele diz que foi quando deu uma surra nele e Mariana quer saber o motivo que o fez bater em sua filha, ele fica quieto, muda sua expressão, Mariana pressiona mas ela mesma responde “Porque o senhor tinha bebido?” quando ela afirma, ela continua “tinha e o senhor achou o que? Que bater ia resolver alguma coisa?”, ele diz que não adiantou nada e quando Mariana pergunta se ele se arrepende disso hoje, ele diz que sim.

Na parte inicial deste trecho, na casa de Kaká, podemos perceber que diversos traços da cultura machista que vivemos, está presente na vida da família. Mariana, comete um deslize ao falar sobre ter um filho homem, pois Kaká não nasceu homem, ela apenas nasceu com o genital masculino, mas ela sempre se identificou com os traços socialmente designados para o gênero feminino. Já nos momentos que vemos o pai de Kaká falando,

percebemos que a própria família é tomada pelas normas da sociedade, como o conceito de que o filho deve seguir os passos do pai, ou então, a confusão do pai de que gays se vestem como sendo do gênero feminino. Percebemos, também a comparação, extremamente preconceituosa, de que ter um filho transexual é melhor do que ter a polícia em sua porta, parecendo que a identificação de gênero, a forma como uma pessoa se sente e se percebe, fosse algo tão grave como o filho ser preso pela polícia. Tais formas culturais de lidar com os gêneros e a transexualidade são traços que vemos muitas vezes dentro de sociedade e que deveria ser abolido, pois não há nada de errado em ser e agir de acordo com a forma com a qual se identifica. O programa mostra tais falas, mas tenta redimir o pai de seu machismo quando ele diz se arrepender de ter batido na filha, mesmo que ele afirme que preferia que ela ‘voltasse a ser o Carlos Eduardo’ e mesmo com Kaká achando que ele foi digerindo sua condição desde quando se assumiu até hoje, mas, mesmo assim, ele preferiria que ela não fosse Kaká, o que pode parecer dúbio e tirar a culpa do pai por bater em sua filha.

A família e os amigos de Monique

Na casa de Monique, a repórter pergunta para seu pai como ele se sentiu quando viu a filha dele de Monique, ele responde “Costumo chamar de Marcelo mesmo né, então eu falei para ela (a mãe de Monique) ‘fala para ele que não precisa esconder, se tem alguma coisa para conversar, a gente conversa’”, enquanto isso a mãe de Monique começa a chorar e conta “Você sabe que quem aceitou primeiro, foi ele. Eu fui mais resistente um pouquinho, eu tinha muito medo, muito receio...dos outros. Também muito pela integridade física dele”, Rita pergunta “A senhora...é ele, ele, ele, ele, o tempo todo, ele, ele, Marcelo, ele”, a mãe diz “Não é que eu não quero, eu não consigo chamar de Monique, entendeu. Mas quando a gente sai, ele fala assim ‘mãe, pelo amor de Deus, não me chame de Marcelo ou então quando tinha algum namoradinho dele que ligava e eu falava assim ‘Marcelo’ Telefone’”, ‘Mãe, pelo amor de Deus’”, Monique diz que tinha que se esconder, aos serem perguntados, o irmão diz que se acostumou com Marcelo e a irmã diz que quando eles saem, ela tenta chamar a irmã de Mo ou Má, mas que quando estão em casa chama de Marcelo e Monique conta que apenas a família pode chamá-la pelo nome civil. Rita vai com Monique para o salão para ela se arrumar, para irem para a balada, enquanto Monique se arruma, Rita pergunta para um rapaz chamado Ítalo, que está acompanhando o processo, há quanto tempo eles se conhecem e ele diz que fazem dez anos e ela brinca “Gente, vocês já aprontaram eim” e ele brinca “pouco...” e a

cabeleireira que está junto diz “Já, bastante” e todos riem. No salão de Ítalo, Rita pergunta “E lá atrás quando Marcelo falou que Monique estava nascendo, o que você disse?”, ele responde “A gente fica um pouco chocado né, a gente não espera isso assim. Mas aí a gente começa a pensar em muitas coisas, tipo assim, como que vai ser, o que as pessoas vão pensar. A gente fica preocupado com isso, mas ela sempre teve uma cabeça muito firme né, tipo assim, ‘não, vou, vou e vou’. Só teve uma época que ela deu uma tropeçada”, Rita quer saber como é que foi e Monique conta “Tive, eu tive um relacionamento com um rapaz e ele disse assim ‘se você quiser ficar comigo, você tem que voltar a ser o Marcelo’, e eu anulei a identidade feminina, eu já tinha cabelo comprido, vim aqui e falei ‘Ítalo, corta””, Rita pergunta se Ítalo cortou e ele responde que sim, mas que perguntou se ela tinha certeza, Rita continua querendo saber sobre o restante e Monique continua “Eu parei de tomar hormônio, voltei a me vestir como homem e levei um fora. Deu alguns meses, terminou o relacionamento e daí foi aí que eu percebi que se alguém quiser ficar comigo, vai ter que me aceitar do jeito que eu sou, eu não posso me adequar por alguém. Se alguém gostar de verdade vai gostar da forma que eu sou (Essa frase foi destacada na tela). Então, isso foi também um grande aprendizado”. Monique fica pronta e elas seguem para a balada.

Aqui, novamente, temos a questão da aceitação familiar, mas, ao contrário do pai de Kaká, que foi criado em uma cultura machista e prefere que a filha seja ‘homem’, o pai de Monique buscou compreender, conversar sobre as questões que a filha tinha ao invés de colocá-la para fora de casa como o pai de Kaká tentou fazer. A família preferiu protegê-la e acolhê-la, assim, Monique transparecesse que só os deixa chamar por seu nome por saber que é uma dificuldade menor deles, por isso, só eles podem chamá-la assim, os demais não. Podemos perceber que a família é uma questão muito importante nessa fase de transições e de assumir sua identidade, temos uma oposição familiar neste programa, em que a família de Kaká não parece aceitá-la de verdade, eles parecem apenas conviver com sua condição. Já a família de Monique demonstra amor por ela, tem medo que algo aconteça, que ela pudesse sofrer preconceito físico, então tentam guardá-la. Os amigos também buscaram protegê-la, mas podemos perceber que sempre respeitando muito suas decisões, mesmo quando ela entrou em um relacionamento abusivo, em que o namorado não a aceitava como Monique, a queria como homossexual, não como transexual, ignorando sua identidade, algo que acontece muitas vezes, em todos os tipos de relacionamento. Podemos perceber que, talvez, os próprios indivíduos homossexuais

possam ter algum tipo de preconceito com quem não se identifica com seu gênero designado no nascimento. Nesse caso, o namorado de Monique não aceitava sua identidade de gênero, queria que ela se identificasse como homossexual, que é uma orientação sexual. No entanto, o assunto não foi aprofundado para que pudéssemos ter uma confirmação do fato.

Preconceito nas ruas contra Kaká

De volta à casa de Kaká, Mariana pergunta como é morar no bairro, a relação com a vizinhança e Kaká responde “Hoje em dia, Graças a Deus, tranquilo”, Mariana pergunta se sempre foi fácil e ela continua “Então, não, né. Eu passava na rua, me xingavam, mandavam eu virar homem, ‘Se eu tivesse um filho assim, eu matava’. Mariana pergunta se ela já apanhou na rua, ela afirma e o pai diz “A gente ia correr atrás, né. Perguntar ‘por que que é’”, Mariana pergunta se ele ia tirar satisfação e, ao afirmar, ele conta “Às vezes eu ia, não era com pexeira não, era com bicho dentro do bolso”, Mariana pergunta qual bicho e ele continua “Um bichinho assim (fazendo sinal de gatilho com os dedos)” e Mariana se assusta “Ah, um revólver, uma arma?”, ele confirma e diz “Se era para bater nele, vinha bater em mim...nós resolvíamos o problema. Se nasceu assim, então o problema é dele, ninguém tem que se meter na vida dele. Assim como pode ser ele, pode ser o filho dele, pode ser com qualquer um”, a última frase é destacada na tela. Agora, Mariana vai com Kaká e seu Zito ao centro de Mauá para darem uma volta, para ver a reação do pessoal, se o “Seu Zito vai manter a calma” e ele diz que tudo depende. Conforme eles vão andando, as pessoas vão reparando, em sua maioria, são homens que encaram. Kaká está andando, um rapaz passa ao seu lado e diz “Nossa senhora eim” e Mariana diz “Opa, passou mal?”, Mariana vira para Kaká e diz “Olha a cara de safada, assim que tu gosta, né boba!”, Kaká ri para a câmera e diz “isso acontece, fazer o que?”, Mariana pergunta a Seu Zito, o que ele sente e ele apenas diz “fazer o que, né?”. Agora, a câmera filma Kaká de longe para ver se os homens a olham e mexem com ela, um homem fala com Kaká e a acompanha, Mariana pergunta o que ele falou para ela e Kaká responde “Vamos fazer um sexo, olha o tamanho do meu p*** e eu falei ‘gato, vai embora, beijo, tchau, vai embora, não rola, tá louco’. Eles rotulam ‘ah é um travesti, vamos lá porque vai ter sexo, se ela não for transar, ela vai fazer alguma coisa, ela vai nos satisfazer de alguma forma’.

Neste momento, vemos que a sociedade não tem problemas em reafirmar os padrões estabelecidos durante anos e ofendem os indivíduos sem hesitar, julgando-os e disseminando ódio para aqueles considerados diferentes, como Kaká demonstra ao contar as ofensas que já sofreu por vizinhos. Podemos perceber, também, que, por mais que o pai tenha dificuldade em aceitar Kaká e, mesmo que a visse como filho, ele buscava protegê-la daqueles que a agrediam. Ao andarem no centro, vemos que a construção cultural que temos do machismo, é realmente verdadeira e muito presente. Kaká é olhada e abordada por homens, e vemos que a cultura de que cantadas são ‘normais’ também está presente pois, segundo Mariana, Kaká gosta e a própria diz que não há o que fazer. Vemos também, que a ideia socialmente disseminada de que travestis são garotas de programa continua existindo e sendo perpetuada na sociedade. E, tendo essa ideia as pessoas pensam que podem fazer propostas abertamente às mulheres nas ruas, abordando-as de maneira grosseira e sem exitar.

A diretora Paula Beatriz

Thaíde está em frente à escola em que Paula Beatriz é diretora para falar com algumas mães e pais sobre ela. Uma das mães havia acabado de conhecer a diretora e diz “Acabei de conhecer a diretora, um prazer, um prazer de pessoa, excelente, não tenho do que reclamar”, Thaíde pergunta “você sabia que essa pessoa adorável, é transexual?” e a mãe continua “Sim, ela tem sangue, ela corre veia, mesma coisa do que a gente, não tenho preconceito nenhum”. Outra mãe diz “independente de ela ser ou não, o que importa é a educação, o que está sendo administrado na escola. Isso é bom para ele (seu filho) poder respeitar, entendeu, as pessoas como elas são”, esta última frase foi destacada na tela. Outra mãe diz “Se ela tem capacidade para ela estar onde está, independente do sexo, não tem problema nenhum para mim”, já ao conversar com um pai, este se mostra incomodado com a identidade de gênero da diretora “Eu não sabia disso (que a diretora é transexual)”, quando Thaíde pergunta sua opinião, ele responde “Eu não acho certo, eu não acho certo porque, se Deus criou o homem e a mulher, não é para mulher casar com mulher, nem para homem casar com homem”, Thaíde continua “Agora que você sabe do que se trata, você vai deixar seu filho estudando aqui, numa boa?”, e ele responde “Eu acho assim, que não é ela diretamente que os educam, que dá aula para eles, sim os profissionais os quais trabalham com eles, que são os professores, embora nós pais, quem é pai, quem é mãe, tem que ficar muito atento principalmente após isso”, Thaíde fala “você havia dito que gostava muito da escola, continua com essa opinião?” e o pai

responde “Eu mudei um pouco, a partir daí, eu mudei um pouco. Nada contra, mas eu mudei um pouco” A última frase é destacada na tela. Thaíde repete rindo “nada contra, mas eu mudo minha opinião” e o pai rindo diz “Mudei um pouquinho”. Agora Thaíde está sozinho conversando com a câmera e fala “Ou seja, a profissional, infelizmente, está na quinta categoria, nessa posição, é triste, é triste, porque até agora a escola era boa”. Agora Thaíde conversa com a diretora que diz “Na escola, ela é laica, principalmente a pública e ela agrega todas as diferenças sejam elas, de religião, de deficiência, sexualidade, todos estão aqui e todos têm que conviver e estar bem com o outro e respeitar o outro”, a última frase é destacada na tela.

Neste trecho podemos ver claramente como a identidade de gênero pode ou não ser considerada importante para algumas pessoas. As mães não se importam que Paula seja transexual, elas percebem os valores de sua pessoa, a forma como ela trata as crianças, como ela administra a escola e como sua condição pode mostrar para as crianças que o a biologia não define caráter, nem faz da pessoa melhor ou pior que ninguém, que todos merecem ser respeitados independente de qualquer coisa. Mas, infelizmente, ainda existem aqueles que consideram as marcas culturais e religiosas disseminadas ao longo do tempo e das gerações como sendo verdades absolutas. O pai deixa claro que acha errado a escola ter uma diretora transexual, que ela não deve estar em contato direto na educação de seu filho e que os pais devem ficar atentos ao que acontece, como se a transexualidade de um indivíduo fosse algo que se ensina a ser, não algo pessoal de cada um. O pai também reduz o que é homem e o que mulher ao que está sendo dito na Bíblia, como se a interpretação do livro bíblico que é disseminada na sociedade fosse única e o que não está ali é errado, o pai vê a instituição familiar como sendo algo fixo, algo que só existe de uma forma única. A frase “nada contra, mas” é muito utilizada atualmente na tentativa de amenizar um preconceito, o que não funciona, pois se você não tem preconceito não há o que acrescentar, você acredita naquilo e pronto.

Monique

Monique e Rita estão chegando na balada, Monique está procurando um óleo para passar nas pernas antes do show e Rita diz que empresta o dela e brinca “Eu não sou Rita Top mas também tenho meus segredos, né”, Rita ajuda Monique com o óleo e Monique brinca “Ainda bem que ela é casada”, elas riem e Rita responde “Mas também não ia

interessar muito né!”. Elas vão para o palco, Monique é como se fosse uma mestre de cerimônias, apresentando os shows e atrações da balada.

No dia seguinte, Rita conversa com Monique em sua casa, Rita quer saber se Monique pensa em fazer cirurgia plástica, colocar prótese, por silicone, dar uma “arredondada no quadril”, e Monique responde “Eu não coloquei silicone nos seios porque eu gosto muito dos meus seios naturais, eles são lindos”, Rita pergunta “Você tem pênis?” e Monique responde “Aí eu não sei” e Rita vira para a mãe de Monique e diz “Dona Magali!”, e Monique continua “É o seguinte, olha minhas fotos no facebook, você vai me ver lá de biquini...não precisa saber, são coisas que...”, a mãe de Monique fala “Ué, tem que falar a verdade” e Monique responde “Não tem que falar nada, tem que deixar uma incógnita aí”, após a mãe insistir, Monique responde “não, eu não sou operada” e Rita conclui “Não é, então você tem pênis” e Monique conta “Tenho...Não, não considero isso como tal” e quando Rita pergunta o que ela considera ela responde “Um aparelho genital, acho essa palavra muito forte. Porque eu acho que essa palavra...”, a jornalista tenta ajudar dizendo “Que o pênis vem com tudo da masculinidade!”, e Monique concorda “Exatamente! Vem com a questão do falo, e Freud explica”

O corpo de Kaká

De volta ao salão de Kaká, Mariana pergunta “Você nunca pensou em cortar fora?” e Kaká responde “Jamais, conheço várias que fizeram, tenho amigas em comum que fizeram, mas eu não faria até porque espiritualmente, eu acho, que eu não ia me sentir legal. Porque eu acho que nós temos missões, e a minha foi vir assim, realmente. Então, se eu tivesse que ter vindo com uma vagina, eu não teria nascido ‘trava’”, Mariana quer saber “Mas tu nasceu sem peito...” e Kaká continua “Sou hormonizada, nasci menininho mesmo. Ainda não pus nada, esse ano sai alguma coisa, só hormoniozinho mesmo”, Kaká mostra o que tem dentro de sua blusa para Mariana.

Nestes dois trechos, vemos que a questão da mudança corporal, das operações, está constantemente ligada às travestis e transexuais, como se sua identidade de gênero fosse diretamente relacionada a forma como o corpo é. Percebe-se que Monique prefere não falar sobre o órgão genital masculino mesmo sua própria mãe acha que ela não deveria esconder sua condição. Para ela o pênis está muito ligado com a questão do falo ser um símbolo masculino, uma forma cultural disseminada nas sociedades. Já Kaká, se sente bem com o seu corpo, para ela sua missão é ser dessa forma e assim se aceita e, nem

por isso, deixa de se sentir uma mulher, mostrando que os genitais não determinam quem a pessoa é.

A família de Paula

Na casa de Paula, Thaíde pergunta para sua mãe como foi falar com a família que o “Paulo ia se tornar Paula”, ela responde “Não foi nem falar, já foi se mostrando. Quando arrumou o cabelo, todo mundo desconfiou, crescendo cabelo ‘que negócio é esse?’”, um rapaz conta que a preocupação maior da mãe foi quando Paula disse que ia colocar o silicone e a mãe responde “Passei muito mal, porque, Nossa Senhora, parecia que estava sentada na cadeira de uma UTI. Porque eu achava que não precisava, sabe, botar peito ai eu falei ‘minha Nossa Senhora’, eu passei muito mal, eu fiquei muito abalada. Depois quando eu vi ele ai sofrendo...”.

Agora Thaíde fala com Paula “Como foi para você apresentar o primeiro namorado para a família?”, Paula conta que foi Natanael o primeiro namorado que ela apresentou, primeiro ela apresentou para sua mãe, a câmera foca em sua mãe que faz uma expressão e depois sorri e Paula diz “ela teve uma reação assim que, não sei se foi de alegria, o que foi, mas ela ficou emocionada e correu pro quarto. Eu não entendi até hoje o que foi aquela...entendeu?”, Thaíde pergunta para a mãe o que aconteceu e ela responde “É que eu não estava esperando, acabei falando ‘Nossa, Aí meu Deus’, tudo a minha preocupação, é só pensando no que os outros vão falar, vão fazer, entendeu? Porque eu sou mãe, eu não vou ser contra ele”. Thaíde agora quer saber de Natanael como é para ele, diante de tanto preconceito, ser companheiro da Paula Beatriz e ele responde “É normal, né, apesar que eu já fui casado, tenho filhos. Depois fui casado com um parceiro, homossexual, não deu certo e conheci ela, faz uns dois anos que a gente está junto. Ela me fez enxergar uma realidade que eu não tinha antes, que é o amor. Ainda vai sair um casamento aqui.”, a mãe dela faz que não com a mãe e diz “Não vai ter casamento, não. Um homem com mulher se deixa, dois homens...não, deixa assim mesmo”.

Vida sentimental de Kaká

Mariana está na casa de Kaká e pergunta “Como seria se a Kaká decidisse trazer um namorado para cá?”, o pai diz que é um caso de pensar mas que nunca pensou nisso, mas que acha que seria demais ver a filha em um relacionamento. A mãe diz que tem certeza que a filha não teria coragem de levar alguém para casa.

Vida sentimental de Monique

Na casa de Monique, a mãe fala que a filha causava quando saía de mãos dadas com os namorados mas ela acha que se a pessoa assumiu, ela tem que viver da forma assumida e que não gostava quando alguns namorados queriam manter as coisas escondidas. Monique conta que “80% dos homens que procuram relacionamento com uma travesti, uma transexual, querem sexo casual, com sigilo absoluto, ou seja, apenas um programa sendo pago ou não, você é feita como uma prostituta”, os outros 20%, 10% são michês que querem ser sustentados, e os 10% restantes você tem que gostar, ter química, então fica muito complicado arrumar um namorado. Rita fala para Monique “Monique, a gente percebe a bolha de amor onde você está inserida, mas a gente sabe que a vida não é desse jeito né, quando você sai por essa porta, desce a escada e vai. Como é que você se sente nisso? Esses que são os mundos pra mim”, e Monique responde “Se hoje, eu sou uma pessoa respeitada, e essa palavra é muito importante, é porque eu me fiz dar ao respeito e eu me fiz dar ao respeito e eu aprendi o que era isso dentro de uma família, então a família é uma base é importante que os pais, você que tem um filho gay, você que tem um filho que sofre qualquer outro tipo de...faz outra escolha de vida, diferente do que acham que é o correto, porque o correto é difuso, apoie e ame porque o amor é incondicional”.

Podemos perceber que a questão de “uma pessoa se tornar outra” é, realmente, muito utilizada para falar sobre a transição de travestis e transexuais, como se eles estivessem mudando quem são e não se adequando a sua real identidade. Podemos perceber também, que a questão sentimental, o relacionamento amoroso, o envolvimento com alguém, pode ser uma questão delicada para algumas famílias não por elas mesmas, mas pela preocupação com o que a sociedade vai pensar. A mãe de Paula mostra que a ansiedade pelo julgamento da sociedade, acaba por determinar como as pessoas pensam e agem, mesmo não querendo ir contra a filha, ela se preocupou mais com os outros do que com ela. A mãe também mostra que segue os ideais impostos pela sociedade, ao falar que a filha não vai se casar porque ela não é mulher, mostrando que por mais que tente aceitar, ainda vê a filha pelo seu gênero designado no nascimento. Já para Kaká, a situação é parecida, seu pai busca aceitá-la, mas vê-la com um namorado não é algo que ele aceitaria facilmente, como se fosse uma comprovação de sua condição feminina e, talvez, a pressão da família seja tão grande, já que sua mãe acha que não conseguiria, que ela

realmente, por medo da reprimenda, não levaria um namorado para casa. Na casa de Monique, a mãe lida com os relacionamentos de forma mais aberta do que as demais famílias, mostrando que é possível, sim, tratar com tranquilidade a identidade de gênero e os relacionamentos de seus filhos. E Monique mostra que o respeito está acima de qualquer forma cultural já conhecida pela sociedade. Que é possível mudar a forma de ver o mundo para viver da maneira como se acredita ser certa para si e para seus iguais.

O orgulho do pai de Kaká

Na casa de Kaká sua madrinha diz “Ele é tudo aquilo que eu planejei que ele fosse. Eu queria que ele fosse o cabeleireiro, que ele fosse independente, que ele fosse respeitado, então ‘Eu quero que você seja A mulher’, eu dizia para ele assim ‘Se um dia eu te pegar, numa esquina, vendendo o corpo, eu te dou uma surra’”, Mariana chorando pergunta se ela tinha medo que Kaká se prostituísse, ela confirma mas fica feliz por isso não ter acontecido. Mariana diz para Kaká “Não foi fácil, né?” e a madrinha continua “Valeu a pena, eu penso assim se a Kaká fosse realmente um menino, ele seria tão respeitado como ele é hoje, ele seria amado como ele é hoje”, Seu Zito diz “É meio difícil, porque todo mundo, não é só aqui não, é em todo canto, o povo fala ‘É uma pessoa de ouro’. A gente fica orgulhoso né”, Mariana pergunta se Kaká fica aliviada de ouvir isso depois de tudo o que passou e ela responde chorando “Eu nunca escutei na minha vida, meu pai falar de mim, nunca, nunca. Foi mágico, eu vou guardar isso para o resto da minha vida, todos os momentos, isso vai ficar muito guardado na minha vida”, Mariana agradece Seu Zito e diz que nem tem o que falar, só fala “Parabéns”.

A parte que fala sobre as travestis é finalizada com Mariana andando na rua e falando “Tu vê as dificuldades da Kaká e a dificuldade do pai também, né, dessa ambiguidade das diferenças da homossexualidade do filho com o amor de pai para filho. Eu acho que isso mexeu bastante com eles, o fato de um pai ter vindo de uma terra machista, de cabra macho mesmo, faz ele associar a homossexualidade do filho com as questões piores, como se ele fosse um ladrão, assim, ele associa as duas coisas como se fosse um paralelo mesmo e isso me deixou um pouco impressionada e chocada, mas eu acho que tudo teve um final feliz, eu acho que a família vive em harmonia hoje e certeza que não foi fácil para ninguém, mesmo”.

Esse trecho final do programa, mostra que a família, por mais que se tenham problemas, é a base que se tem para enfrentar os problemas e que é possível buscar aceitar

novos conceitos e deixar formas culturais para trás. No entanto, os problemas reais não foram abordados, tendo o final feliz que normalmente os programas buscam. Mariana termina o programa falando que não foi fácil para ninguém, toda a situação de se assumir, de lidar com a família, de vivenciar preconceitos, , mas não foram abordadas as questões contraditórias, as questões de construção cultural na sociedade que acabam por resultar em preconceito e sofrimento para todos, na dificuldade de se mudar normas e padrões impostos.

5.3 Conexão Repórter

O programa Profissão Repórter é um programa jornalístico, exibido pelo SBT semanalmente, desde 2010. O programa, atualmente, é exibido aos domingos na faixa de horário da meia-noite, anteriormente, foi exibido às quintas-feiras. O programa tem o jornalista Roberto Cabrini como único apresentador. O programa que será analisado tem como título “Polêmica cirurgia de mudança de sexo” e tem 43 minutos e 5 segundos.

Segundo o site do programa, sua proposta é a “busca pela verdade”, produzindo grandes reportagens feitas pelo próprio âncora e editor-chefe do programa, eles buscam encontrar as informações que ninguém mais conseguiu. O programa conta com a ajuda de “produtores-repórteres” que não aparecem na frente da câmera mas que participam das reportagens.

Abertura

O programa inicia com a imagem de uma mulher, uma tela azul aparece com a frase “Almas aprisionadas em um corpo estranho”, a voz de Cabrini repete os dizeres da frase. Um indivíduo masculino diz “Uma das primeiras coisas que eu mais rejeito é os peito [sic], tenho vergonha”, essa última frase é colocada na tela, ele continua contando, enquanto aparecem imagens suas “eu adoro praia, só de camiseta né. Mas é um sonho, poder tirar um dia”. Imagens de uma mulher se maquiando e fazendo ginástica e de outra mostrando roupas e acessórios aparecem e Cabrini narra “O desejo de ser do outro sexo, o sexo oposto”. A próxima imagem é um corte de uma delas em um estúdio diz “eu não aceito meu corpo, tanto não aceito que já estou modificando ele”, imagens dela se maquiando e falando que só falta passar um gloss aparecem. O próximo corte é do homem inicial dizendo que desde os doze anos sonhava em ter barba. Após aparece a imagens de um hospital, o centro cirúrgico e a narração “Uma transformação radical, que envolve

riscos, traumas”. Agora Cabrini e uma mulher estão em um estúdio e Cabrini pergunta “Como é que foi a cirurgia para você?”, e ele responde “Foi...é um pouco sofrível falar que a gente não passa por um período de sofrimento”, aparecem imagens suas de biquíni e volta ao estúdio com as duas mulheres que apareceram anteriormente e Cabrini perguntando “Você, hoje, é uma transexual ou uma mulher?” e uma delas responde “Uma mulher”. Imagens diversas das três personagens aparecem durante a narração “A luta pela aceitação”, uma das mulheres diz “Quando eu lembro do meu corpo eu já não sou mais feliz”, Cabrini pergunta “Seu pai morreu, não aceitando sua condição?” e ela confirma. Na tela aparece a frase que Cabrini diz “Vidas marcadas pelo constrangimento”, de volta ao estúdio ele pergunta para uma das mulheres “O que você pode hoje, que antes você não podia?”, ela responde “Posso usar biquíni sem constrangimento, usar um biquíni assim bem fio dental”, imagens suas mostrando e usando os biquínis. O próximo corte volta para o homem falando “Colocar eu no vestiário das mulheres não dá, coloca no vestiário dos homens, também fica estranho”. Cabrini agora está com a outra mulher no estúdio e pergunta “O órgão genital masculino te incomoda?”, ela responde “incomoda muito, tanto é que eu vivo 24 horas de calcinha”. Várias imagens de um centro cirúrgico aparecem, Cabrini no estúdio com os entrevistados e ele narrando “Prepare-se para conhecer os segredos de ‘A troca’”. De volta ao estúdio ele pergunta para uma delas “Você hoje é uma pessoa feliz?” e a imagem dos entrevistados aparece.

Cabrini faz a abertura do programa contando que o programa daquela noite abordará a “mais polêmica de todas as cirurgias realizadas pela medicina: a operação de troca de sexo. Uma viagem sem volta, um procedimento médico que muda a convivência de um ser humano com o seu próprio corpo e traz novos desafios para a mente”. Ele descreve que acompanharam o antes, o durante e o depois do procedimento, quem são os pacientes e os médicos e questiona “Até que ponto a troca de sexo atende a expectativa daqueles que decidem realizá-la” e que eles darão a resposta naquela noite.

Nesta abertura, percebemos que o programa aborda a questão da adequação genital com diversas normatizações culturais que são amplamente utilizadas na sociedade, mas que, poderiam ser substituídas por expressões mais menos estigmatizantes. Temos a questão da diferença entre sexo e gênero, que apesar de serem relacionados, não se definem. Logo, ‘ser do sexo oposto’ estaria mais relacionado com a questão biológica do que com a questão identitária, podendo parecer que as pessoas abordadas no programa querem apenas mudar seus corpos biológicos, sem considerar os demais fatores, as

identificações próprias, fatores psicológicos, vivências, experimentações, etc.. Ao falar sobre ‘a troca’, a questão da vivência transgênera é reduzida a um simples desejo de mudar seu corpo, não considerando os demais tópicos que abrangem a vida daqueles que não se sentem confortáveis em seus corpos biológicos e que não se sentem de acordo com as normas e padrões limitadores que a sociedade se utiliza para definir os papéis sociais de homens e mulheres. Quando Cabrini fala ‘uma viagem sem volta’, pode-se ter a impressão de que a identidade de gênero é algo que se muda constantemente, que fazer a cirurgia pode trazer um arrependimento para quem a faz, o que não é verdade. Pois, não se identificando com seu gênero designado ao nascer e com seu próprio, a pessoa pode optar pela transgenitalização ou não, assim, quem decide por fazê-la, normalmente, está seguro do que está fazendo. Ao colocarem imagens das personagens do programa de biquíni, falando da praia e falando sobre o incômodo de ter um pênis sem aprofundar sobre os sentimentos e os motivos de se sentirem assim, temos a impressão de que a adequação genital será tratada como, apenas, uma forma externa de se identificar com seu gênero, como se apenas a parte corporal fosse um problema para os transexuais. No entanto, ao falar sobre “vidas marcadas pelo constrangimento”, Cabrini mostra que a vida de transexuais e travestis é complicada, eles passam por estereotipações, sofrem preconceitos de todos os tipos e lidam com suas próprias dúvidas e próprios medos.

Vivian Fantin

A foto de uma criança aparentemente do gênero masculino aparece, imagens de uma mulher adulta entrando em um hospital com a data agosto de 2010, do centro cirúrgico de um hospital, novamente a mulher aparece em diversas imagens, como lendo um livro de auto ajuda com trechos destacados com marca texto mas agora com a data de abril de 2013. Cabrini narra “A história de um homem que jamais aceitou sua condição e decidiu se transformar em uma mulher. Os bastidores da polêmica cirurgia da troca de sexo. Quase três anos depois, inevitáveis desdobramentos, a superação de medos e de angústias”. Agora eles estão no estúdio e Cabrini pergunta “O que restou do Edson em você?” e ela responde “Queimei tudo, nada, nada. Nem os documentos”. Agora ela aparece se maquiando e a narração “O começo de uma nova vida, em uma nova identidade”, de volta ao estúdio o jornalista questiona “Como é que você se compara hoje às mulheres convencionais e ela ri e responde “Melhor que elas, estou brincando. Eu me comparo como uma mulher, não tão convencional, porque eu não sou, já é do meu psicológico, eu sou psicologicamente diferente né, como mulher”, e ele pergunta em que

sentido ela é diferente e ela continua “Em todos, tipo eu não poderia ir no banheiro junto com elas, quando eu ia, eu ia sozinha”. Aparecem imagens dela no carro e no trabalho, da cidade, dela abrindo o portão de uma casa e mostrando suas roupas e acessórios enquanto Cabrini a apresenta “Vivian Fantin, 42 anos, uma bióloga vaidosa, inteligente, muito determinada. Agosto de 2010, Vivian e os detalhes de sua feminilidade. Ela nasce Edson”. De volta ao estúdio, aparecem fotos de Vivian enquanto ainda vivia como Edson e o jornalista pergunta “Você algum dia se achou como Edson Fantin?”, e ela responde “não, nunca, não gosto nem de falar sobre isso”, aparece uma foto de uma criança se comportando como sendo do gênero masculino vestida de caipira com bigode e camisa xadrez, e Cabrini pergunta se aquela imagem é um pesadelo para ela, ela responde “É difícil falar em pesadelo, né, de uma criança tão..., mas sério, era um pesadelo por tudo que eu vivi, foi um pesadelo, sim”, Cabrini continua “Qualquer família teria orgulho de ter um menino bonito assim”, e ela conta “minha mãe muito tinha orgulho”, Cabrini pergunta “e você?”, e ela responde “eu não”.

Entra a imagem de Alexandre Saadeh, psiquiatra que explica “Transexual nasceu homem, tem a genitália masculina, mas se vê, se percebe, se sente, se entende como mulher e vai buscar a medicina para fazer toda a transformação hormonal e cirúrgica”.

O próximo corte, Vivian está entrando em um hospital, imagens dela assinando um documento e tirando sangue em agosto de 2010, com a narração “Nesta época, registros do momento mais importante da vida da bióloga”, ela caminha com um homem pelos corredores do hospital, ele diz “Espero que ocorra tão bem quanto as outras que nós fizemos. Eu vou discutir todo o processo cirúrgico, que é importante você saber o passo a passo da cirurgia”. Enquanto ele explica, aparece a imagem do corpo masculino na tela, mostrando como será a cirurgia “Aqui a pele do pênis que vai servir de molde de revestimento para a sua neo vagina. É uma cirurgia que sangra muito, muitas cicatrizes, já melhoramos muito a técnica”. Enquanto ele continua conversando com Vivian, Cabrini Narra “a realização de um grande sonho”, a imagem do corpo masculino aparece novamente com a narração “De uma forma geral, os testículos e a parte interna do pênis são retirados, é feito um orifício, a neo vagina é construída com lábios e clitóris, tudo é revestido com a pele que sobrou do pênis”, volta para a sala com os médicos e Vivian, o médico continua “a aparência que você tem da cirurgia logo nos primeiros dias é muito feia, você fica com receio até da cirurgia, mas o tempo vai mostrar que o organismo vai se ajustar, então o que é feio passa a ser bonito”. De volta ao estúdio Cabrini diz “estamos exatamente a três dias do momento em que você vai, tecnicamente, se transformar em

Vivian, há três dias da cirurgia. O que significa para você?” e ela responde “renascimento”, ele continua “e se você se arrepender da cirurgia?” e ela responde “eu não vou me arrepender, tenho certeza”, ele pergunta se ela tem certeza absoluta e ela confirma, Cabrini diz “você está consciente de que esta é uma viagem sem volta?” e ela conta “Tenho certeza, ainda tem muitas pessoas que são contra, e falam isso, chamam de amputação, de castração, outros nomes que eu ouvi, ou que morre, tem um risco de vida, eu preferia morrer nesse momento a continuar assim”, o jornalista pergunta se ela já chegou a considerar suicídio e ela confirma “já tentei duas vezes”, ele quer saber de que forma e ela explica “Uma vez em um desespero muito grande, eu peguei uma faca, eu tentei me matar mesmo com a faca, minha irmã tava comigo, ela segurou minha e a outra eu tomei comprimidos calmantes, acho que minha mãe usava, eu tomei uns 30 ou 40”, enquanto ela fala, aparecem fotos de Vivian quando se comportava como Edson.

Agora Vivian está em casa, Cabrini diz “A preparação”, aparece a imagem de Vivian arrumando suas malas dizendo “Agora chegou a hora”, na imagem seguinte Cabrini diz “Expectativa”, “Apreensão” e várias imagens de Vivian em casa aparecem, sua irmã Elaine a ajuda e diz “Você vai nascer de novo dia 10 de junho”, eles estão a caminho do hospital e Vivian conta “A gente criou uma expectativa em torno dessa cirurgia há muito tempo, dois anos, de tratamentos, e eu me realizo através dessa realização dela também”. Elas chegam ao hospital e Vivian diz “Entrando para uma nova vida”, já no quarto, Vivian está com a roupa do hospital e se preparando para ir para o centro cirúrgico, aparecem as imagens dela indo para lá, com o médico, conversando, Cabrini diz “Ela sabe que o passo que está prestes a dar, não terá mais volta”, Vivian diz “não vai existir nada mais de Edson aqui”, alguém diz “Adeus Edson para sempre?” e ela responde “Adeus”, várias imagens da cirurgia vão aparecendo, a imagem de uma maca passando pelo corredor aparece e Cabrini narra “Depois de três horas e meia, termina a cirurgia”, o cirurgião plástico que realizou a cirurgia conta “Foi bom, deu para fazer uma boa adaptação de genitália, ela tinha um material adequado e suficiente para fazer uma vagina do tamanho normal”. Imagens mostram Vivian enquanto ainda está se recuperando da anestesia, ela pergunta “Já foi a cirurgia? Jura? Jura?”, o médico continua “A recuperação pós-operatória são sete dias, ela vai ficar internada. E a recuperação para iniciar as atividades normais, sexuais, são três meses”, mostram imagens de Vivian saindo do centro cirúrgico e agora no quarto, dizendo “Hora que eu acordei, sensação diferente, ai eu olhei sabendo que eu não tinha mais nada entre as pernas, foi maravilhosa a sensação. O pesadelo acabou, agora começa o sonho, eu vou viver esse sonho que eu tive

a vida inteira, de fazer isso, quero aproveitar cada momento”. De volta ao estúdio, Cabrini pergunta “O que sua mãe te disse na sua infância, que mais te marcou?” e Vivian responde “Que ela preferia que eu tivesse nascido morto, isso machucou muito, e eu ouvi no fim da vida dela o contrário, que eu era a pessoa mais maravilhosa da vida dela. Então, esse momento foi um momento muito feliz da minha vida, o momento que também me trouxe muita libertação de 25, 27 anos de uma vida com uma mãe falando que eu era um problema, que eu era a vergonha, que eu tinha a cabeça fraca, isso foi muito importante para minha vida”. No corte seguinte, a reportagem vai até o hospital e Cabrini narra “Uma semana depois...”, o médico entra no quarto para dar alta para Vivian e deseja muito sucesso para ela. Vivian chega em casa e fica feliz por estar lá, em uma “nova vida, um novo tudo”. Agora Vivian volta aos estúdios em abril de 2013, quase três anos após a cirurgia, para uma nova entrevista. Cabrini pergunta “Você hoje é uma pessoa feliz?”, ela responde “Completamente”, o jornalista quer saber por que, e ela continua “Eu fui já há três anos atrás começou, porque hoje eu realizei o sonho da minha vida que era uma adequação sexual”. Cabrini e sua equipe vão até a cidade de Vivian, onde mora com a irmã, Cabrini conta “A localidade ela prefere não revelar, ela sabe que nem todos aceitam bem suas decisões”. Vivian abre a porta e cumprimenta a equipe. No próximo corte, eles estão de volta ao estúdio e Cabrini pergunta “Em nenhum momento surgiu em você um pensamento ‘puxa, eu não deveria ter feito a cirurgia?’”, ele continua “você ainda sente dor ainda?”, “muitos remédios?”, de volta a casa de Vivian, ela mostra seu quarto e suas roupas. Novamente no estúdio, o jornalista pergunta “Como foi a cirurgia para você?”, ela responde “É um pouco sofrível, a visão que você tem de estar se adequando, supera até a dificuldade que você tem, física, na cirurgia. Para mim foi maravilhoso, cada dia que passava, que eu via que ia desinchando, que o resultado estava melhorando, era uma vitória”. Agora, Vivian está em sua casa com sua irmã, e esta conta “Foi bastante trabalhoso né, uma vez que o resultado dependia exclusivamente dos curativos, aonde eu entro fazendo curativo né, mesmo sem saber muito bem, mas, Graças a Deus deu tudo certo”.

No estúdio, Cabrini pergunta “Foi mais difícil a recuperação física ou a psicológica?”, Vivian responde “Eu não tive recuperação psicológica, para mim, eu só completei uma coisa que eu pensava em fazer, mas a física é difícil”. O jornalista continua “Qual a distância entre o que você imaginava da cirurgia e o que ela realmente foi?”, a bióloga responde “Me surpreendeu, por exemplo, eu não esperava que o resultado funcional fosse tão perfeito quanto é”, Cabrini quer saber por que, e ela continua “Porque

normalmente as informações que a gente tem dessa cirurgia é que você não vai ter lubrificação, não tem contração, tipo seria uma cavidade aberta em um corpo. Hoje em dia já não é assim”.

A próxima imagem é da irmã de Vivian contando “E a estética né, que foi uma coisa que demorou bastante, passou por várias cirurgias para correção, até que chegou o ponto de ficar do jeito que ela queria, que ficou perfeito, bem feito”. No estúdio, Cabrini pergunta “Se você não tivesse feito a cirurgia, você acha que hoje não estaria feliz?”, Vivian responde “Eu estaria totalmente infeliz”, entram imagens de Vivian mostrando suas roupas novas, contando que não podia fazer academia porque as malhas são muito finas e que depois da cirurgia ela pode começar a fazer academia, muito mais à vontade, a equipe acompanha Vivian até a academia, onde ela mostra um dos aparelho que não gostava de fazer pela abertura da perna, a câmera foca nas pernas dela fazendo o exercício, e outro aparelho que era desconfortável para ela fazer e que hoje pode fazer tranquilamente e que a cirurgia “termina com tudo isso”. No estúdio Cabrini quer saber o que ela não fazia antes que agora pode fazer, ela responde “Posso usar biquíni sem constrangimento, e também fica legal porque trocou o nome, sexo, então meus documentos são todos...porque ter que chegar em um lugar com um documento masculino e a pessoa olhar na tua cara e...então criava situações difíceis para mim que hoje eu não passo mais”. O próximo corte mostra Vivian mostrando seus biquínis e indo para o clube e contando “antes eu não podia por um biquíni assim, porque nunca ficava legal, assim, a gente nunca podia ficar à vontade, ou abrir a perna, ou fazer alguma coisa, tinha que estar sempre pensando no que poderia acontecer, algum movimento, qualquer coisa, e hoje já não, eu já posso colocar o biquíni que eu quero. Fico à vontade com qualquer biquíni hoje, confortável, segura. Tenho um sonho, que eu tenho, pelo menos, quatro vezes por ano, que eu ainda tenho pênis e tenho um problema enorme com isso, que eu acordo, a hora que eu chego naquele ápice, assim, que eu estou vendo, eu acordo na hora que parece que eu estou despertando mesmo de um pesadelo”. De volta ao estúdio, Cabrini pergunta “Em nenhum momento surgiu em você um pensamento tipo ‘puxa, eu não deveria ter feito a cirurgia?’”, Vivian responde “nunca”, e o jornalista continua “a cirurgia de mudança de sexo, vale a pena?” e Vivian diz “totalmente”.

Este momento do programa vemos toda a preparação de Vivian para sua cirurgia de adequação genital, o programa busca tentar mostrar de forma ‘didática’ como funciona o passo a passo, mostrando infográficos e médicos explicando como funciona o

procedimento e um psiquiatra explicando o que é ser transexual. Tanto Cabrini no início quanto o psiquiatra, no entanto, utilizam da expressão popularmente atribuída àqueles que nascem com pênis, como “sendo homem”, o que apesar de ser mais simples de explicar, limita a condição do ser humano de ser quem é, não por sua genitália, mas por sua forma de sentir e viver a vida. Como Larissa Pelúcio (2014, p.117) explica “O sexo genital não define gênero, até porque gênero é um construto social”, a explanação por meio da biologia pode ser mais simples de se entender, no entanto, não transmite a realidade da construção e identificação de gêneros. Mostrar o procedimento, a preparação para a cirurgia e buscar mostrar como foi a vida de Vivian antes da cirurgia é muito interessante para que o público possa perceber os sofrimentos e preconceitos que travestis e transexuais sofrem por se identificarem com um gênero que não é o socialmente construído para seu gênero biológico. Ao fazer isso, o programa contribui para que se quebrem as barreiras de que o corpo é mais importante que a construção própria.

Percebemos, também, a intensa tentativa de falar do gênero biológico de Vivian, Cabrini mostra até certa insistência sobre o assunto e, em alguns momentos, parecendo que quer forçar sua entrevistada a admitir que é ‘um homem’. Quando fala que qualquer família se orgulharia de ter um menino bonito como ela era, dá a impressão de que não teriam motivos para ela não se sentir confortável como sendo do gênero masculino, mesmo sabendo que ela não se identifica com tal forma social. Ele busca formas de falar do Edson, como se ela não fosse uma mulher, mas uma personagem criada por ela. O jornalista também é persistente ao falar sobre arrependimento ao fazer a cirurgia de adequação genital, falando bastante sobre a possibilidade de arrependimento. Para ele, é como se ela fosse fazer algo grave, sempre falando sobre ‘não ter mais volta’, querendo saber se ela não pensou em não ter feito a cirurgia, se valeu a pena, por mais que ela afirmasse, ele continuava insistindo nessa ideia e que a cirurgia foi apenas um complemento ao que ela já era. A parte física de Vivian também é muito explorada, a curiosidade sobre o corpo após a cirurgia faz com que diversas imagens dela na academia de roupas justas e no clube de biquíni, diversos momentos dão destaque ao seu corpo como se fosse ele que a tornasse uma mulher, como se fosse apenas o corpo externo que fosse a parte principal da operação, e não todos os demais processos pelos quais uma transexual passa. Apesar dela falar sobre usar biquíni sem constrangimento, ela também cita a troca do nome, dos documentos e os constrangimentos de entregar seus documentos com o antigo nome civil e o programa mostra apenas a parte corpórea de Vivian.

Vivian fala sobre algo que é comumente visto na sociedade: a rejeição familiar aos transexuais que assumem sua condição, que não acham ser certo tal situação estar ocorrendo, e que, por esse motivo, acabam ofendendo e desprezando seus filhos, gerando ainda mais preconceito e fazendo com que eles sofram além do preconceito que já sofrem dos demais.

Brunna Valin

A imagem de Bruna aparece na tela com a narração “Bruna também não tem dúvidas, a troca de sexo vale a pena”. Eles estão no estúdio e Cabrini pergunta “Você não nasceu Bruna?” e ela responde “Não, nasci Adilson”, aparece uma foto de Brunna enquanto Adilson, Cabrini quer saber como era o Adilson e ela responde “Eu não lembro muito dele, não. Porque eu já me defini muito cedo, com 13, 14 anos eu já estava menina”. Aparecem imagens de Brunna mostrando roupas e a narração “Ela já colocou silicone nos seios, toma hormônios e se prepara para a cirurgia. São dois anos de acompanhamento médico e psicológico e ainda um conjunto de laudos para aprovação do procedimento”.

No estúdio Cabrini pergunta “Que tipo de dificuldade você encontrou nesse período de transição?”, Brunna conta “Olha, a aceitação foi um fator muito agravante no meu caso. Porque eu não tive aceitação na família, de início”, o jornalista pergunta como foi esse processo e Brunna continua “Eu tinha sete anos de idade, eu já sentia que eu era diferente e senti mais diferente ainda quando eu fui na escola o primeiro dia”. Ao ser perguntada o por que, ela conta “Porque eu não era igual gay, não era igual menina, era diferente de tudo. Os gays tinham uma aparência mais de menininhos, eu já com sete anos de idade queria ser igual as meninas”. A gravação agora é na casa de Brunna, que mostra sua casa, sua cozinha, fala que gosta de cozinhar. De volta ao estúdio, Cabrini pergunta “Sexualmente, como é que você se descreve hoje?” e Brunna responde “Ainda não realizada”, e Cabrini continua “Inicialmente, você foi descrita como homossexual?”, ela afirma “Sim, no início sim, até meus catorze anos ainda vinha essa definição que eu era gay, que eu era homossexual. Isso vindo da família, vindo colocado na escola porque no primeiro dia de aula, eu lembro até hoje, que eu tinha uma professora que ela chamava Laudicéia, na 1ª série, todos os alunos quando saíam da sala, no primeiro dia de aula, ela abraçava e beijava e cumprimentava ‘seja bem-vindo, vamos ter um ano letivo legal’, fazia a cortesia do aluno, quando chegou na minha vez, eu cheguei já com o material como usa uma menina, com o material na frente, ela não me abraçou e ela não me beijou”,

Cabrini pergunta se doeu e ela confirma que sim e que até hoje sente por isso, “ficou marcado porque ela disse para mim ‘você não é viadinho, você não tem que ser viadinho aqui, aqui você vai ter que ser hominho, menininho’”.

O próximo corte mostra Brunna na rua com a narração “Nos tempos difíceis, Brunna se envolve com drogas, passa a se prostituir e hoje é portadora de HIV”, de volta ao estúdio, Cabrini quer saber se ela teve muitos conflitos em sua casa, ela conta “Sim, muitos conflitos. Eu saí de casa muito cedo, eu aprendi a me prostituir muito cedo”.

De volta ao cenário da ruas, o jornalista narra “Uma volta pelo centro de São Paulo, são lembranças a flor da pele “, ela comenta que a rua que estão, é a rua em que ficou por anos trabalhando como profissional do sexo “era um local bem legal, que eu gostava de ficar, porque era mais discreto, e eu sempre gostei de sair com homens mais discretos porque me chamava mais atenção e também me dava muito mais dinheiro. Tenho más recordações do local porque, também, fui muito apedrejada, muito xingada, como todas as travestis que trabalham no centro de São Paulo, são”. No estúdio, Cabrini quer saber por que Brunna se prostituiu e ela responde “Foi o único caminho. Eu não tinha outra opção, eu sofria na escola os enfrentamentos, o bullying, preconceito, discriminação, de professores, de alunos, de todos, então era sempre ‘viadinho’, eu sempre excluída, na hora de comer, eu sempre ficava lá no meu cantinho, se eu entrava no banheiro feminino, eu apanhava, se eu entrava no banheiro masculino, eu apanhava, se eu andava com as meninas, eu apanhava, no final da aula sempre eu apanhava”. Cabrini pergunta “seus pais hoje, aceitam?”, Brunna faz uma cara de dúvida, e responde “eu acho que ainda não. Meu pai já é falecido, mas eu acho que aceita enquanto pessoa, mas não enquanto transexual”, Cabrini quer saber se o pai de Brunna morreu não aceitando e ela diz que tem certeza que ele morreu não aceitando sua condição. De volta a rua onde trabalhava, Brunna descreve sua rotina ali, o início de seu trabalho às 19 horas, um horário de pico, com bastante fluxo de pessoas e que ficava até às 5 horas da manhã, além de “fazer seu dinheiro”, ela se drogava, ia para a balada. No estúdio, Cabrini pergunta se ela vai mesmo fazer a cirurgia de ‘mudança de sexo’, ela afirma e ele reitera se ela tem certeza, ela diz que tem certeza, que está decidida e resolvida, ele quer saber se ela tem medo de se arrepender, e ela responde “Não, eu só tenho medo”, ele quer saber do que e ela diz “Medo da cirurgia, do que ela pode acarretar em referência a saúde. Eu ainda não fiz a cirurgia por muitos receios porque, como eu vivi como profissional do sexo 20 anos da minha vida, então eu também fiquei vulnerável 20 anos da minha vida, a rua, a prostituição, eu também usei drogas, eu bebi, eu fui desde prostituta da esquina até a

cafetina. Então, eu estou vivendo com HIV e Aids há 20 anos, então isso, eu acho que é o meu receio maior. Porque é minha saúde que está em jogo, também. Ser mulher para mim, é um sonho, mas a minha saúde ela tem que estar em primeiro lugar. O programa não destaca o fato de Brunna ter HIV, um ponto de grande relevância pois ele procura falar sobre sua cirurgia, sua identificação e, ao não se aprofundar nesse fato, optando por falar somente o necessário, é possível perceber um respeito e uma busca por evitar fazer a ligação entre travestis e HIV.

De volta a rua, Brunna conta que usou drogas, inclusive injetáveis, que as dividia com as amigas, que escondiam as drogas da polícia, que usavam cocaína embaixo do pontilhão, ou com clientes, até mesmo sozinha. No estúdio, Cabrini pergunta “Por que você precisa fazer essa cirurgia?”, e Brunna responde “Para me realizar”, o jornalista quer saber se sem fazer o procedimento ela não será feliz e ela confirma “Não, não sou feliz”, Cabrini insiste se ela tem certeza, e ela diz “Falando dessa parte, quando eu lembro do meu corpo, eu já não sou mais feliz”, o jornalista quer saber o por que e ela continua “Porque eu não aceito, não aceito meu corpo, tanto não aceito que já estou modificando ele”. Cabrini quer saber sobre o órgão genital se ele a incomoda, e ela responde “Não aceito. Me incomoda muito, tanto é que eu vivo 24 horas de calcinha. Eu não consigo abrir a perna”. Em sua casa, Brunna mostra uma foto com suas 5 irmãs, mostrando qual é sua amiga, quase sua mãe. Lá ela faz comida, e monta sua marmita e de seu marido e mostra os artesanatos que faz.

De volta ao estúdio, Cabrini pergunta “Você conversou com os médicos sobre essa questão de ser HIV positivo?”, ela afirma “Sim, tem que estar tudo bonitinho, tudo dentro da saúde, assim, com as medicações em dia, tudo certinho, com os exames, tudo ok, não tem problema nenhum”, o jornalista continua “Mesmo assim, você acha que a cirurgia vale a pena?” e Brunna responde “Vale a pena. Para mim, vale a pena, porque é uma realização, eu vou me sentir muito realizada a partir do momento que eu olhar no espelho e enxergar a Brunna que eu sempre quis enxergar”. Em sua casa, a equipe acompanha Brunna se arrumando para ir trabalhar, se maquiando e contando que no trabalho ela “entra e sai como Brunna, e é respeitada como Brunna, por isso é um espaço que ela gosta muito de trabalhar e se sente feliz trabalhando”. No estúdio, Cabrini pergunta “Nesse instante, qual é o seu maior medo?”, ela responde “morrer homem, é o meu maior medo. É um pesadelo de pensar, deitada em um caixão e vestida de homem”, o jornalista pergunta se ela acha que o mundo a tratará melhor depois da cirurgia, e ela responde afirmativamente “vai me tratar melhor”, Cabrini quer saber se ela não tem medo

de se decepcionar com relação a isso, ela responde que não, e ele continua, perguntando se ela tem consciência que algumas pessoas se arrependem da cirurgia, ela diz que sim, que algumas pessoas se arrependem, ele pergunta se ela não tem receio disso acontecer com ela e ela diz “Não, eu não tenho, porque eu já venho trabalhando isso ao longo da minha vida”. Cabrini quer saber se a mãe de Brunna sabe que ela vai fazer a cirurgia, ela confirma e conta “Até de troca de nome, eu estou entrando com o processo de troca de nome, quando eu liguei ‘mamãe, eu vou trocar o meu nome’, ela disse assim ‘ai não faz isso, é o nome que seu pai tanto gostava, você vai contra o seu pai, não faz isso’, eu falei assim ‘por isso mesmo que eu vou fazer’. Eu não aceito”, Cabrini pergunta se ele pedisse o documento dela naquele dia, ela diz que daria o documento, pega seu documento na bolsa e diz “o que eu falo sempre que minha identidade, ela choca né, que ela tem esse choque mesmo, quando eu vou na lotérica, no banco, que eu tenho que apresentar o rg, eu até escondo, presta atenção, eu sempre dou o rg assim ó, eu nunca dou o rg virado assim (para cima), ao contrário, eu sempre dou para a pessoa olhar assim (com a foto virada para cima, pois é sua foto como Brunna)”, Cabrini pede para ela ler o documento para ele e ela diz “O nome na identidade Adilson José Valin, ainda”, Cabrini pergunta se isso a machuca e ela conta “muito”, ele pergunta “É isso que você quer enterrar?”, e ela afirma, o jornalista pergunta “E você acha que a cirurgia de mudança de sexo vai ajudar nesse processo?” e Brunna responde “Vai, com certeza, vai. Porque é aqui (segurando o rg) que vai morrer a história”. Cabrini insiste “Você sonha com o momento que vai ter outro nome aqui?”, e Brunna “Sim, todos os dias”. Entra uma imagem dizendo “Desde 2008, o SUS realiza cirurgias de mudança de sexo. Hoje, existem cerca de 200 pessoas na fila para a adequação sexual só em São Paulo. Em média, são feitas 2 cirurgias por mês. Uma fila de espera de, no mínimo, 8 anos. A fonte que consta é o Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas. Agora Cabrini narra “Brunna está convicta, quer trocar de sexo, mas ainda tem dúvidas, ainda quer mais informações Por isso, promovemos o encontro dela com Vivian, nossa personagem que já passou por esta experiência. É como se o antes e o depois se encontrassem. Perguntas muitas vezes surpreendentes e respostas sem medo”, imagens de Brunna e Vivian aparecem, Brunna pergunta sobre a primeira relação sexual de Vivian, Vivian responde a pergunta de Cabrini se ela é uma transexual ou uma mulher e ela diz “uma mulher, mil por cento”. Cabrini continua sua narração “A cirurgia continua repleta de tabus, por isso, é compreensível que surjam perguntas, muitas vezes, íntimas, inesperadas.

Cabrini agora conversa com as duas “Brunna, o que você gostaria de saber da Vivian, no momento em que você considera a possibilidade de fazer a cirurgia de mudança de sexo?”, Brunna pergunta “Na sua primeira relação, como foi? O sentimento da primeira relação com o seu parceiro?”, Vivian responde “Medo de como vai ser, né, porque é uma coisa nova, nunca tinha sido feito, então eu tinha medo de como que eu ia sentir, qual a velocidade, então foi tudo uma adaptação, mas é maravilhoso”, Brunna continua “e você acha que na relação o seu parceiro se sentiu satisfeito?”, Vivian ri e diz “sim, tenho certeza absoluta”, Brunna continua “E você?” e Vivian diz “Mais ainda”. Elas conversam um pouco sobre a não aceitação do corpo biológico, principalmente, ao se olhar no espelho, Brunna não se aceita “Eu olho no espelho e, muitas das vezes, não me reconheço enquanto, né, espelho, que eu não aceito meu corpo. Quando você se olhou a primeira vez no espelho, qual foi o sentimento?”, Vivian conta “Eu olho muito no espelho, eu olho de todo jeito”, Brunna continua “Mas a primeira vez, qual foi o sentimento, terminou a cirurgia, olhou no espelho, o que você sentiu, o que refletiu aquele espelho para você?”, Vivian responde “A sensação é assim, como se eu tivesse ganhado na loteria do fim do ano, de milhões porque é uma alegria completa. E eu ficava olhando, e eu olhava de novo, você não quer parar de olhar, mas a sensação que eu tive é de que eu sempre fui assim”. Cabrini quer saber se tais perguntas refletem os medos de Brunna, ela diz que também refletem. Brunna conta para Vivian “Esse, também, é um dos meus maiores medos, eu tenho um relacionamento, sou casada, tenho um parceiro fixo, e o meu maior medo depois de fazer a cirurgia, quando casada com ele, é enfrentar a primeira relação”, Vivian comenta “Vai ter dores no começo, vai ter que ter uma adaptação do pênis dentro da sua vagina, ela vai...ela é elástica, ela vai aumentar a profundidade dela conforme, mas ele vai ter que ter cuidado com você, ele vai ter que ver até onde ele consegue atingir na tua vagina. Então tem todo esse trabalho que ele vai ter”, e Brunna brinca “tipo, perdendo a virgindade” e Vivian diz “Isso, um pouquinho pior...então, continua nesse teu caminho, você está trilhando tua felicidade, eu tenho certeza que você vai conseguir alcançar”, Brunna responde “Bom, vendo pelo seu rostinho de felicidade, que está estampada aí e realização também, que isso é aparente, não é só eu que enxergo, eu acho que, agora eu sinto mais vontade ainda de buscar o meu sonho”, Vivian fica feliz por ter ajudado Brunna, elas se cumprimentam. Agora Cabrini está com Vivian e pergunta “muitos remédios?”, ela responde “Uma injeção por mês de hormônio feminino, não muitos”, ele quer saber se é só isso mesmo, ela confirma e ele pergunta “Você sepultou o Edson?”, Vivian comenta “O que tinha, o pouquinho de Edson, que eu nunca tive, tava

morto já antes, e eu acabei de matar depois”, e sorri. Agora a produção mostra a imagem de Vivian indo trabalhar, contando que é seu momento preferido da manhã, quando ela pega sua bolsa, “eu adoro bolsas”, e mostra ela em seu carro. No estúdio, Cabrini pergunta “Como é que você se descreve hoje?”, ela responde “Psicologicamente, uma pessoa completamente realizada. Eu fiz faculdade, eu sou bacharel e licenciada, então, eu posso dar aula e eu não dava aula, eu dava aula particular mas eu não tinha coragem de assumir uma escola, por causa desse negócio de papelada, de nome, depois que eu fiz, eu tive, eu dou aula em colégio particular, então, eu pude ir até onde eu queria profissionalmente. E assim, problemas que eu tive quando eu fiz a cirurgia foi mais no meu trabalho que eu sofri, eu tive muito problema com as licenças que tinha que tirar, eu tive uma avaliação baixa, minha nota caiu e é uma nota que depende de salário, de progressão funcional”, Cabrini questiona “Como se a sua cirurgia tivesse sido supérflua? Desnecessária?”, ela confirma “Sim, foi usado o termo interesse pessoal, descompromissada com o trabalho, eu nunca fui isso, eu sempre fui extremamente profissional”, Cabrini diz “Em razão da cirurgia? E não como algo realmente necessário?”, Vivian continua “Isso, ele colocou como se eu fosse fazer uma cirurgia estética”, Cabrini quer saber se mesmo com tudo isso valeu a pena, Vivian confirma “Eu nem olho para eles, poderia ter enfrentado todo preconceito do mundo, valeria a pena”, Cabrini continua “E que peso tem essa sensação na sua felicidade?”, ela responde “Um peso de completude, você completa sua vida, porque o ser humano para ele se completar, tem que se completar profissionalmente, sexualmente”.

Neste momento do programa temos Brunna, transexual que se prepara para fazer a cirurgia de adequação genital. Assim como com Vivian, Cabrini insiste em determinados detalhes que ligam Brunna com seu gênero biológico e sobre o arrependimento que pode ocorrer ao fazer a cirurgia. Ele repete ao longo de todo o bloco se ela tem certeza, se acha que vale a pena, que algumas pessoas se arrependem, nem no momento em que ela fala que já vem trabalhando isso, ele parece se convencer que ela tem certeza.

Brunna também conta sobre o problema que a falta de apoio familiar teve de impacto em sua vida, fazendo com que ela saísse de casa cedo e se tornasse prostituta, uma marca cultural muito presente na sociedade em que vivemos, que tende a fazer a ligação entre travestis e prostituição, mostrando que Brunna não tinha outra opção por ter saído de casa cedo e não ter quem a amparasse. O programa reitera essa ideia pois

mostra muito da fase em que ela trabalhava nas ruas, no entanto, não mostra como ela saiu dessa vida. Mas, é interessante que o programa não destaque tanto o período em que Brunna trabalhou nas ruas, mostrando que ser travesti não significa fazer programa, buscando não reiterar os estereótipos que, muitas vezes, as travestis recebem. Outro tópico que eles mostram e que também é muito disseminado na sociedade é a confusão entre a identidade de gênero e orientação sexual, fazendo com que na infância Brunna sofresse preconceito por acreditarem que ela era gay e que deveria ser ‘hominho’. O preconceito nas escolas é uma marca cultural muito discutida atualmente, pois as crianças vendo os adultos sendo preconceituosos, acreditam que é algo normal e podem praticar, pelo exemplo que tiveram. Assim, esta professora podia estar ensinando as crianças a serem preconceituosas com os colegas, chamando a criança de ‘viadinho’ na frente de todos e excluindo-a.

Cabrini, assim como com Vivian, busca falar sobre o arrependimento de fazer a cirurgia, insiste na ideia do que vai mudar a vida dela quando fizer, parecendo até surpreso por ela querer adequar seu corpo ao seu gênero, querendo entender os motivos que fazem a cirurgia valer a pena, não conseguindo entender os motivos de Brunna, inclusive falando do HIV.

Cabrini une Brunna e Vivian no estúdio para uma conversa, no entanto, parece que a edição do programa foca mais nas perguntas sobre sexo e do corpo do que em outras questões que possam ter sido feitas mas que, talvez, não chamem tanto a atenção do público. Cabrini questiona Vivian sobre a vida após a cirurgia, e quando ela conta dos problemas que teve por acharem que ela tinha feito apenas uma cirurgia estética, Cabrini tenta mudar seu discurso sobre a cirurgia, buscando mostrar compreensão sobre a necessidade para ela de sua cirurgia, no entanto, ainda busca saber se valeu a pena, voltando ao discurso anterior, podendo mostrar que não acredita na necessidade da cirurgia.

André

No bloco seguinte, o programa conta a história de André Braz, 31 anos, transhomem que luta contra o preconceito. Ele conta “Eu sou homem, e me sinto homem. Só de pensar em voltar atrás, já me desespero, eu fico com medo de um dia não poder mais tomar hormônio masculino, tenho medo do meu corpo voltar. Daí fico desesperado”.

Cabrini narra “Estamos em São José dos Pinhais, região metropolitana de Curitiba, aqui nos reencontramos com André, um transexual que já mostramos em 2010”, aparecem fotos de André criança e sua mãe falando “Essa aqui ela bem pequena, deveria

ter uns 6 anos”, André ao seu lado, ri e diz “Logo essa, não tinha outra não?!”, a mãe continua “Como agora eu vou tratar ela no masculino? É difícil, né”, mostra a imagem da mãe chorando e dizendo “não falei que eu ia emocionar? É o filho que mais me preocupa, né, então é o meu sonho ver ela bem”, eles se abraçam, tais imagens são de 2010. Agora em 2013, André abre a porta de sua casa, mostra seus gatos. Cabrini descreve “Cabelo curto, barba, pelos, feição masculina. André nasce em um corpo feminino, mas sempre se sentiu um homem”. André conta “Uma das primeiras coisas que eu mais rejeito é os peito (sic), tenho vergonha, são invasores”. Cabrini continua a narração “Três anos se passam, e André ainda não conseguiu tratamento pelo SUS”, André conta “Consegui encaminhamento só, mais nada, daí um encaminha pro HC, o HC encaminha para a regional de saúde, daí vai pro posto, do posto pro HC de novo, eu fico pulando pra lá e pra cá, só me encheram de papel só, eu guardei tudo e fico por isso mesmo”. Cabrini narra “Ele toma hormônios por conta própria há seis anos”, agora André faz a barba em sua casa e conta “O ruim do hormônio masculino é que ele faz cair cabelo também, desde os meus 12 anos de idade, eu sonhava em ter barba”, Cabrini continua “O jovem também enfrenta o preconceito da sociedade. Ele encontra dificuldade para encontrar um emprego fixo”, André comenta “Eu trabalhei em casa noturna, uma vez, de segurança. Já fiz limpeza. Quando acaba a noite, assim, eu faço limpeza no salão, já limpei banheiro, já fiz todo tipo de serviço já. Ai eles ficam naquele dilema também, na hora do vestiário, colocar eu no vestiário das mulheres não dá, colocar no vestiário dos homens também fica estranho”, Cabrini narra que o maior desafio de André é “retirar as mamas e fazer a troca de sexo”. André conta que adora praia mas “só de camiseta, mas é um sonho poder tirar um dia, esperando por isso”. Entra a imagem de André com os papéis dos médicos nas mãos e Cabrini narra “Cada procedimento com médico particular custa, em torno de 30 mil reais”, André conta que não tem esse dinheiro e está esperando juntar esse dinheiro para conseguir fazer “Já sofri muito já e sofro ainda. Não iria me arrepender, eu quero fazer, daí tem gente que fala pra mim ‘mas isso aí é arriscado, você pode se arrepender ou coisa pior, né, pode morrer, né, alguma coisa pode acontecer’, e eu falei ‘ah, mas eu morro feliz, porque eu quero fazer’”. Entra na tela uma imagem que diz “A cirurgia de mudança de sexo para mulheres que querem se tornar homens ainda é experimental no Brasil. A técnica de construção do pênis só pode ser realizada em Hospitais Universitários. Até o momento, o SUS ainda não cobre este tipo de procedimento”.

Apesar de Cabrini buscar mostrar como é a vida de um transhomem, ele não se aprofunda. O jornalista mostra apenas as dificuldades dos transexuais, mas não oferece mais detalhes, sequer tratando de assuntos que poderiam ser abordados no tipo de reportagem. Esse bloco nos mostra que eles existem, mas parece que os transhomens não podem receber ajuda pela medicina, André conta que faz o tratamento hormonal. O preconceito sofrido por André é apenas citado, não aprofundando essa questão que está tão presente na sociedade. Fica-se com a impressão de que transhomens existem, sofrem com o preconceito, mas não há o que fazer. Embora pudesse falar sobre o tratamento da hormonioterapia, a tela final, fala apenas sobre o SUS não cobrir o procedimento cirúrgico. Apesar do programa falar especificamente sobre a operação, nada impede que transmita esse tipo de informação ao público.

No bloco final, Cabrini narra “A transexualidade é considerada pela Organização Mundial de Saúde, uma doença. Nem todos, é claro, concordam com essa classificação. Para essas pessoas, o preconceito sempre caminha paralelamente”. Cabrini conversa com Vivian e Brunna no estúdio, novamente, ele pergunta para a Vivian “Qual é a grande verdade sobre a cirurgia de mudança de sexo?”, Vivian responde “A grande verdade é que existem muitos mitos dentro disso que todo mundo fala e realmente é pura ignorância, não é nada do que se fala, que é amputação, castração, não é. Mas tem que ter muito cuidado porque é uma coisa irreversível, depois que você fez você não volta atrás, então tem que ser uma decisão tomada com, realmente, com todo aquele aspecto que tem, jurídico de dois anos de tratamento com equipe multidisciplinar, tem que levar muito a sério, isso, não mentir, normalmente, eu conheço pessoas que mentiram nas perguntas para poder fazer. Agora com Brunna, Cabrini pergunta “E a sua mãe que nunca aceitou a sua sexualidade, o que pensa da cirurgia?”, Brunna responde “Eu comecei a trabalhar essa questão com a minha família, porque desde então nunca falei sobre o assunto de mudança de sexo ou até do pré-nome”, o jornalista continua “E qual foi a aceitação?”, Brunna conta “Nenhuma, eu tenho cinco irmãs, uma delas olhou bem pra mim ‘você vai ser sempre o Di, meu irmão preferido e você nunca vai ser mulher’”, Cabrini quer saber se ela se assustou e ela comenta “eu chorei muito, eu ainda choro muito por isso, porque eu acho que a minha base que tinha que me aceitar, porque se ela não me aceitou, sabe onde eu fui parar? No mundo”, Cabrini pergunta “O que você pretende fazer com o Adilson que existe dentro de você?”, ela diz “Não existe, faz tempo”, mas Cabrini insiste “Eu noto que de certa forma o Adilson te revolta”, ela conta que um pouco, “porque é essa pessoa

que não foi aceita pela minha família”, Cabrini pergunta se será uma mágoa permanente e se tem cura, Brunna responde “Vai ser permanente, só seria curada se um dia tivesse pedido de perdão, principalmente da minha mãe, se um dia chegar e falar ‘eu te aceito, como minha filha (ela dá ênfase no a do final da palavra)”, Cabrini pergunta se ela acha que vai ouvir tal frase e Brunna afirma. Imagens das três personagens do episódio aparecem e o jornalista narra “nada abala a esperança de, um dia, se encontrar com seu verdadeiro corpo, a sua cara, o seu jeito, o seu destino, a sua escolha”. No estúdio, Cabrini fala para a câmera “a cirurgia de troca de sexo é um procedimento radical que envolve, antes de tudo, a preparação psicológica dos que tomam a decisão de realizá-la, todos os casos revelam que o êxito do procedimento depende, antes de tudo, da aceitação dos limites humanos, mais importante do que corrigir o corpo é trabalhar a própria mente”.

Nesta finalização do programa, Cabrini busca mostrar que, apesar de ser considerada um distúrbio, a transexualidade não é vista dessa forma por muitas pessoas. Todavia, ele não utiliza muitos argumentos para mostrar que, realmente, ser transexual não é nenhum problema. Ele trata a questão como se a pessoa não soubesse com o gênero que se identifica, citando novamente o nome civil de Brunna, como se isso a tivesse definido antes de ‘se encontrar’. Ao falar sobre ‘encontrar’ quem se é, e falando sobre trabalhar a mente, pode parecer que as transexuais decidem pela cirurgia de última hora, sem uma definição prévia, como se fizessem a cirurgia por impulso.

6. Considerações Finais

Durante a pesquisa foram analisados três programas jornalísticos, cada um de um canal de televisão aberta. A partir da comparação dos elementos presentes nas transcrições dos programas que compõem o corpus da análise foi possível atingir resultados consistentes para a conclusão desta monografia. Por meio da análise dos elementos culturais que foram sendo construídos em nossa sociedade e que são amplamente disseminados por esta, pudemos reconhecê-los nos discursos, tanto imagéticos quanto verbais, dos programas. Tais discursos, quando reproduzidos por programas com grande público, podem resultar na formação e transmissão de produtos culturais, de cunho jornalístico, que mostram os transexuais e travestis de forma equivocada e repleta de preconceitos e estereótipos. Pudemos apreender características específicas e também semelhantes nos três programas analisados, o que, quando vistos na televisão sem uma análise mais detalhada e atenciosa podem não ser percebidas de forma clara por um público, por assim dizer, mais leigo, o que não significa, no entanto, que sua mensagem não será entendida, apreendida e, em alguns casos, difundida.

O enredo dos programas é uma das principais semelhanças, eles buscam mostrar a vida do transexual como ela realmente é, algo que podemos considerar como um ponto positivo, uma vez que ao mostrarem e abordarem a vida de transexuais e travestis e como é sua vida, como funcionam os processos de transexualização, eles permitem que o público se aproxime de sua realidade, vejam os sofrimentos e felicidades de travestis e transexuais. No entanto, a edição das imagens pode mostrar suas vidas como um “conto de fadas”, sendo um percurso inicial difícil, se assumir, sofrer preconceito, buscar pela aceitação, mas que no final tudo dá certo. Nesse “final feliz”, podem ser faladas e mostradas as dificuldades de assumir sua identidade, sua forma de viver, suas dúvidas, mas a conclusão é de que travestis e transexuais sempre serão aceitos pelas pessoas, mesmo que nem sempre pela família, mas conseguirão ter uma vida feliz e digna, o que, infelizmente, nem sempre é real. Todavia, todos os programas se mostram um pouco insistentes em mostrar seus entrevistados na infância, vestidos de acordo com o gênero que lhe foi designado ao nascer, como se mostrar que eles um dia foram ‘meninos’ ou ‘meninas’ mudasse a maneira como são hoje. Há, também, uma necessidade de falar sobre o passado, se “resta” alguma coisa do gênero que foi designado ao nascer, como se não houvessem passado por construções conforme foram crescendo, parecendo que as

identidades, a forma como foram se construindo são fixas e foram definidas em apenas um momento de suas vidas.

No programa *Profissão Repórter*, eles mostram apenas crianças de outros países, dando a impressão de que no Brasil só existem adultos transexuais, mas que o público brasileiro é aberto as crianças transexuais e travestis. A reação de Caco Barcellos diante de Laerte impressiona, apesar do programa buscar mostrar o lado ‘humano’ das reportagens, seus bastidores, e de ele estar mostrando que ele não sabe como lidar, não entende-se o motivo pelo qual ele está assim construído. Um jornalista, reconhecido por grandes reportagens, que já passou tantos problemas e que não consegue lidar com uma pessoa que ele já conhecia mas que agora vai encontrar após ela ter assumido sua identidade. A forma como ele fala sobre Laerte, insistindo na época em que ela não era assumida. Barcellos passa a impressão de que não consegue lidar com a forma de Laerte viver, uma vez que eles se conheceram quando ela ainda era chamada por ‘ele’. Apesar de retratar diversos transexuais, inclusive transhomens, o que nem todos os programas mostram, o programa não aprofunda nenhuma das questões propostas, apenas mostram a situação deles, um breve relato de sua vida, de como é sua vida agora e acompanham um pouco seu dia-a-dia. Tem-se a impressão de que apenas querem mostrar que eles fazem parte da sociedade, que convivem com todos e só, esquecendo-se de aprofundar as questões de preconceito na família, na sociedade, de seus fatores psicológicos e pessoais, suas identificações, de como se percebem e demais temáticas.

O programa *A Liga* também mostra transhomens, mostrando as duas formas de transexualidade, o que é muito positivo para mostrar ao público, inclusive mostrando o relacionamento entre transexuais e também, um pouco de como é uma consulta para o processo transexualizador. Os repórteres parecem mais confortáveis fazendo as matérias do que os jornalistas dos demais programas, apesar de Mariana ser mais exagerada quando fala com Kaká, exagerando na forma de falar, usando vários adjetivos, falando sobre maquiagens, roupas. Quando ela vai falar com a família de Kaká, ela se mostra firme e aberta ao que eles estão falando. Os demais repórteres também buscam uma aproximação das famílias, tentando mostrar ao público uma naturalidade para lidar com o tema. Eles buscam entrar nas questões mais íntimas, da aceitação da família, de como foi se assumir, como foi a infância, o preconceito da sociedade, como no caso de Paula, diretora de uma escola, indo um pouco mais fundo do que os outros programas, mesmo que, em alguns momentos, eles lidem com humor. Eles tentam mostrar os dois lados da

vida, mesmo que ao mostrar o preconceito, este apenas seja exibido e não ocorra uma reação a ele.

No programa, *Conexão repórter*, a sonoplastia deixa uma impressão de sensacionalismo. As músicas de background são sempre de impacto, buscando passar a impressão de certo mistério ou de espetáculo misterioso. O posicionamento corporal do apresentador ao entrevistar Vivian e Brunna no estúdio transmite a impressão de estar fechado para o assunto, ele permanece em muitos momentos com os braços cruzados em frente ao peito, falando sempre de maneira séria e imperativa. O programa foca muito na questão corporal e biológica de suas entrevistadas, principalmente de Vivian, que já passou pela cirurgia. Mostram diversas imagens dela de biquíni, no clube, na academia, grande parte de suas falas são sobre a vontade de usar roupas justas, de poder ir sem constrangimento ao vestiário feminino. Tal edição de imagens, passa a impressão de que transexuais e travestis passam pelo processo transexualizador unicamente pelo corpo, pela estética. A divisão do programa, que se divide entre acompanhar as entrevistadas e entrevistá-las no estúdio, quebra um pouco a dinâmica do programa, que parece mais com um interrogatório, principalmente, pela postura que o apresentador tem durante as entrevistas, de insistir sobre arrependimentos, sobre a certeza de fazer a cirurgia e sobre a vida de acordo com o gênero que foi designado ao nascer, como se fossem vidas separadas pela cirurgia.

A questão biológica, do indivíduo ter nascido com uma genitália considerada feminina ou masculina, é tratada abertamente pelos programas *A Liga* e *Conexão Repórter*, falando sobre ter um pênis ou não, sobre a cirurgia de transgenitalização, e todos os demais tópicos relacionados ao assunto. Já no programa *Profissão Repórter*, o assunto não é tratado de maneira aberta. Apenas quando se pergunta sobre a fila da cirurgia e quando acompanham Christian nas consultas do processo transexualizador, mesmo assim, o foco não é, exatamente, a questão biológica. Podemos entender que a linha editorial do canal, um canal com grande audiência e considerado tradicional por seu público, não permite que determinados assuntos sejam debatidos abertamente. Todas as temáticas do programa são tratadas de maneira mais ‘leve’ do que nos demais programas. Talvez por receio de chocar seu público e perder sua fidelidade ao assistir o programa.

Mesmo que busquem mostrar uma realidade vivida na sociedade, como um meio de acabar com o preconceito, de abordar todos os tipos de assunto, os programas acabam transmitindo ao público conceitos, padrões e normas culturais que são equivocadas. Usa-se muito o termo “cirurgia de mudança de sexo” em todos os programas, mesmo que

Laerte explique o termo certo é ‘redesignação’, pois não é uma mudança; uma das jornalistas narra sobre ‘mudança de sexo’ ao falar sobre a espera pela cirurgia pelo SUS. Parecendo, inclusive, que os jornalistas do mesmo veículo não se falam ou não assistem as matérias uns dos outros. Os programas possuem um público que os acompanha, que se interessa por seus temas e os assiste para se informar, mas acaba acontecendo o contrário, ao utilizarem termos equivocados, acabam prestando um desserviço a seu público, e, por que não, a si mesmos, ao não se informarem antes de fazerem as matérias, eles continuam com a cultura limitada que é transmitida pela sociedade.

Um ponto interessante a se notar é que o menos ‘jornalístico’ dos programas, acaba sendo o que melhor informa. Os repórteres do programa *A Liga* não são todos jornalistas, cada um veio de uma área cultural, temos um modelo, um rapper, um apresentador, e, talvez, seja essa mistura que faz com que o programa mostre diversas realidades de uma forma simples e real. Indo falar com as famílias, mostrando diversas falas dos pais e irmãos, discutindo certos assuntos, como como foi quando se assumiram.

Por sua brevidade, os programas não conseguem mostrar com detalhes a vida das transexuais e travestis. No entanto, perdem a oportunidade de utilizar seu tempo para sair dos clichês mostrados exaustivamente pela mídia. A mídia, muitas vezes, minimiza a questão de transexuais e travestis ao próprio corpo, esquecendo-se que eles possuem uma parte interna que é a principal fonte de sua identificação, seu corpo biológico não é sempre uma questão. Os programas têm uma necessidade de unir a informação que eles pretendem passar com uma ‘linha’ do aceitável pela sociedade, tentando não passar demais o que, acredita-se, que o público quer assistir, acabando por ficar quase sempre no “senso-comum”.

Os programas acabam não transmitindo nenhuma forma nova de cultura, eles acabam reafirmando estereótipos e não desmistificando a cultura atual que temos. Eles reafirmam padrões e normas ao utilizarem termos já disseminados e não fornecem ao público novas visões, novas realidades e conceitos mais corretos do que os já utilizados.

7. Referências Bibliográficas

ADELMAN, Miriam et al. **Travestis e Transexuais e os outros: Identidade e experiências de vida.** Revista Gênero. Volume 4, nº1, 2003. Disponível em < <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/238/158> >

BECKER, Beatriz. 500 Anos do descobrimento nos noticiários da TV. *In* **Telejornalismo: a nova praça pública**, Alfredo Eurico Vizeu Pereira Junior, Célia Ladeira Mota, Flávio Antônio Camargo Porcello (orgs.) - Florianópolis: Editora Insular, 2009

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Opinativo.** Porto Alegre: Editora Sulina, 1980.

BORBA, Rodrigo et OSTERMANN, Ana Cristina. **Gênero ilimitado: a construção discursiva da identidade travesti através da manipulação do sistema de gênero gramatical.** *In* Estudos feministas, Florianópolis, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v16n2/06.pdf> > Acesso em: 14 de fev. de 2013

CHAMBAT-HOUILLON, Marie-France. **Um falso na televisão? Da mentira à fraude: o exemplo do documentário *Operação Lune*** *In* Televisão e Realidade, organização Itania Maria Mota Gomes, Salvador: Editora EDUFBA, 2009

CHARADEAU, Patrick. Discurso das mídias. Tradução: Ângela S. M. Corrêa. 2ª edição. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

CORREIA, João Carlos. **Retorno ao “Arrastão de Lisboa”:** reflexões sobre epistemologia do jornalismo *In* **Telejornalismo: a nova praça pública**, Alfredo Eurico Vizeu Pereira Junior, Célia Ladeira Mota, Flávio Antônio Camargo Porcello (orgs.) - Florianópolis: Editora Insular, 2006.

Dicionário Michaelis Online. Disponível em < <http://michaelis.uol.com.br/> >

Dicionário Unesp do Português Contemporâneo. Organizador: Francisco S. Borba e colaboradores. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

FELIPE, Jane. Representações de gênero, sexualidade e corpo na mídia. *In* Revista Tecnologia e Sociedade. s/d. Disponível em < <http://www.ufrgs.br/faced/pesquisa/gein/artigos/Representa%C3%A7%C3%B5es%20de%20g%C3%AAnero,%20sexualidade%20e%20corpo%20na%20m%C3%ADdia.pdf> >

FLAUSINO, Márcia Coelho. Mídia, sexualidade e identidade de gênero. *In* XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002. Disponível em: < <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/7789680175130545946076454673496728979.pdf> >

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade:** a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 1ª edição. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2014.

FURLANI, Jimena. Educação sexual: possibilidades didáticas; *In. Corpo, Gênero e sexualidade:* Um debate contemporâneo na educação; Editora Petrópolis, RJ: Vozes, 2012

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo; *In. Corpo, Gênero e sexualidade:* um debate contemporâneo na educação; Editora Petrópolis, RJ: Vozes, 2012

JESUS, Jaqueline Gomes de; Identidade de gênero e políticas de afirmação identitária. *In* Congresso Internacional de Estudos sobre a diversidade sexual e de gênero, VI, 2012. Disponível em: http://www.pr5.ufrj.br/diversidade/images/IDENTIDADE_DE_G%3%8ANERO_E_POL%3%8DTICAS_DE_AFIRMA%3%87%3%83O_IDENTIT%3%81RIA.pdf

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais?. *In* Silva, Thomaz Tadeu da (Org.). O que é, afinal, Estudos Culturais?. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 4ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 7-132. [Original: JOHNSON, Richard. What is Cultural Studies anyway? *Social Text*, n.16, p.38-80, Winter, 1986-1987].

KELLNER, Douglas. A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: Editora Edusc, 2001.

LEAL, Bruno Leal. **Telejornalismo e autenticação do real:** estratégias, espaços e acontecimentos. *In* Televisão e Realidade, organização Itania Maria Mota Gomes. Salvador: Editora EDUFBA, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. *Educação em Revista*. Belo Horizonte. n. 46. 2007. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/edur/n46/a08n46> >

LOURO, Guacira Lopes. **Teoria queer-** Uma política pós-identitária para a educação. *Estudos feministas*, 2001. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8639.pdf>>

MALUF, Sônia Weidner. **Corporalidade e desejo:** Tudo sobre minha mãe e o gênero na margem. *Revista Estudos Feministas*, 2002. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11633.pdf> >

MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. **“Inclusão” de travestis e transexuais através do nome social e mudança de prenome:** diálogos iniciais com Karen Schwach e outras fontes. *In* Revista Oralidade. Ano 6, nº11. 2012

Disponível

em:

<http://diversitas.fflch.usp.br/files/5.%20MARANH%C3%83O%20FILHO,%20E.M.A.%20Inclus%C3%A3o%20de%20travestis%20e%20transexuais%20atrav%C3%A9s%20do%20nome%20social%20e%20mudan%C3%A7a%20de%20prenome%20-%20di%C3%A1logos%20iniciais%20com%20Karen%20Schwach%20e%20outras%20fontes_0.pdf>

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo:** gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3ª edição. Campos do Jordão: Editora Mantiqueira. 2003.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro.** 2ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

Ministério da Saúde; Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais; Brasília; 2010. Disponível em <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/Politica_LGBT.pdf> Acesso em: 1º de abril de 2015.

Ministério da Saúde; portaria nº 1.707, de agosto de 2008. Disponível em <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2008/prt1707_18_08_2008.html> Acesso em: 1º de abril de 2015

Ministério da Saúde; Portaria nº 2.803, de 19 de novembro de 2013. Disponível em <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2803_19_11_2013.html> Acesso em: 1º de abril de 2015

PELÚCIO, Larissa. Desfazendo o gênero *In* **Diferenças na educação:** outros aprendizados. Organizadores: Richard Miskolci, Jorge Leite Júnior. São Carlos: Editora EdUFScar. 2014.

PORCELLO. Flávio Antônio Camargo. **TV e poder:** as relações sombrias que ajudam a fazer a história recente do Brasil *In* **Telejornalismo:** a nova praça pública, Alfredo Eurico Vizeu Pereira Junior, Célia Ladeira Mota, Flávio Antônio Camargo Porcello (orgs.) - Florianópolis: Editora Insular, 2009

Projeto de Lei 122. Site oficial. Disponível em <<http://www.plc122.com.br/#axzz3XDAgf4Ax>>

VANDENBOS, Gary R.; Dicionário de Psicologia da APA-American Psychological Association. Porto Alegre: Editora Artmed, 2010.

VENCATO, Anna Paula. **“Fervendo com as drags”**: corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina. Dissertação (Mestrado) – Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2002. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/84381/183795.pdf?sequence=1>>
>

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra. 1992.

Referências dos programas televisivos

A LIGA, Rede Bandeirantes, 13 de agosto de 2013. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=x9Q5DBOC42I>>

CONEXÃO REPÓRTER, SBT, 18 de abril de 2013. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=9-fchbXVvxE>>

PROFISSÃO REPÓRTER, Rede Globo, 18 de novembro de 2014. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=d9xHzTeYguo>>